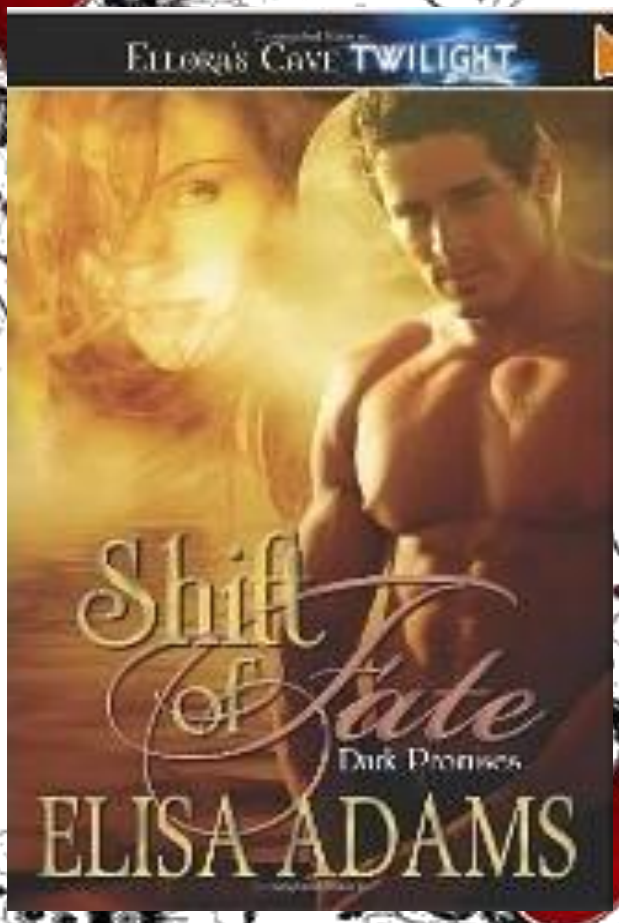
PROMESSAS ESCURAS

03 *MUDANÇA DE DESTINO*

Elisa Adams



Tradutora: Jane

Revisão Inicial: Elen Bia

Revisão Final: Laura Barretto

Leitura Final: Evanice

Informação da série:

01 - Meia noite – Distribuído

02 - Obsessão demoníaca – Distribuído

03 - Mudança de destino – Distribuído

04 - Carne e sangue – A REVISAR

05 - Manchada – A REVISAR

Sinopse

Vingança. Tem sido a força motriz de Royce há meses, desde que Mérida o deixou sem sequer dizer adeus. Quando um amigo de Royce apresenta a oportunidade perfeita para acertar as contas, na forma do mal que espreita uma pequena cidade da Nova Inglaterra, ele acha que é sorte. Trazer Mérida para Vermont é fácil, o difícil é manter as mãos longe dela, agora que a tem junto de si. As possibilidades são infinitas, até mesmo quando o mal que os espreita decide perseguir Mérida.

Escapar. Foi o plano de Mérida o tempo todo, desde que fugiu de Royce, após o último encontro deles e sua batalha com o mal. Quando Mérida atende ao chamado de Royce, pedindo sua ajuda para resolver um problema paranormal em Caswell, Vermont, ela espera que isso seja o que precisa, para tirá-lo de seus pensamentos e sonhos. Ela fugiu, não só do seu chefe autoritário e da paixão que ainda sentia por Royce, mas do destino que ela teme. Uma história que mudaria sua vida para sempre. Mas não contava com o destino ficando no caminho de seus planos.

Capítulo Um

Mérida descansava em sua cadeira favorita, com os olhos fechados, ouvindo os sons das gaivotas sobrevoando e das ondas quebrando contra a costa a cem pés[1], do pátio que a cercava. Os odores mornos da água salgada e da areia quente enchiam seus sentidos, o calor do sol de maio aquecia sua pele bronzeada.

Abriu os olhos e examinou toda a praia. Não havia uma alma à vista. Assim como ela gostava das coisas. Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se completa e pacificamente sozinha. Nenhum irmão mais velho para lhe dizer como se comportar, nenhum chefe dominante para lhe dizer o que fazer... E o melhor de tudo, nenhum vampiro para bagunçar com sua cabeça e fazer estragos em suas emoções.

—Posso pegar alguma coisa para você antes de sair?

Ela olhou para Brett, o empregado muito sexy para seu próprio bem. Certo, então não estava sozinha.

Ele permaneceu acima de sua cadeira, com os pés afastados. A maneira como estava com as mãos cruzadas atrás das costas, puxava a sua camisa verde esmeralda apertando-a contra seu peito bem constituído. Brett era musculoso, mas não excessivamente, como certo vampiro que ela conhecia, com cabelos cor de chocolate e olhos marrons, e sua face muito suave para ser chamado de áspero.

A companheira de seu irmão o chamou de "*bonito*" na última vez

[1] **Pé** (ou **pés** no plural; símbolo: **ft** ou **′**) - é uma unidade de medida de comprimento. Um pé corresponde a doze polegadas, e três pés são uma jarda. Esse sistema de medida é utilizado atualmente no Reino Unido nos Estados Unidos e, com menor frequência, no Canadá. Um pé correspondia a onze polegadas e meia. Hoje, a medida é doze polegadas - o tamanho médio dos pés masculinos adultos. Esta medida é amplamente usada na aviação, e atualmente equivale a **30,48 centímetros.**

que a tinha visitado, e Mérida tinha concordado. A descrição se encaixava. Nunca perguntou, mas ele não poderia ter mais de vinte e um ou vinte e dois anos. Um bebê! Mas velho o suficiente para levá-la para a cama, e era isso o que todos ao seu redor pareciam pensar.

Nada disso.

Havia considerado a possibilidade, seria uma tola se não o fizesse, e ele demonstrara uma ou outra vez que estava pronto e disposto, mas ela não teve coragem de ir até o fim. Sua mente recusava-se a deixar no passado, um certo homem que preferia esquecer.

—Não, obrigada. Tenho tudo que preciso. Verei você amanhã?

—Tem certeza? — Ele insistiu, levantando uma sobrancelha, com sua voz cheia de insinuações. Se ele soubesse quantos anos ela realmente tinha, iria correr em outra direção tão rápido quanto poderia.

Abriu a boca para aceitar o que ele oferecia, mas sua mente não a deixou dar a resposta. Suspirou.

—Desculpe. Está noite não.

—Tudo bem. — Deu-lhe um sorriso assassino, que a faria fazer qualquer coisa que ele quisesse, se ela fosse mais jovem alguns séculos. —Talvez outro dia?

—Definitivamente.

Seu sorriso se alargou.

—Certo. Lembre-se que tenho aula amanhã pela manhã, assim não poderei chegar até às duas da tarde. Porém, posso ficar até mais tarde, se você quiser.

Ela resistiu ao impulso de gemer em frustração. Tinha um homem surpreendente à sua disposição, oferecendo-lhe algo que ela deveria querer, e não podia aceitar a oferta.

—Talvez. Vamos ver o que acontece.

—Tudo bem. Vejo-a mais tarde. — Ele hesitou por alguns segundos antes de caminhar em direção à porta que levava a frente da casa. Olhou para seu traseiro quando foi embora, meio querendo chamá-lo de volta. Mas o deixou ir, como fazia todas as tardes e lamentou o momento que tinha conhecido Royce Cardoso.

—Malditos vampiros, — ela murmurou. —Sempre bagunçando tudo.

Se pudesse voltar no tempo, para quando o tinha conhecido naquela noite, quase um ano atrás, em uma pequena cidade da New England, ela mudaria tudo. Nunca teria anunciado sua presença a ele. Royce jamais saberia que não estava sozinho em sua busca ao assassino que estava procurado. Mas, por impulso, saiu das sombras e se ofereceu para ajudá-lo.

Na época, tinha parecido uma boa ideia. Ambos estavam trabalhando para alcançar o mesmo objetivo, então por que não trabalhar juntos? Ela não tinha esperado que a química causasse uma explosão entre eles. A noite que passaram juntos havia sido uma das coisas que a fez fugir para a Flórida, para a solidão de uma propriedade privada.

Mas havia outras razões, mais profundas, aquelas que a mantinham acordada durante a noite. Se pudesse ficar aqui para o resto de sua vida, talvez fosse capaz de esquecer tudo o que tinha acontecido.

Improvável.

Estava em Key Westfor há três meses, e imagens de sua antiga vida ainda a assombravam durante a noite, quando o mundo dormia ao redor dela. Respirou profundamente e empurrou os óculos de sol até o nariz.

Nada jamais seria o mesmo, precisava se acostumar com isso. A Flórida parecia ser o lugar perfeito para começar de novo. Tinha todo o calor e sol que queria o tempo todo, uma praia privada anexa à mansão que havia comprado. Abundância de espaço e privacidade. A vida era doce. Exceto…

Balançou a cabeça, não disposta a ir lá, ainda não. Havia deixado para trás tudo que tinha conhecido quando deixou New England, sua casa, sua família, não iria se machucar pensando sobre isso novamente. Não quando isso ainda estava tão fresco em sua mente. Se Sam simplesmente a tivesse dispensado após esse último infortúnio, poderia ter sido capaz de lidar com isso. Mas ele tinha jogado um monte de responsabilidades indesejadas sobre os ombros dela.

Não iria aceitar o que ele havia lhe pedido. Não queria isto, nunca quis e não iria deixá-lo se safar, empurrando-a para um trabalho que não tinha interesse algum em assumir.

Então empacotou suas coisas e se afastou. Com o tempo, esqueceria sua raiva e entraria em contato com Sam, mas não agora. Foi logo depois da confissão que sua vida mudou, tinha coisas mais importantes a fazer do que se preocupar com seus sentimentos. Como negar seu destino.

A voz de Sam flutuava em sua mente, como tinha feito durante muitas noites.

O destino é muito importante para ser ignorado. Mérida. Você tem que aceitar o que é, e o que está destinada a ser. Você não pode lutar contra isso.

—Besteira, — ela murmurou irônica. —A habilidade de negação é minha maior qualidade.

O telefone sem fio, na pequena mesa de metal próxima a sua

cadeira tocou, tirando-a de seus pensamentos deprimentes. Pegou o telefone, esperando mesmo contra a vontade, que ele tinha finalmente decidido se comunicar.

Soltou um suspiro quando ouviu a voz de seu irmão.

—Ei, irmã.

—Eric.

—Bom falar com você também. — Seu tom espelhava toda a ansiedade e irritação que sentia, mas por razões diferentes. Em sua última visita, Eric disse que Mérida precisava de ajuda profissional. Ela não tinha sido muito agradável em sua resposta.

—Sinto muito. Pensei que era outra pessoa.

—Sam? Ou Royce?

Ela quase revelou o nome de Royce, mas segurou-o de volta. Não tinha nenhum sentido dar a Eric mais munição para insultá-la do que ele já tinha.

—Nenhum.

—O que há com você? — Ele perguntou seu tom a repreendendo. —Por que você está obcecada com o vampiro? Ele não é um cara legal, Mérida. Pensei que você já houvesse percebido isso.

Ela quase riu. Eric não sabia a metade do que tinha acontecido entre eles. Se soubesse, poderia ter feito algo ridiculamente antiquado, como tentar defender sua honra.

—Você pensa que não sei disso? — Estourou em uma respiração brusca, tentando evitar gritar com seu irmão. Ela não tinha deixado perfeitamente claro que não queria mais interferências em sua vida?

—Então por que se incomoda em pensar nele? Não entendo.

—Essa é a beleza de tudo isso. Você não tem que entender. É a minha vida, Eric, não a sua, nem de Sam. Quero que você pare de

me pressionar, porque nada do que você disser vai ter qualquer efeito. Sou capaz de cuidar de mim mesma. Por que você não vai brincar de casinha com Ellie e me deixa em paz?

—Fácil, docinho. Estou apenas tentando entender o que está acontecendo com você.

Um pouco de sua raiva diminuiu ante seu tom preocupado. Ela segurou a respiração e deixou escapar um longo suspiro.

—Nada está acontecendo comigo. Nada. Só precisava de uma pausa. Isto não tem nada a ver com Royce.

—Sim, claro que não. — A resposta de Eric ecoou em sua cabeça, e quase podia sentir sua tensão através da linha do telefone. Embora eles tivessem formado uma aliança durante sua busca pelo assassino, que quase tinha tomado a vida de Ellie, Eric e Royce não podiam permanecer perto um do outro.

Para dizer a verdade, ela e Royce não se deram exatamente bem, de qualquer modo. Nunca seria capaz de chamar o homem de amigo. Cada vez que eles ficaram perto um do outro, tinham estado prontos para rasgar um ao outro. Havia também uma intensa necessidade debaixo de toda a hostilidade... Motivo pelo qual prometeu a si mesma que nunca pensaria sobre isso novamente.

Fim de discussão.

—Realmente, Eric, não poderia me importar menos com Royce. Mudei e sou feliz aqui. Você e Ellie deveriam vir me visitar, você amará a Flórida.

—Parece bom. Conversarei com Ellie. Estou certo que ela adoraria ir para uma visita. — Ela sentiu o sorriso em sua voz quando ele falou novamente. —Estou feliz que você esteja bem. Se comporte ok? Não entre em problemas.

—Nunca entro.

—Certo. Você é um perfeito anjo.

Ela riu de seu divertido tom sarcástico. Enquanto crescia as dificuldades pareciam estar ao seu redor. Não que tenha feito qualquer coisa para evitar isso. Algumas coisas nunca mudariam.

—Um anjo, hein? Que divertido seria? Do que me lembro, você não era exatamente um santo.

—Não me lembre. Só não faça nada que eu não faria.

—Isso me deixa muito para brincar. Diga a Ellie que mandei um oi.

Mérida desligou o telefone e se levantou da cadeira, caminhando para a extremidade do pátio para enterrar os dedos do pé na areia quente. Poderia ser capaz de esquecer os segredos que Sam ocultou dela, mas o que tinha acontecido com Royce seria difícil. Algumas coisas eram impossíveis de se esquecer.

*****

Mulheres.

Em todos os lugares que ele passou, elas só causaram problemas.

Royce fechou a porta do carro, andou até os três lances de degraus da escada, para seu minúsculo apartamento sem elevador. Parou e fechou a porta atrás de si, entrando antes de colocar seu punho através do gesso na parede junto à porta. Não queria ter de explicar outro buraco na parede para seu senhorio, que não tinha ficado contente com os dois primeiros.

Pegou uma garrafa de água da geladeira e tomou um longo gole. Ele não precisava de nenhuma mulher o aborrecendo agora. De fato teria muito prazer em nunca ter novamente. Sempre. Desde que

Mérida partiu, quase um ano atrás, reafirmou seu voto de se manter a distância de toda e qualquer mulher. Queimou-se duas vezes. Muito mal. Se recusava a deixar acontecer novamente.

O que aconteceu esta noite tinha sido um problema muito diferente, mas silenciosamente tinha culpado a mulher envolvida.

Desde que regressou da África do Sul alguns meses atrás, tinha trabalhado como investigador particular.

Pensou que a mudança de rumo o libertaria do enfado que ruía insaciavelmente seu intestino. Ficou entediado, depois apático e, alguns meses atrás, decidiu que uma mudança de carreira poderia ajudar.

Ao invés disso, ele só conseguiu agravar. Cônjuges enganados, fraudes de seguros... Em cada caso ele se afundava mais e mais em sua rotina. E hoje à noite, quando a mulher que estava investigando para o marido, quebrou a janela traseira do seu carro com um ferro de pneu, ele tinha estado pronto para matar.

Tinha chegado o momento de tomar medidas mais drásticas. Tinha um amigo no norte, vivendo em alguma parte rural de Vermont, que poderia ir visitar. Não via Wil há bastante tempo, não desde seus dias selvagens, anos atrás.

Uma viagem a Vermont para relaxar e deixar as preocupações sobre o trabalho, ou as mulheres para trás poderia ser exatamente o que precisava.

Talvez isso o ajudasse a esquecer de Mérida definitivamente, de como ela o deixou e o quão irritado ficava ao pensar nisso tudo. Ela partiu o deixando sozinho.

Ele e Mérida nunca prometeram um ao outro nada mais que uma noite. Mas ele esperara por mais.

Tolo.

A esperança era uma coisa ridícula. Seria melhor esquecer o que tinha acontecido. Foi uma noite de sexo surpreendente, incrível. Afinal, não era o que ele fazia de melhor? Ame-as e deixe-as. Esse era ele.

A descrição se encaixava perfeitamente a Royce. Qualquer uma das mulheres que teve desde sua esposa diria a mesma coisa. E nos anos que viveu, foram adicionadas centenas de testemunhas.

Então por que tinha sido Mérida a única a partir?

Abandonou a água por algo um pouco mais forte, uma garrafa de vinho tinto envelhecido que seu irmão havia enviado algumas semanas atrás.

Não se incomodou em pegar um copo, tomou um longo gole, fechando os olhos quando o líquido queimou sua garganta ao descer.

Marco frequentemente lhe perguntava por que ele se torturava gostando disto. Não tinha se importado de desistir de sua vida humana quando se tornou um vampiro, mas havia algumas coisas que um homem simplesmente não podia desistir.

Após mais alguns goles, fechou a garrafa e a guardou novamente no armário. Com seus sentidos exaltados e baixa resistência ao álcool, o vinho o golpearia duro e rápido. Esfregou uma mão no rosto enquanto caminhava pelo corredor até seu quarto.

O sol estaria alto logo e, agora que a adrenalina tinha começado a diminuir, sentiu o cansaço da noite pesar sobre ele. Precisava de algum descanso antes de fazer algo estúpido e selvagem que lamentaria mais tarde.

Tirou seus jeans e camiseta e saltou sobre a cama desfeita, puxando o lençol até a cintura. Os lençóis frescos pareciam bons contra suas costas, o silêncio do quarto era uma refrescante mudança depois de lidar com mais uma noite nas ruas ocupadas da cidade.

A campainha soou quando tinha começado a cochilar. A única pessoa que podia pensar que o visitaria a esta hora seria seu irmão e só se houvesse problemas.

Com o coração batendo acelerado, saiu da cama, não se incomodando em colocar coisa alguma sobre a cueca antes de ir atender a porta. Para sua surpresa, não era Marco do outro lado da porta.

Uma mulher com quem tinha transado semanas atrás estava no corredor, com um sorriso ansioso no rosto.

—Oi, Royce.

—Oi. — Ele inclinou um quadril contra o batente da porta, querendo saber o que ela estava procurando. Sempre queriam algo e ela, qual era seu nome mesmo? Não seria nenhuma exceção.

—Não tenho notícias suas há algum tempo – ela reclamou fazendo um beicinho ridículo.

Ele cruzou os braços sobre o tórax e a encarou. Nunca tinha feito qualquer tipo de promessa à ela, pensou entediado.

—Tenho estado ocupado.

—Imaginei. Posso entrar?

—Isso depende. O que a traz tão cedo esta manhã?

—Soube que você estaria aqui. Pensei que você poderia estar sozinho.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Então você veio para me fazer companhia?

—Sim. — Seu olhar se desviou para o delicioso volume dentro de sua cueca, antes de voltar a seu rosto. —Se você estiver afim, claro.

Abriu mais a porta e ficou de lado, permitindo que ela entrasse no apartamento. Ela pensou que ele poderia estar solitário, pois não

tinha ideia do quão verdadeiro isso era.

Capítulo Dois

—Que diabo...? — Wil Brogan disse em voz sussurrada quando desviou a vista da cena à frente, algo semelhante a um filme de terror. Em dez anos na força policial de Caswell, ele nunca tinha encontrado nada parecido. Não aqui. Tinha visto isso sim, e pior, mas em outra vida, em outra época.

Uma época que tinha tentado duramente esquecer.

Deu um passo para dentro do quarto, seu olhar fixo no punhado de oficiais de pé ao redor dos corpos.

—Eles foram encontrados assim? Dessa forma? — Em Nova York, não teria feito esta pergunta. Mas em Caswell, nada era garantido

Os oficiais passavam por todo o treinamento sobre como lidar com cenas de crimes, mas a maiorias deles só lidaram em toda a Vermont, com acidentes causados por condução imprudente ou bêbados.

Assassinato… a cidade não tinha visto nada assim em todos os anos em que ele vivia ali. A maioria, se não todos os oficiais da força, nunca tinham visto algo tão abismal.

Wil tinha visto. Muitas, muitas vezes. Mantinha as memórias armazenadas em um lugar que ele já não se importava mais de reconhecer. A visão a sua frente trazia à tona as memórias dos recessos mais profundos de sua mente, torcendo seu intestino em um nó doloroso e fazendo sua cabeça girar.

Um oficial, Ray Denton, passou a mão por seu rosto bochechudo, seus olhos refletindo o mesmo tormento e horror que Wil sentia por dentro, mas por razões muito diferentes.

—Sim. Ninguém os moveu. A Sra. Henderson entrou e os achou assim.

Wil desviou o olhar em direção à cozinha, onde Lora Henderson, uma mulher que vivia na rua de baixo, um quilômetro mais ou menos, estava conversando com outro detetive. Ela movimentava suas mãos em gestos nervosos enquanto falava, seu rosto pálido estava manchado com lágrimas.

Estava disposto a apostar que ela iria ver os corpos em seus pesadelos nos próximos anos.

Soltou uma respiração dura, quando mediu todo o comprimento da sala, sua mente presa em um passado que já não reivindicava como seu próprio. Antes das memórias o deixarem louco, voltou sua atenção para a tarefa à mão, a cena do crime sangrento diante dele.

—O quarto está exatamente do jeito que foi encontrado? Ninguém toucou em nada, certo?

Denton balançou a cabeça, seus olhos mal escondendo seu aborrecimento ante o questionamento de Wil.

—Nada foi tocado no tempo que cheguei aqui, há algumas horas.

Boa. A última coisa que ele precisava, em cima desta bagunça, era uma discussão com o velho e rabugento médico legista.

Wil beliscou a ponta de seu nariz e fechou os olhos. O sabor acobreado de sangue encheu o ar e seus sentidos, fazendo seu estômago rodar. Ele também detectou um fraco odor semelhante a cabelo queimado, embora ele duvidasse que mais alguém na sala tivesse notado.

Estava grato por isso, sabendo que poderia causar muitas

perguntas. Facas, o que provavelmente seria determinado como a arma do crime, não queimadura. Ele sabia de algumas outras coisas que causaria um cheiro de queimado, nenhuma delas dentro da esfera de credibilidade para o povo de Caswell.

Abriu os olhos e mais uma vez examinou o quarto escuro, iluminado por um par de luminárias na mesa e os pequenos feixes de luar, filtrando através das cortinas. Duvidava que a iluminação parecesse adequada para aqueles ao seu redor, mas não tinha nenhum problema em assistir cada detalhe.

Um homem estava de costas no chão, braços e pernas espalhados em ângulos ímpares. Sua garganta estava cortada… não, não cortada. Sua garganta havia sido retalhada, sua camisa de cor clara manchada de sangue e rasgada em vários lugares. Wil estremeceu. À primeira vista, não podia dizer, onde terminava a camisa e a pele rasgada começava.

O corpo de uma mulher estava próximo, esparramado, metade no sofá e metade no piso. Seu cabelo escuro estava empapado com o que só poderia ser sangue, mas a única lesão visível era um corte na têmpora. Náusea varreu sobre ele e se inclinou contra a parede mais próxima, cobrindo a boca e o nariz com a mão e dando uma respiração profunda.

Tinha ignorado algumas refeições e dormido muito pouco nos últimos dias e seu estômago agora se rebelava pelos maus tratos e ante a visão terrível. Especialmente uma como esta, sangrenta.

Mil perguntas ocorreram através de sua mente, mas não tinha uma única resposta. O que tinha acontecido no apartamento? Soltou uma respiração frustrada, repugnada. Tinha uma suspeita doente de que alguma merda muito, muito ruim tinha apenas acabado de começar. Algo que a pequena cidade de Caswell não seria capaz de

lidar por conta própria.

—Wil?

Ouviu a voz de Michelle em algum lugar atrás dele e virou para encontrá-la em pé na porta aberta, segurando um saco de supermercado marrom em suas mãos. Ele encontrou seu olhar interrogativo, e imediatamente ordenou:

—Vá para casa — disse ríspido. Mas não se surpreendeu quando ela não se moveu.

Ele andou pela sala de estar e cozinha até a porta onde ela estava.

—O que você está fazendo aqui?

Ela olhou para ele e piscou algumas vezes, seu rosto vermelho.

—Acabei de chegar em casa do trabalho. Vi os carros da polícia aí fora e em então, isso...— Ela fez um gesto para a cena atrás dele. —O que está acontecendo? Alguém está machucado?

Ele se centrou na porta, bloqueando a visão do crime de seus olhos o melhor que podia.

—Sim. É...— Prendeu seu olhar no dela, tentando descobrir se falava com Michelle a mulher com quem ele saía de vez em quando, ou Michelle a repórter de jornal, que daria qualquer coisa por uma boa história. Incapaz de decidir-se, agitou a cabeça. —Isso é uma cena de crime, então você tem que partir.

Tentou colocá-la para fora da sala, todos os pensamentos agora centrados na defesa da integridade da cena do crime. Não que ele realmente se importasse, eles não iriam encontrar o assassino mesmo. Pelo menos não por meios da investigação humana.

Ela alisou alguns fios de seu cabelo escuro, ondulado, quando olhou para ele. Seus lábios vermelhos se separaram e seu rosto ficou pálido.

—São Nick e Lisa, certo? Alguém está machucado? Wil, por favor, me diga o que está acontecendo.

Por um momento, se sentiu mal por ela. Ela compartilhava um duplex com essas pessoas, provavelmente os via todos os dias. Mas, em seguida, pensou na última conversa que tiveram e a realidade apareceu. Endureceu seu olhar e cruzou os braços sobre o peito.

—Estou trabalhando aqui. Desde que você mora aqui, sugiro que vá para casa e arrume suas compras antes delas estragarem.

Ela levantou uma sobrancelha e permaneceu na porta.

—Não vou partir até que você me diga o que está acontecendo. Vivo na porta ao lado, Wil. Acho que tenho o direito de saber.

Amaldiçoou contrariado. Não precisava disso. Tinha um trabalho a fazer, e não precisava dela em seu caminho, especialmente em um caso incomum como este.

—Ouça bem, porque só vou dizer isto uma vez, — disse a ela, sua voz baixa e ameaçadora. —Duas pessoas estão mortas aqui. Tenho que lidar com isso. Mova seu traseiro para fora desta casa, vá para a sua e feche a porta atrás de você. Se vir você aqui mais uma vez esta noite, vou te prender por ficar no caminho de uma investigação. Fui suficientemente claro ou você precisa que eu demonstre?

—Duas pessoas estão mortas? Isso é terrível. - Ela tentou olhar ao seu redor e ter uma breve visão da cena. Wil sabia que ela não se esqueceria de nada. Tinha a sensação de que sua súbita preocupação nada tinha a ver com seus amigos.

Michelle planejava escrever um livro. Tinha confessado toda a história para ele na última vez em que saíram, inclusive como ela estava usando as pessoas para conseguir os fatos que precisava para uma boa história.

Procurava o enredo certo de excitação e violência. A típica história, como ela disse que o *público Americano engolia*. Com sua sorte, ela provavelmente veria este crime como sua oportunidade perfeita.

Não se pudesse impedir. Deu um passo em direção a ela.

—Vou te dizer isso, Michelle. Vá para casa ou vou ter que prender você.

Ela olhou para ele, sua expressão uma mistura de descrença e raiva.

—Você não ousaria me prender. Estou preocupada com meus vizinhos, que provavelmente estão mortos, pelo que você disse. É certo isso?

Ele bufou.

—Preocupação? Não minta para mim, ou para você mesma. Você está apenas interessada na história e nós dois sabemos disso. Que é o seu modo tradicional, usando a situação e as pessoas para obter o que deseja.

Ela deu-lhe um olhar gelado.

—O que quer disser com isso?

—Sei por que você estava comigo e não era por quem sou como pessoa. Teve muito mais a ver com o meu trabalho e informações que eu, por ignorância, forneceria a você.

Teve a decência de o olhar afrontada, mas, foi apenas um ato. Seus olhos traiam a frieza dentro dela.

—Nunca usaria você assim.

—E os ratos não guincham. O quão estúpido você pensa que sou?

Baixou suas pálpebras, olhando para o chão.

—Sinto muito se está é a impressão que você tem. Também me

desculpe por ter perturbado você. Irei para casa agora e te deixarei voltar para seu trabalho. — Olhou para ele com um brilho esperançoso em seus olhos. —Talvez possa parar mais tarde, já que está aqui. Isso é chocante e eu realmente gostaria de companhia.

—Não agora Michelle. Na verdade, nunca mais. Vá para casa, ou vou te trancar em uma viatura até que tudo isso esteja terminado.

Saiu de perto dela antes de dizer ou fazer algo que lamentaria mais tarde. Seu sangue ferveu e sua cabeça estava ainda pior. O que viu nela? Estava ficando muito velho para isto. Muito antigo e muito cansado de fazer besteiras.

Wil empurrou a situação para fora de sua mente, assim poderia colocar seu foco onde realmente pertencia, a cena do crime. Tinha um longo caminho antes de tentar resolver este caso, e não achava que seria capaz de resolver sozinho. Precisaria trazer alguma ajuda externa, para auxiliá-lo a montar o quebra-cabeça.

Felizmente, tinha um velho amigo que não se importaria de fazer-lhe um favor ou dois, desde que não pegasse o cara em um momento ruim.

Capitulo Três

O toque do telefone assustou Royce tirando-o de um sono profundo. Olhou para os números vermelhos brilhantes sobre o relógio de cabeceira, a única luz no quarto escuro como breu. Nove horas. Ele tinha dormido novamente.

Gemendo, rolou e pegou o receptor do telefone, levando-o até sua orelha.

— Diga — Sussurrou, roçando seu rosto com a mão livre.

Ouviu uma voz familiar na linha.

—Despertei você?

—Wil Brogan? — Acordando um pouco mais, se sentou na cama. —Faz muito tempo.

—Sim, faz.

Royce levantou uma sobrancelha com o tom cansado na voz de Wil.

—O que está acontecendo?

A respiração profunda de Wil confirmou as suspeitas de Royce.

—Preciso de um conselho.

Enquanto Wil explicava sobre os assassinatos na pequena cidade onde vivia, a mulher na cama próxima a Royce se agitou. Ela esfregou seu corpo quente, nu contra o dele, mas foi afastada bruscamente.

—Você também acredita que o assassino não é humano? —

Perguntou Wil.

—Sei que não é. Há algumas coisas aqui inconsistentes com o comportamento humano. Mas é muito para falar por telefone, e não acho que esta coisa vá desaparecer silenciosamente. Vou para aí imediatamente.

Royce quase riu de excitação. Depois de passar a maior parte dos últimos oito meses à deriva, de um lugar ao outro, procurando algo para combater o tédio e a mágoa, ele agradeceria por qualquer mudança de cenário.

— Realmente tinha pensado em fazer uma visita. Só preciso de um dia ou dois para colocar as coisas em ordem aqui. — A mulher na cama sussurrou seu nome, sua respiração suave flutuando em seu estômago, enquanto ela falava. Quando ele não respondeu, colocou sua mão sobre sua coxa nua e apertou suas unhas cavando-as na pele de Royce.

Ele prendeu o fôlego e se afastou dela, para se centrar melhor no problema de Wil.

—Você está em Vermont, certo?

—Sim.

A mulher, Nancy? Nicole? Escolheu aquele momento para arrastar os cabelos de sua perna e limpar sua garganta.

—Royce, você consegue desligar este telefone e prestar atenção em mim?

—Espere Wil. — Ele colocou a mão no receptor e falou com ela. —Só me dê outro minuto certo? Isto é muito importante.

Se ela não gostou ele realmente não notou. Voltou sua atenção para Wil e ao problema que estava abraçando.

—Olhe, preciso voltar a trabalhar. Conversaremos mais sobre isso tudo quando você chegar aqui — Wil disse.

—Vejo você em alguns dias. — Estendeu a mão para ela quando desligou o telefone, mas sua mão somente agarrou o cobertor.

A mulher estava no meio do quarto, colocando suas roupas com movimentos nervosos.

Ele correu a mão pelos cabelos.

—Onde você está indo?

Ela não se preocupou em olhá-lo enquanto abotoava sua camisa.

—Estou indo para um lugar onde sou apreciada. Onde não sou ignorada.

—Corrija-me se estiver errado, mais penso que transei com você a manhã toda, e novamente durante toda à tarde.

Ela parou de se vestir e olhou para ele.

—Você apreciou o meu corpo. Você se lembra de meu nome?

—Uh... – Royce teve o atrevimento de corar.

—Sim, foi o que pensei. — Ela fechou a saia e colocou camisa por dentro. —Faltei ao trabalho para estar aqui, você podia ao menos se lembrar de quem sou. Por acaso tem ideia do quão difícil foi para conseguir um dia de folga?

Não tão difícil quanto tinha sido para ele ficar acordado a maior parte do dia quando deveria estar dormindo, pensou. Mas ela não entenderia isto.

—Certo. Posso te convencer a voltar para a cama? Já terminei meu assunto.

—Você só pode estar brincando. Não sou um trapo velho que você pode usar quando quer sexo. — Ela balançou a cabeça, seu cabelo louro platinado balançando em torno de seus ombros. —Mereço ser melhor tratada. Todas as mulheres merecem.

Não foi ela quem tinha vindo até ele procurando por sexo? Se

alguém devia se sentir usado, devia ser ele.

—O que eu fiz? Disse para você esperar até que eu desligasse o telefone. Se você só me desse mais um segundo...

—Dei a você mais de um segundo – cortou-o - Esta chamada era realmente tão importante que não podia esperar? Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para ele.

—Obviamente, ou não teria feito você esperar. — Ele balançou a cabeça. *Por que nós estamos brigando por isso*? —Somente volte para a cama e me deixe fazer as pazes com você.

Ela deu-lhe um sorriso triste.

—Você não consegue, não é? Você está tão por fora da realidade que nem sequer percebe quando fere as pessoas. Um dia destes, vai encontrar uma mulher com quem realmente se preocupe, e ela vai fingir que você não existe. Talvez então, você aprenda que há mais nesta vida do que seu ego.

Ele conteve um gemido. Não o discurso *uma mulher para cada homem*. Tinha ouvido isto mais vezes do que gostaria.

—Corrija-me se estiver errado, mas não te *agradei* várias vezes hoje? – perguntou irônico.

A expressão de frieza da mulher desapareceu e seus ombros se curvaram.

—Sim, você fez. Mas este não é o ponto. Fingi não ouvir você me chamar pelo nome de outra mulher no calor da paixão, mas se você não consegue se lembrar de meu nome até agora, não sei por que me incomodo em continuar vendo você.

Um frio correu na parte de trás de seu pescoço.

—Te chamei pelo nome de outra mulher?

—Sim. E apenas para o registro, sou Noelle e não Mérida.

Quando terminou de se vestir, ela abriu a porta e começou a sair. Ela se voltou, olhando para ele com uma mistura de desprezo e piedade em seu olhar.

—É hora de você crescer, não pode continuar vivendo como um adolescente para sempre. Adeus Royce. Tenha uma vida agradável.

A porta se fechou com um clique suave. Seus sapatos de salto alto batendo sobre o piso de madeira, ecoando através do corredor. Mal percebeu o som, perturbado pelo que ela havia falado. Ele a tinha chamado de Mérida? Porra. O que teria que fazer para exorcizar essa mulher de sua cabeça?

Pensou de novo no que Wil disse a ele sobre as ocorrências estranhas em Caswell e uma idéia louca lhe ocorreu. Pegou o telefone e discou o número de sua amiga Ellie.

—Hei pequena. É bom ouvir sua voz— ele disse quando ela atendeu ao telefone.

—Royce, onde você está? Nós não ouvimos falar de você há tempos.

Los Angeles, Nova Iorque e Chicago, antes de viajar para New England e se fixar em Boston, embora ele não tivesse dito a muitas pessoas. Ele só queria ficar sozinho.

—Tenho estado ocupado. Como você está?

—Você saberia a resposta a essa pergunta se você se preocupasse em ligar de vez em quando.

Riu da atitude maternal de Ellie. Algumas coisas nunca mudam.

— E Eric está em casa?

Ellie hesitou antes de responder.

—Porque você pergunta?

Não podia culpá-la por sua pergunta, ele e Eric nunca tinham

fingido serem amigos, e sabia que o outro não gostava da ideia dele manter contato com Ellie.

—Preciso entrar em contato com sua irmã. Ela ainda vive perto de vocês, não é?

—Não. Ela está morando na Flórida. Key West. A última vez que falei com ela, parecia feliz lá. Comprou uma casa. Não acho que planeje voltar.

Bom. Quanto mais distante ela ficasse melhor. Só precisava dela para um trabalho mais, e, em seguida, ambos poderiam voltar para suas vidas separadas.

—Você ou Eric tem um número de telefone para eu contatá-la? É de vital importância, querida.

—Negócios ou pessoais?

Um pouco de ambos, pensou divertido.

—Estritamente negócios, Ellie. Prometo.

—Ok, tudo bem. Só não lhe diga que conseguiu o número comigo. Pegue um pedaço de papel.

Cinco minutos depois, ele ouviu o telefone tocar, aguardando o som da voz que nunca deixou de apertar seu intestino em um nó doloroso.

—Alô? — ela falou. A voz meio rouca, como ele se lembrava, mas estranhamente triste. Talvez ela não tivesse a vida perfeita como Ellie o levou a acreditar.

—Ei, gatinha, — falou suavemente, tentando manter um tom suave apesar do formigamento que corria por seus nervos. O som de sua voz causava luxúria e aborrecimento em doses iguais dentro dele, apesar do tempo e distancia entre eles.

Ela ficou calada por tanto tempo que ele pensou que havia desligado.

—Você está ai Mérida?

—Sim, estou aqui. — Ela soprou uma respiração longa, alta. —O que você quer?

Não podia ao menos fingir estar feliz em ouvi-lo?

—Não posso chamar para averiguar uma velha amiga?

—Claro que você pode. Por que não desligo assim você pode chamar um amigo e fazer isso?

Ele engoliu em seco, sua mão livre apertada em um punho e o sangue batendo em seus ouvidos. Quando é que ela conseguiria controlar seu temperamento por trinta segundos e dizer olá para ele?

—Muito engraçado.

—Não é para ser. A menos que você tenha uma razão válida para a chamada, tenho coisas mais importantes para fazer do que sentar e ficar de bate-papo com um vampiro.

Sentiu um aperto no peito por sua atitude, ficando feliz por ela viver a quilômetros de distância. Seria melhor quebrar todo o contato, mas ele não podia. Não importa quanto tentasse esquecê-la, não conseguia. Com alguma sorte, em algum momento na próxima semana ou assim, seria capaz.

—Na verdade, tenho uma razão para te chamar. Tenho uma proposta para você.

—Desculpe-me?

Ele sorriu quando recuperou o controle na conversação.

—Uma proposta de negócios, gatinha. Não pise em suas calcinhas antes do tempo.

Seu estômago torceu mais apertado quando ele disse as palavras. Ele gostaria de poder juntar um punhado de suas calcinhas. Ter o direito de antes tirá-las do corpo dela. Moveu o telefone para

longe de sua boca e deu algumas respirações profundas, fechando os olhos contra a investida fresca do desejo. Esqueceu o controle que tinha ganhado. Ao redor dela, não tinha nenhum. Odiava isto e apreciava ao mesmo tempo.

Sua voz interrompeu seus pensamentos.

—Negócios, hein? Comece a falar.

Ele explicou tudo que Wil lhe disse. Ela permaneceu quieta até que ele terminou, mas sabia que não iria manter suas dúvidas e perguntas para si por muito tempo.

Não o decepcionou.

—O que faz você pensar que tem a ver com algo diferente de seres humanos? Humanos matam. Todo o tempo, Royce. Não soa como um crime tão estranho para mim.

—Exceto que há algumas coisas que não se encaixam, como o cheiro de queimado no quarto, sem nenhuma evidência de fogo.

Ela não respondeu a princípio e ele a ouviu bufar na outra extremidade da linha. Sorriu enquanto a imaginava batendo suas longas unhas sobre o receptor do telefone.

—Isto não é algum tipo de estratagema para me levar para a cama, não é? — Ela perguntou num tom indignado.

Ele estremeceu contra a feroz sacudida de luxúria que o pensamento dela em sua cama lhe causou, bem como a raiva em suas presunções.

—Um pouco cheia de si mesma, não? Nós já fomos nessa direção. Não funcionou. Ou você não se lembra?

—Oh, definitivamente me lembro. — Ouviu sua risada leve e quis saber exatamente o que sobre seu encontro ela lembrava. —Então isto é apenas sobre trabalho, hein? Ok, então. Irei ver o que está acontecendo. Não estou prometendo que não vou matá-lo se

descobrir que não é nada.

O orgulho não o deixaria agradecer, então, tomou a abordagem defensiva em vez disso.

—Isso não é nada. Acredite em mim, gatinha, nunca teria chamado você se não achasse que isso era algo que lhe interessaria. Não se incomode aparecendo se você só vai ser uma dor na bunda durante a investigação.

—Não. Irei. Disse que iria. Você definitivamente já despertou minha curiosidade.

—Isso é tudo que despertei? – não se conteve em fazer a piada.

Ela hesitou antes de respondeu.

—Não. Não é. O informarei assim que fizer os arranjos para a viagem. Você vai ter que me pegar no aeroporto.

—Certo. Falo com você mais tarde.

Ele desligou o telefone e caiu de volta no colchão, rígido e excitado, se perguntando se não estava cometendo o maior erro de sua vida.

Capítulo Quatro

—Para onde você está indo?

Mérida olhou o homem robusto, sentado no assento ao lado dela. Durante horas, ele tinha dormido, roncando ruidosamente e babando sobre a gola de seu paletó. Agora, quando o avião iniciou sua descida em Burlington, ele esperava conversa? Não mesmo.

—Vermont.

Ele piscou para ela, antes de começar a rir.

— Percebi.

Ela se inclinou de volta em sua cadeira e fechou suas pálpebras, rolando os olhos embaixo delas. Esse cara era de verdade? Realmente achou que estaria conversando com ele, se eles não estivessem presos em um avião? Com sua mente focada em soluções possíveis para o problema do amigo de Royce, não tinha tempo para conversa ociosa.

—Estou visitando um amigo.

Se ainda poderia chamá-lo assim. Não tinham se separado em termos amigáveis. Poderiam ter, se ela não tivesse ficado assustada e fugido. Mas no final, sabia que tinha feito a coisa certa. Nunca daria certo entre eles. Não tinha vontade de ser a mulher tímida, acomodada que ele esperava, e ele nunca seria capaz de viver com sua forte personalidade. Tiveram uma noite incrível na cama. Nada mais. O resto do tempo que tinham gasto um com o outro, ela quis

estrangulá-lo por sua atitude chauvinista e arrogante.

Havia mais em Royce do que ele deixava o mundo ver, mas ela não teve tempo ou a inclinação para ficar cavando abaixo da superfície.

—Um namorado?— o homem perguntou, arrancando-a de seus pensamentos.

Abriu os olhos e olhou para ele.

—Sim.

O homem piscou duro, arregalando os olhos enquanto voltava sua atenção para uma revista que retirou do bolso da poltrona à frente dele. Ela mordeu os lábios para conter uma risada, contente por não ter que usar métodos mais fortes para dissuadi-lo de suas atenções.

Ele afastou-se quando o avião aterrissou e taxiou para o portão. Assim que puderam desembarcar, ele lhe deu um olhar murcho, agarrou sua mala de mão e saiu pelo corredor abaixo.

—Tanto melhor — ela murmurou quando pegou sua própria bolsa e seguiu em direção ao portal.

Um nó apertava suas entranhas quando pensou em ver Royce novamente. Trabalhar com ele não seria fácil, ela tinha muitas emoções presas nisto. Não sabia por que tinha aceitado sua oferta, quando poderia ter facilmente o encaminhado para seu irmão, ou qualquer outro sem uma escora sentimental tão alta na situação.

Mas não o fez. Aceitou a oferta porque suspeitou que não houvesse sido feita somente por negócios e agora tinha que lidar com as consequências.

Ela se dirigiu através do terminal para a área de bagagens, onde concordou em encontrar Royce. Forçando-se através da multidão de pessoas que esperavam por sua bagagem, finalmente localizou sua

única mala preta. Tirou-a fora da esteira e esquadrinhou a multidão por um vampiro grande, desprezível, mas só achando humanos desprezíveis e anônimos. Teria ele mudado de ideia?

Começou a caminhar em direção às portas de vidro que levavam para fora e então o viu, e seu coração falhou uma batida. Que homem tinha o direito de ser tão malditamente sensual?

—Royce é um idiota. Um idiota sexy, — murmurou para si mesma — Mas ainda assim... um idiota é um idiota, não importa quanto atraente seja o pacote. — Um calafrio a percorreu quando lembrou quão atrativo o seu pacote realmente era.

Ele estava sozinho fora das portas de vidro, debruçado contra a laje que sustentava a viga, com as mãos nos bolsos de sua calça cargo preta. Uma camisa preta de manga longa pelo menos um número menor estirava-se através de seu grande tórax.

E os ombros. Sua boca se encheu de água e teve que se forçar a continuar andando em sua direção. O visual a atordoou, como fez todas as outras vezes antes. Ele parecia não ter mudado desde a última vez, mas algo parecia diferente.

Percebeu o que era quando saiu do terminal ruidoso. Tinha cortado o cabelo. Suas mechas loiro-escuras, que antes eram longas o suficiente para alcançar o meio das costas, agora não tocavam nem seus ombros. O corte era pequeno e um pouco desarrumado, era longo o suficiente em cima, algumas mechas caiam sobre suas sobrancelhas, o fazendo parecer mais jovem, mais perigoso e totalmente surpreendente.

O gelado olhar azul dele encontrou o seu, dizendo a ela que sabia o que tinha pensado. Um canto de sua boca se ergueu em um meio-sorriso quando ela o abordou e teve que afastar o olhar para não tropeçar.

Parou à sua frente, tentando duramente permanecer no controle de sua força de vontade. As coisas que queria fazer com ele... Afastou os pensamentos com um gemido. Ele não disse uma palavra, só levantou uma única sobrancelha loira.

E bufou.

—Bom ver você, também, Cardoso.

Os cantos de seus olhos ondularam quando seu sorriso alargou.

—Você está... Bronzeada.

Ela olhou para seus braços bronzeados pelo sol, nus nos ombros graças a sua camiseta vermelha sem mangas.

—Passar horas e horas no sol faz isso com uma pessoa. Oh, espera. Você não saberia isto, não é? Estava começando a me perguntar se poderia ter a esperança de que você tivesse perdido a voz.

—Você não é tão sortuda, gatinha. — Se curvou para pegar sua mala, mas ela a manteve fora de seu alcance.

Não precisava de um homem para fazer qualquer coisa por ela. Por isso que só levava uma bolsa ou duas.

—Posso levar isso.

Ele parou e a olhou, a diversão cintilando em baixo do aborrecimento em seu olhar.

—Você tem algo aqui que não quer que eu veja?

—Não. Eu sei lidar com minhas próprias bolsas. Posso derrubar um homem de trezentos quilos sem suar. Penso que posso carregar um par de pequenas bolsas.

—Faça como quiser. — Ele caminhou para fora da viga de sustentação, deixando-a decidir se ficava ou o seguia. Tanto quanto ela queria andar de volta para o terminal e pegar um avião de volta

para a Flórida, ela correu atrás dele. De nenhuma maneira no inferno deixaria que o homem irritante tivesse a última palavra.

******

Mérida batia as unhas no console central, observando a paisagem fora da janela do lado do passageiro no carro de Royce. A Lua iluminava a estrada vazia e tranquila e estrelas enchiam o céu. Parecia que eles tinham a noite só para si. Estranhamente, desde que haviam entrado no carro, Royce não disse uma palavra.

Não tinha sequer olhado para ela, quanto mais falar, e a música que escolheu para tocar no rádio deu-lhe dor de cabeça. Respirou profundamente, seus pulmões se enchendo com o aroma limpo, masculino, que fez sua calcinha ficar úmida. Tinha sido afetada desde que o tinha visto novamente e teve que lutar para manter o controle.

Olhou para ele, observando as linhas fortes de seu perfil. Queria correr o dedo ao longo da linha forte de sua mandíbula.

—Então, o que você tem feito?

Não olhou para ela quando respondeu.

—Você sabe. O habitual.

Como se soubesse qual era seu habitual. Ela estreitou os olhos. O mataria falar civilizadamente com ela? Como ele esperava que trabalhassem juntos quando nem se olhavam? Farta de seu tratamento silencioso, apertou as mãos e olhou para ele.

—Então o quê? Você tem dormido com uma mulher diferente toda noite, indo embora antes do sol se levantar, movendo-se de um lugar para outro, assim não precisa se preocupar em chegar perto de alguém. Colocar para baixo quem não está em seus elevados padrões?

Esperava algum tipo de negação, ou até mesmo raiva, mas sua ação a pegou de surpresa. Ele conduziu o carro ao longo da estrada rural e parou em um parque.

Ela piscou algumas vezes quando ele virou seu olhar gelado sobre ela.

—O que tudo isto quer dizer?

Tensão irradiava dele, uma coisa quase tangível no ar carregado. Se ela não recuasse… bem, não queria mesmo pensar sobre seu comportamento. Era forte e perfeitamente capaz de cuidar de si mesma, mas não duvidou que eles fossem igualmente combinados na divisão de força.

—Relaxe. Não estava tentando insultá-lo.

Ele balançou a cabeça, um sorriso desanimado formando em seus lábios.

—Sim, você estava. Você acha que você me conhece? Gatinha, você não tem nenhuma ideia do que eu realmente sou.

Oh, cara. Ela respirou fundo, sua própria energia se alimentando da raiva que ele emitia. Seu corpo tenso para a luta que se sentia no ar, sua respiração entrando em expirações rápidas e seus músculos apertados.

O *Panthicenos*[2] ameaçado não era uma visão bonita, especialmente uma fêmea que passou a maior parte de sua vida provando para os homens ao seu redor que ela podia fazer qualquer coisa que eles fizessem.

O homem deixava-a louca, de muitas maneiras, não podia nem pensar direito em torno dele. Fechou os olhos e voltou-se em direção a janela, determinada a não começar algo que não tinha nenhuma

[2]***Panthicenos* (NT)** – demônios com habilidades de mudar de forma, inclusive de gato, semelhante a uma pantera.

intenção de terminar. Ele não parecia querer dar-lhe a opção de se afastar.

Agarrou seu queixo com seus dedos grandes, quentes e virou seu rosto para ele.

—A menos que você saiba sobre o que está falando, gatinha, sugiro que você mantenha sua bonita boca fechada.

Não soube o que a ofendeu mais, sua atitude dominante ou o crepitar sobre sua boca. Ela empurrou sua mão para longe, a raiva cortando dentro dela.

—Desculpe-me. Pensei que ficaria grato por eu ter vindo aqui a *Nowheresville* para ajudá-lo com isso. Se você não pode lidar comigo aqui, sugiro que você me leve de volta para o aeroporto. Ficaria feliz em embarcar no primeiro avião de volta para a Flórida e continuar minha vida sem a interferência de vampiros irritantes que...

—Cale-se por um segundo. Diabos. Você está me deixando louco. — Ele não lhe deu uma chance para reagir, de responder, antes de esmagar os lábios dela com os seus.

Qualquer pensamento de empurrá-lo fugiu quando ele tocou a junção de seus lábios com a língua e a empurrou para dentro. Ela colocou as mãos contra seus ombros, cavando suas unhas em sua camisa. Tanto quanto ela não poderia permanecer, não poderia negar a poderosa atração física entre eles. Mesmo após a separação de quase um ano, não tinha diminuído em nada. Pelo contrário.

Sua mão veio para a parte de trás do seu pescoço e seus dedos se embaralharam em seu cabelo. Um calafrio correu pelo comprimento de sua coluna. Sua calcinha úmida apenas com o toque de sua boca. Não a ajudou saber exatamente como eles combinavam, pelo menos no sentido físico.

Sua mão grande descansou em sua coxa, afastando suas pernas.

Sua força de vontade desapareceu rapidamente, ela deixou ele as abrir e segurou mais apertado seus ombros.

Seus dedos acariciaram seu montículo através do tecido de suas calças e ela choramingou. Royce inclinou sua cabeça para trás para aprofundar o beijo enquanto reforçou seu toque, pressionando seus dedos sobre seu clitóris e circulando-o suavemente.

Ela gemeu. Seria tão fácil, muito fácil, tirar suas roupas e o montar direto no assento do carro. O queria quase tanto quanto queria sua próxima respiração, mas não podia deixar isso acontecer, não se queria ter qualquer esperança de manter sua sanidade.

Afastou-se dele e debruçou contra a porta do lado do passageiro.

—O que você acha que está fazendo?

Ele afundou em seu próprio assento e passou suas mãos para baixo em suas coxas, quando uma respiração dura escapou de seus lábios.

—Não tenho absolutamente nenhuma ideia. Falta de sono, provavelmente. — Ele pôs o carro de volta em movimento e se afastou da beira da estrada, sem qualquer explicação a mais.

Mérida o olhou pelo canto do olho, observando sua face avermelhada, mandíbula apertada e os ombros tensos. Seu olhar caiu para seu colo e a protuberância enorme de sua ereção contra a frente de suas calças.

Lambeu os lábios. A química entre eles o agitou tanto quanto balançou a ela. Ainda não gostava disso, mas pelo menos não seria a única a sentir um calor insuportável pelos próximos dias.

* * * * *

Meia hora depois de sua pequena explosão, Royce colocou seu

carro na garagem de Wil e desligou o motor.

Se ele pensou que a tensão entre eles tinha sido ruim antes dele estupidamente tê-la beijado… não tinha nem comparação com a pressão sufocante que agora preenchia o carro.

—Chegamos — disse a ela.

Abriu a porta do carro e respirou profundamente o ar não contaminado com o odor feminino, de oceano quente, envolto ao redor de Mérida.

—Você precisa de mim para levar qualquer coisa para você?

Ela saiu do carro e bateu à porta, rolando os olhos enquanto abria a porta traseira e tirava sua mala e a mochila do banco de trás.

Ele apertou os dedos para evitar bater em algo, e tirou sua própria bolsa do porta-malas. Foi para frente do carro, seu olhar fixo em Mérida. Nunca tinha visto nada parecido com ela em sua vida, com cabelos ruivos em ondas selvagens até abaixo da cintura e seus olhos verdes atirando olhares ardentes. Feroz, suave e sexy como o inferno. Parecia pronta para matar e não tinha nenhuma dúvida de que era o objeto da sua ira.

Não devia tê-la tocado. Não devia tê-la beijado. Mas, naquele momento, não sabia mais o que fazer para fazê-la parar de falar.

Se ela não tivesse quebrado o beijo, não teria parado. Seu pênis dolorido provou o tão pronto que tinha estado para empurrar dentro dela, na estrada. Agora, enquanto observava seu olhar letal sobre ele, percebeu seu erro. Não sabia se ela era o tipo que ia embora quando as coisas se aqueciam ou se tentaria matá-lo em seu sono. Nenhuma escolha pareceu preferível.

Inclinou-se e sussurrou em seu ouvido.

—Realmente agradeço por você fazer isto.

Ela levantou uma sobrancelha.

—Não, você não faz. Você se sente no direito de tomar o que quiser, sempre que quiser. Não me venha com essa merda de agradecimento.

—Ok, estava tentando ser educado, mas esqueça — Ele ficou na frente dela, aproximando-se até que ela ficou contra o carro. —Escute-me. Se eu tivesse feito o que queria, gatinha, teria curvado você sobre o capô do meu carro, meu pênis batendo em você, cerca de uma hora e meia atrás.

Seus lábios se separaram e ela pestanejou, surpreendida por uns dois segundos antes de empurrar sua máscara de volta ao lugar e se afastar dele.

—Não tenha ideias sobre isto. Se você me tocar novamente, com qualquer parte do seu corpo, vou fazer um sério dano na parte mais apreciada de seu corpo. Não irei avisá-lo novamente. Agora vamos ficar aqui toda a noite ou vamos para dentro para que possa encontrar seu amigo?

—Sim. Certo. Venha. — A levou até o caminho de pedra sinuoso que conduzia a casa onde Wil tinha feito sua moradia nos últimos dez anos. Ervas daninha cresciam através das rachaduras na calçada e a grama parecia que não tinha sido cortada há semanas. Mérida olhou ao redor e balançou a cabeça.

—O que há com seu amigo? Nunca ouviu falar de cortador de grama?

—Ele tem um pequeno problema com luz solar e os vizinhos. Provavelmente iriam ficar bravos se ele ceifasse o gramado após o anoitecer.

Ele começou a subir os degraus da varanda, mas a mão dela puxando a parte de trás de sua camisa o levou a um impasse.

—O que foi?

—Você não pode esta falando sério. Vou ficar aqui sozinha com dois vampiros?

Ele lutou contra a explosão de risos que subiu em seu peito ante sua expressão ansiosa.

—Não se preocupe. Nós só mordemos quando ficamos com fome.

Uma risada escapou de seus lábios pelo fogo que brilhou nos olhos dela. Tocou-lhe o queixo com o polegar e subiu os degraus da varanda para a porta da frente. Wil abriu a porta alguns segundos depois de sua batida.

—Ei, cara. Bom te ver. — Royce sorriu para seu amigo, um dos poucos que se preocupou em manter. Tinha conhecido Wil durante anos, centenas deles, e nenhum dos dois tinha mudado muito durante o curso de sua amizade.

—É bom ver você também. Faz um longo tempo.

—Muito tempo, — Wil concordou. Olhou de Royce para Mérida, que ficou encostada no parapeito da varanda, uma careta estragava suas feições delicadas.

—Quem é ela?

—Esta é Mérida. Ela trabalha para Sam Kincaid — ele disse a Wil, mencionando seu ex-chefe, um homem que ninguém ousava mexer.

—O que ela faz aqui?

Royce acenou com a cabeça.

—Vai nos ajudar com a investigação. Confie em mim.

—*Ela* não trabalha mais — resmungou Mérida. —Você teria sabido vampiro, se tivesse se preocupado em perguntar. E que tal não falar sobre mim como se não estivesse logo atrás de você, tudo bem?

—Como quiser, querida. — Royce riu e balançou a cabeça

voltando sua atenção para Wil. —Ela faz esse tipo de coisa para ganhar a vida. Não deixe que suas garras o assustem, no entanto. Ela é toda conversa. Bem, na maioria das vezes.

Wil não parecia muito certo, mas abriu a porta e os deixou entrar. Olhou para Mérida com uma expressão desconfortável em seu rosto.

—Posso arranjar-lhe algo para beber?

Royce observou Mérida, tentando avaliar sua reação para Wil. Seu tamanho, junto com seus olhos e cabelos escuros, intimidava um monte de gente. Entretanto, Mérida não parecia intimidada. Parecia entediada.

Ela balançou a cabeça, negando.

—Por mais que eu gostaria de sentar e conversar durante toda a noite, preciso dormir um pouco. Sempre estragamos a festa. Você tem um sofá ou algum que eu possa acampar durante a noite?

Wil olhou para Royce com uma expressão interrogativa. Em vez de estrangulá-la por sua atitude, como queria, ele apenas deu de ombros.

—Tenho um par de quartos de hospedes. A menos que vocês compartilhem um? Ele olhou de Royce para Mérida e de volta.

Os olhos de Mérida se arregalaram e seu queixo caiu.

—Não. Absolutamente não. Se você tem espaço extra, prefiro ter a minha própria cama. Caso contrário, posso dormir no carro.

Wil lançou a Royce um olhar divertido, antes de voltar sua atenção para Mérida.

—Nenhum problema. Tenho bastante espaço. Siga-me. — Ele a levou para a escada.

—Boa noite, gatinha, — Royce falou. Ela nem sequer se dignou a revidar seu comentário, enquanto seguia Wil escada acima e ficava

fora de vista.

Royce tinha se acomodado no sofá azul, no momento em que Wil retornou, cinco minutos depois. Ele voltou a acusar Royce com o olhar.

—Por que você a trouxe aqui?

—Pensei que ela poderia ser capaz de nos ajudar.

—Um ser humano, Royce? No meio disto? Você está louco?— Wil caiu no sofá ao lado dele e apoiou os cotovelos nas coxas.

Royce riu da pressuposição de Wil.

—Ela não é humana, é *Panthicenos* e sabe o que está fazendo. Ela faz este tipo de coisa há mais tempo do que estou vivo.

Wil se sentou e assobiou longo e baixo.

— *Panthicenos*, hein? Uma coisa tão pequena como ela? Nunca teria adivinhado. Não gosta muito de você, não é?

—Não neste momento. — Ele encolheu os ombros. —Dê-me tempo. Vou voltar às boas graças dela novamente.

Wil encostou-se ao sofá, apoiando os pés em cima da mesa de café.

—O que fez, dormiu com ela e a deixou?

Ele desejou.

—Não. Na verdade, foi o contrário.

—Você está brincando comigo.

Royce chutou uma perna solta da mesa de café, querendo de alguma forma tirar a gata de sua mente.

—Eu queria. Não quero falar sobre Mérida agora, OK? Só quero esquecer, pelo menos por esta noite, que ela está aqui.

—Não sei como você pode.

Royce olhou para Wil ante seu tom apreciativo, estreitando os

olhos para o amigo.

—Deixe suas mãos longe dela.

—Nem em sonhos tocaria até mesmo um dedo em sua mulher. — Um sorriso lento, conhecedor, se espalhou sobre seu rosto. —Não se ela é sua. Mas se vocês dois não estão envolvidos, parece-me que ela seria um jogo justo.

De alguma maneira, ele não achava que Mérida apreciaria ser chamada de jogo. Mas ele iria deixar Wil descobrir por conta própria.

—Mantenha as mãos para você mesmo, Brogan, tudo bem?

—Certo. Não iria tocar o que pertence à outra pessoa. Você me conhece melhor do que isso.

Sim. Isso é exatamente do que Royce tinha medo.

Capítulo Cinco

A luz do sol que entrava por entre as cortinas acordou Mérida, na manhã seguinte. Arrastou-se para fora da cama, pegou algumas roupas e foi até o banheiro para uma ducha rápida.

Ela passou por duas portas fechadas no seu caminho, presumivelmente os vampiros dorminhocos estariam em repouso. Deu um suspiro de alívio por não ter de lidar com seus egos irritantes até depois do sol se pôr.

Tinha o dia inteiro para si. E precisava de tempo para pensar. Estar de volta na New England trouxe memórias indesejadas para a vanguarda de sua mente.

Depois de tomar banho, vestir um jeans e uma camiseta preta cortada, puxou seus cabelos ainda úmidos para trás em um rabo de cavalo frouxo. Colocou os sapatos e foi para fora, sentando-se em um banco no canto da varanda.

A solidão silenciosa da manhã a confortava. Uma brisa suave balançava os ramos das árvores em torno da casa. Olhava para o quintal cheio de sol, quando um gato correu pelo gramado. O animal provavelmente não tinha nada melhor para fazer durante o dia do que perseguir os ratos e tirar uma soneca. Deve ser bom ter uma vida tão simples.

As palmas das mãos coçavam e ela contorceu os dedos. Quando se sentou, desejou ter alguém para conversar. Qualquer pessoa. Mas não havia ninguém em sua vida, em que pudesse confiar seus

segredos. Vivendo uma vida solitária, pelo menos emocionalmente, a magia se tornou sua única saída. Desde a infância, quando soube do que era realmente capaz, a magia havia sido a única coisa a mantê-la com os pés na terra. Mesmo quando as coisas ficavam loucas, como tantas vezes nos últimos dias.

Cruzou as pernas no banco de madeira desgastado, descansou as suas mãos em seus joelhos, as palmas para acima. Suas pálpebras se fecharam e focalizou toda sua concentração em convocar as cordas que Sam tinha tentado lhe ensinar, algo que estava lhe dando problemas por mais de um ano. Cada vez que estava perto de conseguir que as cordas fizessem o que ela queria, fracassava em fumaça azul no ar e ela tinha que começar novamente.

Respirou fundo, sentindo o início familiar do formigamento na base de seus dedos. Sim! Finalmente. Tinha se matado para fazer a coisa certa, dobrando sua mente com a prática até que ela não conseguia nem pensar direito e, agora, todo seu trabalho duro tinha começado a dar resultado. Quase podia sentir os finos fios de energia levantando de suas palmas, correndo pelo o ar ao seu redor. Talvez da próxima vez até mesmo fosse capaz de abrir os olhos. Agora, não teria chance, quando qualquer coisa poderia quebrar sua concentração. Como mover-se. Ou respirar.

Um ramo que estalou longe quebrou sua concentração. Os fios minúsculos que teriam sido as cordas psíquicas estouraram livres das âncoras nas pontas de seus dedos e voaram longe. Abriu os olhos a tempo de vê-los subir através dos ares, como pequenos balões que não tinham sido amarrados.

Concentrou-se novamente e acertou um na janela e fracassou. O outro atingiu o tapume de madeira cinzenta, deixando uma pequena marca de queimadura quando este desapareceu. Porra! Assim, estava

tão perto… mas ainda não era boa o suficientemente.

Nunca seria como Sam. Por que ele pensava que ela poderia até mesmo se comparar às suas habilidades, não fazia ideia. Naturalmente, ele tinha algumas centenas de anos de prática ao seu lado e muito mais paciência do que ela jamais teria.

Podia aceitar seus defeitos, e a falta de paciência passou a ser um dos principais. Ela fazia bem seu trabalho, mas também poderia ser uma cadela quando as coisas não corriam a seu modo.

Bateu seus punhos nas pernas e lutou contra a vontade de gritar. Nunca iria se acostumar a ter realmente que trabalhar para fazer qualquer coisa, pelo menos não nada mágico. Tinha uma habilidade natural nisso, e as cordas não deveriam ter sido uma exceção.

Era atormentador saber que não conseguia acertar uma coisa tão simples, mesmo depois de praticar por tanto tempo. Talvez ela tivesse algum tipo de bloqueio mental contra as cordas. Não ficaria surpresa, considerando que estava treinando em conjurá-las quando Sam havia contado a verdade sobre ela.

Sua mente voltou ao verão anterior, quando tudo em sua vida tinha dado errado. Não tinha sido depois do demônio *Aiala* haver tentado matar seu irmão e Ellie. Não muito tempo depois de sua visita à cidade onde Eric estava hospedado e seu acidente... com o vampiro. Ela estava sentada em sua cama, no momento, praticando o truque da corda que Sam tentou ensinar-lhe, com os mesmos resultados.

Naquela época, suas falhas tinham sido piores. A primeira vez que ela tinha deixado às cordas soltas no ar, tinha queimado as cortinas do quarto. A segunda vez, teve de comprar um colchão novo.

*****

—Dê um tempo. Isso virá até você.

Tinha aberto os olhos ao som da voz familiar. Sam estava parado na porta, os braços cruzados sobre o peito e sua expressão sempre séria estampada no rosto que teria sido bonito se não fosse tão assustador. Ela estava acostumada a vê-lo dessa forma, as sobrancelhas franzidas permanentemente devido as cicatrizes irregulares, mas tudo isso não a incomodava. Mas entendia por que os seres humanos não iriam querer encontra-lo sozinhos numa noite escura.

—Não, obviamente, não virá. Estive tentando e tentando... - Mérida bufou, contrariada.

—Durante três semanas — Ele entrou no quarto e descansou um pé sobre seu colchão, apoiando os antebraços na perna. —As cordas são difíceis, Rida. Muito resistentes. Expliquei isso tudo para você antes. Vai demorar um pouco para aprender. A coisa mais importante a fazer é continuar tentando. Não desista.

—Nunca tive que trabalhar duro para qualquer coisa na minha vida. Prática? Normalmente, não costumo ter que fazer isso. Deveria ser capaz de pensar nas cordas e fazê-las aparecer.

Ele soltou uma risada irônica, que não fez nada para iluminar sua expressão meditativa.

—Isso seria como tentar fazer um exame de cálculo sem sequer abrir o livro. Nem tudo na vida vem fácil. Algumas coisas valem a pena o trabalho extra. Você tem que aprender um dia. Até agora, você teve as coisas da forma mais fácil. As coisas vão mudar. Deverão ser muito mais difíceis do que cordas psíquicas, casos muito mais difíceis do que demônios secundários. Se você desistir agora,

você nunca irá alcançar seu potencial pleno.

Dedos gelados de suspeita tinham passado em sua espinha. Ela não tinha considerado *Aiala* um demônio *menor*.

—Meu potencial pleno? É algum tipo de teste? — Ela revirou os olhos ante seu silêncio. —Por que você está me testando tanto? Dando magias que sabe que eu não estou pronta para invocar?

—Você está mais que pronta. Pronto, neste caso, não significa poder. O que você realmente faz da vida, se tudo vem fácil? Você se tornou muito complacente com o mundo, e sabe disso. Você pode fazer grandes coisas, mas tem que se aplicar. Nós, *Panthicenos* não podemos controlar a metade da magia que você pode, sabia?

Ela franziu o cenho.

—Pensei que isso era natural em todos nós.

—Você tem estado perto de nós tempo suficiente para saber que não é verdade. Passou muito tempo com seu irmão ultimamente?

Sam balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro.

—Há poucos com o seu potencial, Rida. Menos de dois por cento de nós são capazes como você é. Você entende o que isso significa?

Piscou para ele, não tendo certeza do que ele estava tentando lhe dizer.

—Não, acho que não. Talvez se você parasse de falar em enigmas, poderia entender.

—Você está destinada a ser uma Guardiã de Equilíbrio. Assim que terminar a sua educação e aprender o resto da magia que vai precisar para realizar o trabalho.

—Uma Guardiã de Equilíbrio? — Ela balançou a cabeça, com a certeza de que tinha ouvido errado. —Você não pode estar falando sério.

—Por que você acha que deixei você trabalhar para mim por tanto tempo, quando constantemente ignora minhas ordens? Quando você se coloca em perigo desnecessário e quase consegue que outros morram em determinadas ocasiões?

Sabia qual era a ocasião que ele falava, quando ela e Ellie, juntamente com uma amiga de Ellie, tentaram derrotar um demônio muito poderoso. Não tinha saído como o planejado, mas pelo menos tinham se livrado do demônio que ameaçava Eric e Ellie.

—Não sei. Diga-me você porque parece se sentir compelido a me manter por perto.

—Você está sendo preparada para aceitar uma posição como uma Guardiã de Equilíbrio, quando for à hora certa.

—Tenho estado aqui há quase mil anos. Você não acha que deveria ter me dito mais cedo?

—Não. Você não estava pronta. Nem deveria te dizer agora. Mas, com tudo o que tem acontecido ultimamente, pensei que precisava saber.

Seu coração afundou em seu estômago, sua garganta se apertou.

— Há quanto tempo você sabia?

—Há mais tempo que te conheço. As coisas têm um jeito engraçado de se descobrir, não é?

As peças de um quebra-cabeça antigo começaram a deslizar em sua mente. Sam tinha assumido Mérida e seu irmão mais velho, Eric, mil anos atrás, quando sua mãe tinha sido morta. Eles tinham sido crianças, com apenas dois e doze anos de idade, não tinham para onde ir. Por todos esses anos, ela achou que tinha sido por causa de Eric e da amizade que ele tinha formado com o filho de Sam.

—É por isso que você acolheu Eric e eu? Foi por causa do que eu

deveria ser?

Ele confirmou suas suspeitas com um aceno de cabeça.

—Sim. Fui designado para protegê-la e iniciar sua educação quando fosse o momento certo.

—E sobre Eric? Por que você o aceitou também?

—Não tive nenhuma escolha. — Sam virou e caminhou em direção à porta. —Não podia deixá-lo sozinho. Vocês precisavam um do outro. Adoraria conversar mais com você sobre o assunto, mas vai ter que esperar até mais tarde. Tenho algumas coisas para fazer.

No modo típico de Sam, ele tinha saído da sala e fechado a porta atrás de si, deixando-a sozinha para pensar sobre a enorme bomba que tinha soltado sobre ela.

*****

Um cão latindo ao longe a trouxe de volta ao presente. Inclinou a cabeça para trás contra a superfície áspera do banco e soltou um suspiro. Essa tinha sido a última conversa que teve com Sam, um homem que se tornou como um pai para ela durante anos, desde que a tinha adotado.

Sua opinião sobre ele tinha mudado, junto com seu suposto destino. Já não o via como um homem que poderia confiar com sua vida, porque ele lhe havia tirado a vida como ela conhecia. O deixou naquele dia, fugindo para a Flórida para escapar de um destino que não queria.

Ela sabia o que fazia um Guardião de Equilíbrio. Eles passavam a vida inteira vagando pelo mundo, indo de um lugar para outro, destruindo os maiores males que o planeta jamais tinha conhecido. Nem o bem, nem o mal poderiam ter permissão para crescer mais

forte do que o outro, porque o poder podia manchar a bondade até mesmo transformá-lo em algo retorcido e feio.

Guardiã de Equilíbrio? Dificilmente. Ela era apenas uma mulher que gostava de brincar com magia. Não iria desistir dela mesma, para se certificar que o resto do mundo ficasse seguro. Se os seres humanos sentiam a necessidade de agir como idiotas e convidar demônios do mal para suas vidas, então ela não tentaria impedir os idiotas de serem comidos vivos.

Não que a maioria das espécies de demônio estivesse realmente interessada em comer seres humanos. Eles não estavam. Alguns preferiam almas, ou sangue, como os vampiros fazem, mas carne humana? Franziu o nariz. Asqueroso.

Sendo um demônio, podia atestar o fato de que nem todos eram bestas horrorosas. Quando se olhava no espelho, via uma mulher normal, muito semelhante à humana.

A maior parte do tempo.

E os momentos em que ela parecia um gato gigante com olhos brilhantes e dentes afiados e uma espinha escamosa... Bem, não achava assustador. E ele não era realmente tão grande como, qualquer *Panthicenos* era. Certamente não tinha interesse em mostrar seus dentes para os humanos. A menos que a chateassem. Nunca realmente comeria ninguém, mas se divertia muito ameaçando grandes homens fortes, que pensavam que eram durões, até que tinham um vislumbre de seus incisivos.

Levantou a mão para o ar, enviou um flash de luz azul em direção ao telhado da varanda com um movimento do pulso. Ele soltou fora da madeira antes de evaporar em uma nuvem de fumaça branca. Um pedaço de uma placa lascada do telhado e precipitou-se para baixo, em sua direção.

Num movimento de seu pulso ele desapareceu no ar, deixando apenas uma fumaça densa e negra. O que normalmente consideraria um truque estúpido de gato, agora serviu para deixá-la ainda mais frustrada.

Fez tudo o que Sam tinha ensinado, sem precisar de mais do que alguns minutos de prática. Dominou o fogo, raios, eletricidade, até um pouco de vento e a chuva nos dias bons. Ela tem movido objetos com sua mente desde que tinha cinco anos de idade e podia ler os pensamentos se tentasse duro o suficiente.

Por que não as malditas cordas?

Moveu os dedos contra o apoio de braços, vendo como as suas unhas cresceram mais finas e afiadas, uma mistura de unhas com aparência humana e as garras dos *Panthicenos,* um truque que fazia maravilhas causando terror em uma presa temperamental. Ela adorava o seu trabalho. Caçar delinquentes e assassinos, humanos ou não, dava-lhe ímpeto. Aumentava a adrenalina. Mas a magia em si se tornou sua paixão.

Agora, tudo mudou. Sua paixão se tornou responsabilidade, o seu destino. Não sabia se gostava do som disto. Mas neste momento, não tinha muita escolha. Uma pontada de culpa atingiu seu estômago quando pensou em Sam. Não tinha falado com ele desde o verão anterior. Não queria aceitar a vida como uma Guardiã de Equilíbrio, mas sentia falta de sua família. Tinha sido muito forte por não o chamar durante todo o tempo que tinha se afastado, mas a saudade a estava vencendo. Tirou o celular do bolso e discou o número de Sam.

—Oi, Sam, — ela cumprimentou quando ele respondeu.

—Como vai a Florida? — Veio sua resposta concisa. Ela sabia que ele estava irritado, e que o tinha decepcionado, mas não tinha

deixado muita escolha. Trouxe isso sobre si mesmo quando tentou forçá-la a um serviço que se recusou a fazer.

—Na verdade, agora estou em Vermont.

—Então você se uniu a Royce?

Soltou um suspiro. Como ele poderia saber sobre Royce? Eric, claro. Ela o avisou sobre onde estaria. Ele deve ter contado a Sam.

—Sim.

—Não faça nada estúpido. — A frieza em sua voz a atingiu como um tapa na cara. Ele nunca falou com ela desse jeito antes, como um alvo de seu desprezo, em vez da mulher que havia criado como uma filha.

—O que o faz pensar que eu faria?

—Você não tem um histórico muito bom com essas coisas.

Uma lágrima brotou no canto de seu olho. Afastou-a, não tinha tempo para tolices, especialmente agora. Iria perder toda a credibilidade que lhe restava.

—Não comece. Estou aqui para trabalhar e sempre faço o meu trabalho.

—Suponho que sim. — Sam hesitou, e Mérida sabia que ele queria perguntar como ela estava, mas não o fez. Não perguntaria. Ele deixou o seu desapontamento bem claro na noite que ela largou o emprego e se afastou da sua antiga vida. —Diga-me. No que você está trabalhando?

Ela deu um suspiro profundo, estremecendo antes de responder.

—Um duplo assassinato, é tudo que sei. Ainda não tenho muitos detalhes. Pretendo ir à cidade hoje e perguntar a respeito.

—Apenas certifique-se de ser sutil. Em uma cidade pequena

como essa você não quer que as pessoas suspeitem.

—Posso lidar com isso sozinha. — Assim que as palavras saíram de sua boca, lamentou atacá-lo. Mas se recusou a tomar as palavras de volta. Ele tinha levado dela seu orgulho, e ainda estava machucada com isso.

A ternura em sua resposta a surpreendeu.

—Sei que você pode. Acredite em mim. Eu sei.

—Como você está? — Ela falou, com o coração doendo de vontade de estar de volta em casa.

—Seu irmão sente sua falta.

Fechou os olhos, sabendo que ele quis dizer que sentia a sua falta também.

—Sinto sua falta, também, — ela murmurou, alto o suficiente para ele ouvir.

—Sei que você não quer mais trabalhar para mim, mas sabe que pode me ligar se precisar de alguma ajuda, certo?

Ela resistiu ao impulso de dizer-lhe que não faria nada do tipo. Por mais que o estimasse, precisava fazer isto sozinha. A partir de agora, precisava fazer as coisas à sua maneira e não contar com alguém que poderia mudar tudo o que ela era.

—Claro.

—Mantenha contato, ok? Não espere um ano antes de chamar e me deixe saber como você está indo. Ah, e Mérida?

—Sim?

Ouviu Sam suspirar antes de continuar.

—Tenha cuidado lá em cima, sozinha com os dois vampiros. Não quero que aconteça qualquer coisa com você.

—Sempre. — Desligou a chamada, sentindo-se pior do que

tinha estado antes de pegar o telefone. Por que sentiu a necessidade de chamá-lo? E por que ele avisou para ter cuidado, quando sabia muito bem que era perfeitamente capaz de cuidar de si mesma?

Voltou para dentro e, vendo as chaves do carro de Royce em cima do balcão, teve uma ideia. Na necessidade de tomar café e segura que os armários do vampiro estavam vazios, pegou as chaves no balcão e foi para a porta. Ele não se importaria se ela emprestasse seu carro, certo? Seria apenas por pouco tempo, e ele provavelmente iria dormir durante esse tempo.

*****

Dirigiu pelas sinuosas estradas de terra, em direção ao centro da cidade, que haviam passado na noite anterior. Lembrou-se de ver um pequeno café na esquina, provavelmente um bom lugar para café da manhã e informações. Entrou no restaurante movimentado e pegou uma das poucas mesas vazias, um círculo pequeno no canto perto da janela.

Tentou ouvir as conversas das pessoas ao seu redor, mas com o barulho de pratos e talheres se chocando e músicas barulhentas tocando no rádio, não poderia entender o suficiente de qualquer conversa para chamá-la de útil.

Uma garçonete, magra de cabelos escuros, com um avental amarelo desbotado parou ao lado da mesa.

—O que posso fazer por você?— Ela parecia que não ter mais de vinte anos. No crachá preso ao avental, lia-se Nancy.

—Café. É possível conseguir um *cheeseburger* agora cedo?

Nancy fez uma careta, mas gritou por cima do ombro para um homem mais velho por trás da grade.

—Sean, você pode fazer um *cheeseburger*?

Ele olhou para cima o tempo suficiente para assentir com a cabeça.

—Não tem problema.

—Obrigada. O que posso dizer? Realmente não gosto de panquecas – Mérida se desculpou.

Nancy deu de ombros.

—Não é grande coisa. Recebemos alguns pedidos estranhos de vez em quando. Todas essas dietas da moda, eu acho. — Encheu a caneca lascada bege na frente de Mérida com café fumegante e colocou um pequeno jarro de metal com creme de leite sobre a mesa. —Estarei de volta daqui a pouco com a comida.

Mérida levou a caneca aos lábios e inalou, sentindo o aroma rico e quente do café forte. Tomou um pequeno gole, do liquido negro. Pela primeira vez desde que chegou, ela se perguntou o tão susceptíveis seriam Royce e seu amigo.

Sentia uma presença estranha, estabelecida em torno da cidade, um silêncio quase assustador. Sentira algo semelhante em *Stone Harbor* no verão passado. Podia ser apenas um pouco de paranoia de sua parte, ou poderia existir algo na cidade que nenhum dos outros fregueses na loja de café iria acreditar.

Tudo aqui parecia muito perfeito, quase surreal. Nenhuma conversa sobre os assassinatos, apesar de terem acontecido há poucos dias.

Não fazia sentido. Não seria normal ainda estarem se perguntando o que tinha acontecido a essas pessoas?

—Está tudo bem?

Olhou para cima quando Nancy deixou seu prato de comida na frente dela.

—Oh, Sim. Certo.

Nancy sorriu.

—Posso arranjar-lhe alguma coisa?

—Na verdade, tenho uma pergunta.

—Claro.

—Você sabe alguma coisa sobre os assassinatos de dois dias atrás?

Os olhos de Nancy se arregalaram e ela olhou por cima do ombro.

—Você não é uma jornalista ou algo assim, é?

—Não. Sou uma amiga de Wil Brogan.

—Hum, ok. — Nancy olhou ao redor da sala, um brilho nervoso refletindo em seus olhos, antes deslizar para a cadeira vazia na frente de Mérida. — Tenho que ser rápida. Minha mãe é proprietária da lanchonete, e ela não gosta de me ver conversando enquanto trabalho. Não sei muito, apenas o que todo mundo sabe. Ouvi dizer que foi horrível, que os corpos foram mutilados. Pelo menos é o que Michelle me contou.

—Michelle?

—Silverman — disse Nancy em um tom que indicava que Mérida deveria saber quem era a tal. —Você sabe, a namorada de Wil.

—Oh, Sim. Ela. — Ou Royce deixou de mencionar a namorada de Wil para ela, ou Wil não se incomodou de disser a Royce sobre Michelle.

—Ela é repórter da Gazeta de Caswell. Acha que foi algum tipo de culto. Pelo menos isto é o que está dizendo a todos na cidade.

—Sério?

Nancy olhou para Mérida. A mulher mais jovem parecia estar procurando alguma coisa no rosto de Mérida. Quando ela finalmente

falou, seu tom baixou ainda mais.

—Você disse que é amiga de Wil.

—Sou.

—Então acho que você deve saber algo sobre ele.

O cabelo da nuca de Mérida se eriçou.

—O que é isso?

—Michelle acha que... AAh, deixa pra lá. Realmente não deveria estar dizendo este tipo de coisas para uma completa estranha.

Mérida se concentrou, empurrando-se na mente de Nancy. *Está tudo bem. Sou segura. Não vou dizer a ninguém o que você me disser.*

Os olhos de Nancy se arregalaram, mas Mérida apenas sorriu.

—Você pode confiar em mim, Nancy.

—Michelle pensa que Wil poderia ter algo a ver com os assassinatos, — Nancy revelou.

Mérida ficou chocada.

—Ela o quê? Por que acharia isto?

—Você não acreditaria nas coisas que Michelle desenterrou sobre ele. Ele deixou o departamento de polícia de New York City, após um caso que deu errado. Michelle disse que tem o que descreveu como um passado escuro e não sabe como Will foi contratado aqui. E, ela disse que ele está agindo de forma estranha ultimamente, nervoso, como se algo estivesse errado.

—Você conversa muito com Michelle?

Nancy deu de ombros.

—Ela vem algumas vezes por semana. Sua mãe e os meus pais eram amigos íntimos. Michelle é alguns anos mais velha que eu. Ela

costumava tomar conta de mim e das minhas irmãs.

Mérida arquivou as informações que recebeu de Nancy para mais tarde, quando poderia perguntar a Wil sobre o que Michelle vinha dizendo. Se perguntou se Michelle sabia mais do que estava deixando perceber. Por que tentaria implicar um detetive da polícia em um duplo assassinato? Ela poderia ser apenas uma repórter com fome de uma grande história, mas poderia ser outra coisa. Antes que chegasse a qualquer conclusão, porém, precisava de mais informações.

—Há quanto tempo ela e Wil estão juntos?

—Cerca de quatro meses, mas ela vinha perseguindo-o a mais tempo do que isso. Você já viu o cara. Você pode culpá-la? Mas ele é tão escorregadio. Ele é como um recluso, todos na cidade têm medo de se aproximar dele. Nos dez anos em que mora aqui, acho que só fez um punhado de amigos. Ele é estranho, fechado em si mesmo. Honestamente, tenho que lhe dizer que ele me dá arrepios. Sem ofensa. Sei que é seu amigo e tudo.

—Não me ofendi. — Então Wil dá arrepios em todo mundo e namorou uma repórter, que pode ou não saber mais sobre o assassinato do que ela está dizendo. Isso não era bom para o julgamento que estava tentando fazer dele. Ou de sua personalidade. Quando Wil acordasse mais tarde naquela noite, ela tinha um zilhão de perguntas que ele precisava responder.

—Onde está localizada a casa onde ocorreram os assassinatos?

—É no final da Rua Magnólia. Vire à direita no final da rua principal, vá uma milha estrada abaixo, e a Rua Magnólia estará à esquerda. É a porta do lado esquerdo. Michelle está à direita.

—Espere um segundo. Michelle vive no mesmo prédio?

Nancy assentiu e Mérida elevou Michelle um pouco mais em sua

lista de suspeitos.

Ela agradeceu a Nancy pelo seu tempo e se apressou em comer sua refeição antes de pagar a conta e sair. O que Nancy tinha dito despertou sua curiosidade, e não podia esperar para descobrir se algumas delas era verdade.

Após uma rápida parada no mercado local por algumas necessidades de alimentos que não vêm em sacos de sangue, ela seguiu as instruções de Nancy para a casa da namorada de Wil, que era partilhada com as vítimas do homicídio. Até que visse a cena do crime, não deveria formar qualquer conclusão.

Capítulo Seis

Mérida deu um forte empurrão na porta, que se abriu lentamente, com um rangido de augúrio. Ela entrou na casa, tomando o cuidado de fechar a porta atrás de si para o caso de alguém aparecer. A casa ficava em uma área relativamente instável, mas não tinha motivos para tomar riscos desnecessários.

Apesar do sol brilhando fortemente lá fora, o interior da casa estava escuro e úmido, marca de uma entidade não humana. Mérida esfregou as mãos para cima e para baixo dos braços para afastar o frio. Seu tênis se arrastou ao longo do piso de madeira, que cobria a grande àrea que servia de cozinha, sala de jantar e sala de estar.

O cheiro de sangue seco perdurava pesado no ar, juntamente com o cheiro de queimado que Wil tinha detectado. Não era forte, mas ela definitivamente o pegou no ar, espesso, úmido. A eletricidade encheu a ampla sala que deixou seus nervos no limite. Os seres humanos eram muito mais fáceis de lidar do que era essa coisa, provavelmente algum tipo de demônio, mas não poderia dar um nome para isto, até que tivesse mais fatos. Por enquanto arquivou a informação em sua mente, para analisá-la depois.

Passou várias horas andando por todos os cômodos da casa. Não encontrou nenhum sinal de presença demoníaca recente, mas realmente não significava nada. Certos demônios tinham boas habilidades de camuflagem. Por tudo o que ela sabia, o assassino poderia estar lhe observando enquanto ela procurava por ele. O

pensamento lhe deu um frio na espinha.

*****

Quando Royce arrastou-se para fora da cama logo após o pôr do sol, um cheiro horrível de queimado enchia toda a casa. Puxando um par de calças jeans da mala, e esfregando uma mão por seu rosto, tropeçou descendo as escadas para a cozinha, de onde vinha o cheiro nauseante.

Mérida estava em volta do fogão, cantarolando enquanto cozinhava.

Estreitou seus olhos quando parou atrás dela.

—O que diabos você está fazendo? Tem alguma ideia de como é cedo?

—Estou cozinhando, obviamente. Não tenho nenhuma responsabilidade por seu olfato excessivamente sensível.

Girou para ele, brandindo um garfo prata de carne enorme.

Ele ergueu as mãos e deu um passo para trás, não querendo perder quaisquer partes vitais tão cedo na noite.

—Calma, gatinha. Cuidado com essa coisa.

Ela sorriu.

—Qual é o problema? Está o grande, poderoso vampiro com medo de um garfo?

—Em suas mãos, sim. Às vezes penso que você é um pouco instável.

Em vez de rir do insulto ou dar-lhe um soco, como ele pensava que ela iria fazer, ela franziu a testa e voltou para a panela no fogão.

—Disse algo errado?— Ele perguntou curioso.

Ela balançou a cabeça, mas não voltou a olhar para ele.

—Mérida?

Quando voltou-se, ela tinha um sorriso estampado em seu rosto, que Royce suspeitou fosse tão falso quanto os insultos dele. Ela segurava um grande prato branco em suas mãos.

—Grelhei alguns bifes e cozinhei brócolis frescos no vapor. Você quer alguns?

Seu estômago embrulhou quando ele sentiu o cheiro de vegetais verdes. O bife poderia comer, se ela o tivesse grelhado pouco, mas ele tinha abandonado os legumes há centenas de anos.

—O que é esse cheiro? Não é de carne ou legumes.

Ela finalmente riu.

—O fogão não tinha sido usado há muito tempo, eu acho. Havia um pouco de poeira sobre os queimadores.

Um pouco? O quarto cheirava como se tivesse explodido um rinoceronte. Ele olhou para o prato que ela segurava com interesse suave.

—Este bife parece bastante bom. Você se importa se eu comer um pouco?

Ela franziu o cenho para ele.

—Só estava brincando. Eu não achava que você realmente comia. Não alimentos, pelo menos.

Ele deu de ombros.

—Não me importo em saborear um bom bife de vez em quando.

Ela pegou um segundo prato do armário, cortou um grande pedaço de seu bife e empurrou sobre seu prato.

—Aqui está. Desfrute. — Parecia que o estava observando com grande interesse, então ele cortou um pedaço do bife e colocou em

sua boca. Mastigando lentamente, saboreando o alimento humano que ele geralmente evitava.

De vez em quando sentia falta de comer, mas seu paladar sensível não poderia lidar com o sabor extremo da maioria dos alimentos.

Mérida continuou dando a ele olhares estranhos entre as mordidas, como se esperasse que caísse e morresse a qualquer hora. Provavelmente esperava que ele fizesse, mas não era tão sortuda.

—Vejo que você foi fazer compras hoje, — ele mencionou, tentando quebrar a tensão que havia se estabelecido sobre eles mais uma vez.

Ele engoliu em seco, a luxúria batendo nele cheia de força quando sua língua empurrou seu lábio inferior. Ainda despertando, não poderia colocar as defesas rápidas o suficiente para impedir a entrada de seu odor, um perfume que o levou à beira da loucura.

Deve ter notado uma mudança nele, porque alargou os olhos e franziu os lábios. Viu sombras do lutador que ele sabia que ela era, quando se preparou. Ele soltou uma respiração lenta, na esperança de manter as coisas civilizadas entre eles. Ela tinha deixado bem claro que ele não a interessava não no sentido físico. Mas se ela continuasse fazendo coisas *sexys*, ele não poderia ser responsabilizado por suas ações.

—Sim, fui às compras. Também tinha que tomar café e fui visitar a casa onde os assassinatos ocorreram.

Ela disse isso tão casualmente que ele poderia ter perdido a última parte se não tivesse ouvindo bem o suficiente.

—Espera um pouco. Você fez o quê?

—Fui ver onde essas pessoas foram mortas. — Ela continuou comendo como se não tivesse acabado de confessar que infringiu a

lei. Ele pousou o garfo e olhou para ela.

—Você está louca? Não poderia ter simplesmente esperado por Wil?

Ela abriu a boca para responder, seus olhos piscando fogo, quando Wil apareceu na porta da cozinha.

—Esperar por mim para o quê?

—Ela foi à cena do crime hoje.

Mérida lançou-lhe um olhar assassino e ele sabia que iria pagar por isso quando estivessem sozinhos.

Wil suspirou.

—Isso provavelmente não era a melhor ideia. Se alguém tivesse pegado você, poderia ter sido presa. Então, teria de esperar até o meu turno hoje à noite, para alguém pagar sua fiança e te soltar.

Wil fechou os olhos e beslicou à ponta do nariz. Quando abriu os olhos novamente, lançou a Mérida um olhar repreendendo-a.

—Só espere da próxima vez, certo? Não é bom que você se mova em torno da cidade, esgueirando-se em lugares que estão fora dos limites.

Mérida revirou os olhos, mas manteve a boca fechada. Wil devia sentir-se afortunado por isso, embora ela provavelmente fosse descontar sua raiva em Royce mais tarde.

Wil caminhou até o espelho pendurado perto da porta e amarrou a gravata.

—Tenho que trabalhar esta noite. Tentei tirar a noite de folga, mas o departamento esta com falta de funcionários e com os assassinatos, todo mundo está assustado. Verei se posso sair mais cedo, antes do amanhecer, e então vou te levar até a casa novamente. Posso mostrar-lhe a forma que os corpos foram encontrados e as informações que tenho.

—Obrigada. — O modo como Mérida falou deixou Royce preocupado. Parecia muito educada e amável. O que ela estava planejando? Isso tinha a ver com ela não se esgueirar de volta à casa sem ele. Se fosse pega e presa, não seria bom para nenhum deles. A presença dela tinha que ser mantida quieta, e não a queria correndo pela cidade sozinha.

Não gostou da forma como tratava Wil, também. Por que tratava Wil com o que parecia *respeito,* quando ela não tinha nenhuma palavra boa para ele?

Wil olhou para o prato na frente de Royce e estremeceu.

—O que você está fazendo?

—Comendo.

—Estou vendo, mas por quê? — Royce deu de ombros, seu humor se deteriorando rapidamente. Ele olhou para Mérida com os olhos apertados. Ela só sorriu.

—O que você descobriu em suas viagens hoje?— Wil perguntou quando se sentou na cadeira ao lado dela.

Royce cerrou as mãos em punhos e soltou um suspiro.

Mérida o ignorou.

—Sobre sua namorada, a repórter que quer escrever um livro de crime verdadeiro, vive no mesmo prédio onde os assassinatos ocorreram e acha que isso é obra de algum tipo de culto.

Wil arregalou os olhos e gaguejou.

—Onde diabos você descobriu tudo isso?

—Nancy do restaurante.

—Adolescentes. — Wil murmurou as palavras como se fosse uma maldição. —Sim, eu suponho que você vai me dizer que Michelle está certa. Que os seres humanos causaram os assassinatos e não tem

nada a ver com qualquer coisa fora do ordinário.

—Realmente, isto não é verdade. — Ela se empurrou para trás da mesa e colocou seu prato meio cheio sobre o aparador ao lado da pia. —Senti uma entidade lá. Definitivamente não é humana e nem é benigno. Esse cara tinha a intenção de causar sérios transtornos, o que ele fez, mas não tenho certeza se ele já concluiu, contudo. A única coisa que eu não sei, é se ele está vinculado a casa, ou a uma pessoa específica.

—O que isso significa? — Wil perguntou.

Ela virou-se e apoiou o quadril em cima do balcão, os braços cruzados sobre o peito.

—Se ele está preso a casa, ele não será capaz de deixar a vizinhança. Se ele está vinculado a uma pessoa, ele pode ir a qualquer lugar que a pessoa vá.

—Como nós vamos descobrir qual o tipo de vínculo?

—Vou precisar passar mais tempo lá, buscar por mais pistas. Também preciso de algumas informações sobre o proprietário da casa. Se é esta a estrutura original da casa. Se alterações foram feitas por ele. Se houve qualquer acontecimento estranho.

Wil soltou uma respiração longa e áspera.

—Vou dar alguns telefonemas e ver o que posso descobrir. Existe alguma coisa que possamos fazer agora?

Mérida deu de ombros.

—Não sabemos ainda. Por hora, apenas esperar e ver o que acontece.

Royce tinha a sensação de que havia mais do que isso, mas ela não estava falando. Decidiu deixar o assunto morrer. Por enquanto. Mais tarde, quando ela tivesse tido tempo para pensar sobre suas descobertas, iria pergunta-lhe mais.

Wil ficou de pé, uma carranca no rosto e passou a mão pelo cabelo.

—Tudo bem. Não gosto de ficar sem fazer nada, mas acho que nós realmente não temos escolha. Tenho que ir agora, antes que chegue atrasado. Você, — ele apontou o dedo para Mérida, —tente permanecer aqui hoje à noite. Vou pegar todas as informações que precisa e trazê-las. E tentem não matar um ao outro, enquanto eu estiver fora, tudo bem crianças? — Ele saiu de cozinha balançando a cabeça. Mérida virou as costas para Royce novamente, desta vez para lavar a louça.

*****

—Quais são seus planos para esta noite?— ela perguntou sem olhar para ele. —Suponho que você tenha alguma coisa para fazer?

Seu tom soou incomodado, mas ele não conseguiu descobrir por que. Se não a conhecesse, acharia que ela poderia estar com ciúme. Um sorriso formou-se em seu rosto. O fato de que ele precisava se alimentar incomodava a pequena gatinha?

—Agora que você mencionou, preciso sair e encontrar um doador adequado. O bife só me deixou faminto e me fez perceber que eu não tive refeições regulares ultimamente.

Ela girou sob os pés, com as mãos molhadas sobre seus quadris e os olhos estreitados.

—Nem sequer comece. Não pode esperar até depois de eu ir para a cama assim não tenho que pensar em você com alguma mulher bonita e burra?

—Por quê? Isso incomoda você, que eu possa sair e encontrar outra mulher?

Ela pegou o pano de prato, secou as mãos e o atirou sobre o balcão.

—Incomodar-me? Fui muito clara com você desde o início. Não quero ter nada a ver com você, vampiro.

O brilho em seus olhos disse-lhe diferente. Ela poderia dizer o que quisesse, mas ainda estava atraída por ele, como ele estava por ela.

Quando a olhou, algo mudou dentro dele, sentiu uma fome profunda e persistente, que fez seu controle escorrer pelo ralo. Fechou os olhos e soltou um suspiro. Ou saía para encontrar alimento, ou a convenceria a se tornar sua próxima refeição.

—Nada a ver comigo, hein? Então você não tem nenhum interesse em ser voluntária como doadora para matar minha fome?

Ele abriu os olhos a tempo de ver a sacudida enfática de sua cabeça.

—Se você acha que quero isto, é ainda mais louco do que pensava. Saia daqui antes que eu te machuque, vampiro.

Machucar soou como uma coisa boa para sua mente nebulosa de fome. Ele avançou alguns passos em direção a ela, suas presas alongaram enquanto observava a respiração subir e descer em seu peito. Ela era tão fácil para afrontar, e teve que admitir que um pouco de teimosia feminina o animava. Ele nunca lhe diria isso, mas fazia-o ficar duro como pedra, toda vez que via a faísca de raiva em seus olhos. A fome dentro dele cresceu rapidamente enquanto pensava em todas as vezes que ela o havia insultado, lhe dado um gosto de sua atitude altiva. Se ela tivesse alguma ideia de como o deixava quente, provavelmente nunca iria querer discutir com ele novamente.

Deus, amava um desafio.

Suas presas desceram totalmente, as pontas picando sua língua. Sua respiração tornou-se superficial, quase dura, quando lutou pelo controle que rapidamente estava perdendo.

Correu as mãos pelos cabelos, tirando as mechas de sua testa. O que estava errado com ele? Por que a deixava afetá-lo desta forma e por que não podia lutar contra a fome, uma vez que começou? Nunca havia sentido nada parecido antes. Nem sequer se reconhecia.

Era sua culpa por ignorar um par de refeições nos últimos dias. Ele tinha se ligado na adrenalina desde o telefonema de Wil, o que se mostrava na sua falta de compostura. Mas vendo a pulsação na garganta dela… merda.

—Então, não esta disposta a ser meu sacrifício noturno, hein?— perguntou, parando a poucos centímetros dela. Ela se encolheu, tentando ficar longe dele, mas isso só aumentou sua excitação.

—Acho que não, — ela murmurou, mas ele viu um flash de hesitação em seus olhos. Ele estaria disposto a apostar que se tocasse sua vagina doce, ela estaria úmida para ele.

Seu pênis apertou contra o zíper, sua pulsação acelerou, e suas presas coçavam para cortar sua carne.

Ele queria se alimentar. Necessitava se alimentar. E de uma pequena e bonita demônio, com uma atitude ruim. Ele agarrou o balcão atrás dela para se firmar quando uma onda de luxúria febril o percorreu.

Cobiça pelo corpo dela, ou o seu sangue, ele não sabia qual. Só sabia que precisava de algo logo ou iria explodir.

Sorriu, exibindo suas presas, e se deleitou com o arrepio que correu por ela. Ela podia negar que era o que queria, mas ele viu em seu olhos que suas presas eram um tesão para ela. Bom.

Queria Mérida. De qualquer forma que ele pudesse conseguir. A

fome combinada com a mulher bonita e desafiadora provou ser uma bela combinação. Suor apareceu inesperadamente em sua testa. Suas mãos cerradas em punhos tão apertados que ele sentiu a mordida das unhas curtas nas palmas das mãos.

Ele não perdia o controle há tempo demais para se lembrar. O que tinha sido um jogo se transformou em algo mais quando ela se agachou para pegar um pano de prato que caíra no chão.

Os últimos vestígios de seu autocontrole evaporaram no ar eletricamente carregado quando seus músculos apertaram e sua boca encheu d'água.

Aquele traseiro doce... O que ele não daria para afundar suas presas profundamente naquela carne redonda, firme. Ele lambeu os lábios.

Ele precisava...

Com um grunhido de frustração, ele bateu com o punho no armário ao lado do fogão. Mérida voltou a olhar para ele, os olhos arregalados de surpresa.

—O que foi isso?

—Não tenho comido há dias, nem dormido bem sabendo que estava tão perto, e então você age dessa forma, como já aconteceu entre nós, e quero machucar algo, não consigo me controlar. Eu preciso... —Ele deixou sua voz diminuir com um rosnado baixo.

Ela se endireitou, olhando seus músculos apertados, olhou ao redor da sala, pronta para fugir, ele adivinhou pelo olhar em sua face. Desculpe gatinha. Não vai fugir desta vez.

—O que você precisa?

Ele lambeu os lábios enquanto sorria para ela, sabendo que esta era uma ideia terrível, mas não tendo nenhuma pista de como parar o que ele havia começado.

—Vem cá, gatinha.

—Não. — Ela agitou a cabeça vigorosamente, apertando suas mãos em punhos. Seu olhar lhe dizendo para ficar longe, mas seu tom não tinha convicção.

—Não? — Ele sorriu com isso. Ele a teria, e ambos sabiam disso.

—Foi o que eu disse. Mantenha suas mãos para você mesmo, Cardoso. Vou chutar o seu traseiro se não fizer isso.

Ele gostaria de vê-la tentar. Realmente. Neste ponto, talvez algum tipo de confronto físico o ajudasse a colocar sua mente de volta no lugar, ajudar Wil com seu problema em vez de se alimentar e foder a *Panthicenos*.

Ele nem sequer sabia se a alimentação dela era possível, mas neste momento, levaria o que poderia obter.

—Você acha que eu estou brincando? Cai fora.

—Não sei se posso.

Ele estendeu a mão para ela e com um movimento de perna ela o derrubou. Ele agarrou seu pulso quando caiu para trás. Suas costas bateram no chão de azulejos quando Mérida caiu em cima dele em um emaranhado de pernas. Deus. Seu pênis endureceu a ponto de dor, sua carne macia pressionando contra ele de uma forma que só aumentou seu desconforto. Ela tentou se afastar, mas a virou de costas e fixou-a no chão com o peso de seu corpo.

Segurou-a quase sem qualquer pressão, segurando seus pulsos no chão apenas com o dedo indicador e o polegar. Ela não lutou contra ele, nem mesmo um protesto simbólico. Um calafrio correu por sua espinha quando ela se arqueou contra ele. Ele observou seus olhos escurecerem antes de voltar seu olhar para seus mamilos, enrugados sob o tecido fino da sua camiseta.

—O que diabos você acha que está fazendo?

—Você é uma menina inteligente. Vai descobrir isso. — Ele se moveu sob seu corpo, movendo-se para descansar a parte inferior de seu corpo entre suas coxas. Muito melhor. Calor intenso correu através do contato, a pele dela suave e quente separada da sua por apenas um pouco de tecido.

Lembrou-se do verão passado e seu muito breve interlúdio. Ela tinha estado tão quente, tão disposta… precisava sentir isso novamente.

—Royce. — Seu tom de súplica quase o destruiu quando seu olhar o persuadiu a tomar o que ele queria.

Correu sua língua para baixo ao lado de seu pescoço, descobrindo sua pele doce-salgada. Ele arrastou seus dentes sobre sua clavícula, negando-se no momento tudo o que ele precisava dela.

—Quando nós trabalhamos juntos antes, tudo que pensava era sobre estar fazendo isso com você. Quando aconteceu, estava excitado além do iamginável. E então, você fugiu de mim. Quase me deixando louco.

Ela bufou.

—Não importava para você. Você podia ter qualquer mulher que quisesse. Por que se aborreceria com uma pequena fêmea como eu?

Ele poderia ter rido disto, se não a fuga dela não o tivesse deixado louco.

—Você está fazendo isso novamente Deixando-me louco. Tenho que ter você. — Ele beliscou o lóbulo de sua orelha, mas não fez nenhum movimento para morder a sério. Ainda não. —Não posso conseguir o suficiente de você. E essa coisa física me deixa quente.

—Deixa?

—Oh, sim. — Nunca tinha sido amante de mulheres fortes até que ele conheceu Mérida. Sempre tinha preferido as mulheres que

aceitassem o que ele dissesse sem perguntas, até o verão passado. Depois dela, ninguém mais o satisfez. Suspeitava que tivesse de procurar o resto de sua imortalidade para encontrar outra que seria minimamente satisfatória. —Diga-me uma coisa, gatinha. Seu sangue me machucará?

Poderia jurar que a ouviu choramingar antes de responder.

—Não. Drogará você, se beber demais. Mas infelizmente, não vai te matar. A maior parte de mim, é humana.

—Bom.

Ela engoliu em seco, a ansiedade nublando sua expressão. Do que ela poderia ter medo?

—Eu… uh… por que vou encontrar alguma coisa, qualquer coisa que...

—Não penso assim. Não quando tenho um corpo bonito, quente aqui.

Ela balançou a cabeça vigorosamente.

—Porque não? – ele perguntou.

—Não posso deixar você...

Ele passou seus lábios ao longo de seu pescoço, arrastando sua língua até sua clavícula.

—Vamos, Mérida. Só um pouco.

—Royce, pare.

A força de seu comando o fez parar. Ele fixou seu olhar ao dela.

—Royce, realmente – Mérida tentou falar - Você não pode me morder. Confie em mim, Ok?

—Não. Acho que eu posso — ele respondeu antes de afundar suas presas profundamente na carne onde seu ombro encontrava seu pescoço. Seu ganido se transformou em um gemido quando ele

aproximou sua língua sobre a pequena ferida. O fluxo de seu sangue poderoso deu-lhe um susto, um sentimento elevado. Foi a coisa mais incrível que ele jamais tinha experimentado. Poderia facilmente ficar viciado em seu sabor.

Segurou-a apertada contra ele, sua boca ancorada no lugar. Estava tão ligado que não podia esboçar uma respiração completa. Um impulso sexual durante a alimentação era normal, mas nada como isto. Seu pênis pulsou e ameaçou se libertar de suas calças agora muito apertadas. Cada nervo formigou e suas bolas apertaram.

Separou-se bem antes de ter tido o suficiente, mas a este ritmo, ele iria embaraçar-se gozando nas calças antes de tê-la preenchido.

—Meu Deus — ele murmurou, ofegando tanto quanto ela estava. —Nunca senti qualquer coisa assim em minha vida.

—Como o quê? — ela respirou.

Ele descansou seus lábios contra seu pescoço e sorriu, tentando controlar o impulso de penetrá-la. Se ele não esperasse alguns minutos e recuperasse um pouco de seu controle, ele não iria durar duas punhaladas.

—Como se eu tivesse gozado apenas por me alimentar de você.

Choque registrou no olhar dela, juntamente com uma forte dose de excitação.

—Você não deveria ter feito isso.

—Sinto muito. Não consegui evitar.

—Tentei avisá-lo. Você deveria ter me dado uma chance para explicar. Mordidas... isso às vezes me deixa louca.

—Louca? — Seu pênis endureceu um pouco mais e ele gemeu.

—Oh, sim. Louca.

Ela prendeu sua perna em torno dele e conseguiu virá-lo de

costas, seus dedos voando para o botão e o zíper que segurava seus jeans fechados. Chocado com sua virada repentina, Royce não fez nada mais do que se descontrair e deixá-la tomar o controle.

Era forte, estava enlouquecida, e não conseguia obter o suficiente dele. Seu pênis pulsou, suas bolas doíam. Precisava dela. Ela o estava deixando tão louco quanto ele a deixara, e não havia nenhuma maneira no mundo, de conseguirem parar.

—Você vai se machucar — ele disse, tentando acalmar os movimentos de suas mãos antes dela se arranhar ou a ele.

Ela afastou as mãos de Royce para longe e arrancou suas calças jeans.

—Prefiro machucar você.

Ele tragou.

—Parece promissor.

Fez uma pausa, sorrindo para ele com um brilho perverso nos olhos enquanto libertava seu pênis da cueca, e o acariciou por todo seu comprimento.

—É.

Seus olhos se fecharam e ele se perdeu no momento, pelo menos até que ela correu as unhas afiadas em seu peito. Estremeceu com a dor, mas ao mesmo tempo, se sentia tão bem. As garras malditas provocaram um enorme tesão. Quase gozou logo em seguida.

Ela correu uma garra fina sobre seu mamilo ereto. Era incrível. Jesus. Instinto e uma necessidade profunda assumiram o desejo primordial para acasalar, e ele ordenou:

—Se livre de suas calças.

Ela olhou para seu pênis rígido, mais uma vez, sua língua correndo sobre seus lábios, antes de se afastar dele, tempo suficiente para retirar suas calças. Ele se levantou e veio por trás dela quando

ela começou a tirar a calcinha. Com um puxão rápido no material fino, ele o rasgou de seu corpo.

Ele deixou cair o tecido arruinado no chão e deslizou os dedos entre suas pernas. Molhada, encharcada. Ele estremeceu com o pensamento de deslizar em todo esse calor.

—Você sabe o quanto quero te foder, querida? — Ele sussurrou em seu ouvido, encontrando seu clitóris com o polegar e saboreando a forma que ela se contorcia contra ele. Apertou-se contra suas costas, seu pênis duro contra sua pele macia.

—Faça Royce. — Se arqueou de volta para ele, as mãos segurando seus quadris. —Foda-me.

Royce tentava ir devagar para saborear a sensação de tê-la perto dele, cercando-o novamente. Chutou uma cadeira fora da mesa e empurrou em direção a ela, curvando-a sobre as palmas das mãos, para repousar sobre a superfície de madeira polida. Usou o joelho para afastar suas pernas e deslizou os dedos em sua vagina molhada. Ela soltou um som entre um gemido e um grunhido. Seus músculos internos seguraram seus dedos e uma onda de calor correu através de seu intestino. Ele queria esperar, para provocá-la um pouco mais, para fazê-la pagar pelo modo que tinha fugido dele, mas teria que esperar. Seu pênis pulsava, precisando ser satisfeito.

Ele a ergueu mais e substituiu os dedos com seu pênis, enfiando dentro dela com força suficiente para mover a cadeira alguns centímetros para trás até bater na mesa. Seu corpo tremia e as pernas de Royce começaram a enfraquecer. Inclinou-se para colocar uma das mãos sobre o encosto da cadeira, mantendo a outra em seu quadril, quando ele entrou nela de novo e de novo.

Ele lutou contra o impulso de gozar enquanto pôde, mas quando sentiu que ia perder a batalha, colocou os dedos no ápice de suas

coxas, acariciando com o polegar o seu clitóris.

Demorou apenas alguns segundos para Mérida gozar, seu corpo torturado com convulsões e apertando seus músculos em volta de seu pênis. Gemeu quando um poderoso orgasmo o rasgou, arrastando-o diretamente para o centro do universo. Retirou-se dela e puxou-a contra ele, afundando na cadeira com o corpo dela cobrindo o seu.

Aninhou o rosto contra o cabelo dela, respirando o cheiro de mulher morna. Nunca se sentiu tão satisfeito em sua vida. Mas isso não duraria. Ele a sentiu endurecer-se contra ele, quando sua respiração chegou a um ritmo normal. Ele contou os segundos em sua cabeça, e não tinha atingido cinco antes que ela se levantasse e fosse para fora da cozinha, sem sequer uma palavra para ele.

—Ei! Aonde você vai?

—Chuveiro — ela falou, sem olhar para trás.

—Quer um pouco de companhia?

—Não. — Seus passos pesadas batendo nas escadas ecoaram sua resposta.

Bem. Boa coisa ele não gostar de conversa de travesseiro. Ele a deixou ir, desta vez. Um destes dias, ela teria que parar de correr. Mas não hoje. Depois do modo que ela o tinha ordenhado, ele estava seco e fraco, e não conseguiria se levantar por um tempo ainda.

*****

Logo depois, Royce a seguiu para fora da cozinha e subiu as escadas, mas em vez de virar à direita em direção ao banheiro, virou à esquerda e entrou em seu quarto.

Retirou o que restou de sua calça jeans e deixou-se cair na

cama. Nunca tinha chegado tão perto de desmaiar em sua vida. Só mais um segundo e teria apagado. Foi um pensamento assustador, mas divertido ao mesmo tempo. Ele já havia tido bom sexo antes. Inferno, ele já teve sexo fenomenal, alucinante, que o fez enrolar o dedão do pé várias vezes em sua longa vida.

Mas com Mérida, tinha ultrapassado tudo isso. A última vez que a teve tinha sido bom. Digno de uma repetição. Mas o que tinha acontecido no meio da cozinha de Wil... o aniquilou. Nunca mais seria o mesmo.

Ele se sacudiu duramente. Tê-la de volta na cama tinha começado como uma forma de jogo para provar a ela e a si mesmo que não era tão esquecível quanto parecia.

Mas de alguma forma havia se tornado muito mais. Em algum momento em meio ao choramingo dela, em cima dele no chão, ele compreendeu.

Ele estava viciado em Mérida.

Ela o prendeu a si na primeira noite em que se encontraram. Sua atitude o intrigou, seu corpo o fascinou. E ele queria mais. Muito mais. Queria passar as próximas duas semanas em sua cama, transando com ela em todas as posições possíveis até que nenhum deles conseguisse andar.

Mas isso não seria possível. Tanto quanto ele apreciava uma boa transa, ele nunca deixaria sexo vir antes do trabalho. Essa não seria uma exceção.

Suspirou e virou de costas para acomodar seu pênis rapidamente inchado. Ele não havia tido o suficiente dela ainda. Se Mérida achou que poderia escapar correndo para fora da sala, estava muito enganada. Só de pensar nela... No que tinham feito... Como ela pareceria nua e ensaboada no chuveiro... *merda*. Se ela queria ou

não companhia, ela iria ter.

*****

Ele pisou duro no banheiro e jogou para trás a cortina do chuveiro. Mérida ofegou, seus olhos arregalados com os lábios entreabertos. Corada e brilhante de seu banho, parecia boa o suficiente para comer. Ele sorriu ao pensar nisso. Puxando-a do chuveiro, ele a ergueu em seus braços e colocou seu traseiro na beira da pia, separando as pernas dela com as mãos.

—O que você acha que está fazendo? Estou encharcada. Eu preciso me secar.

Ele balançou a cabeça.

—Nem pensar nisso. Prefiro você molhada, gatinha. —Não deu tempo para ela responder, abaixou-se e mergulhou a língua profundamente em sua vagina. Umas das mãos dela voaram para o seu cabelo, agarrando punhados grandes e puxando de uma forma que cruzou a linha entre o prazer e a dor. Amava a maneira como sentia suas mãos na sua cabeça, os dedos enrolando contra seu couro cabeludo à medida que ela gemia suavemente. Ele não podia conseguir o suficiente.

E o sabor dela, apenas um gosto e ele sentia que voava para fora de sua mente.

Havia definitivamente algo sobre essa coisa toda de demônio. Será que uma mulher humana jamais iria satisfazê-lo novamente? Duvidava seriamente. Sugou o clitóris em sua boca, usando seus lábios e dentes para trazê-la até a borda. Seus gemidos ficaram mais altos, os dedos apertados em seus cabelos, ela estremeceu gozando. Ele rodou sua língua sobre seu clitóris até que seus espasmos

diminuíram antes de ficar em pé e a puxar em seus braços.

Não lutou com ele neste momento. Em vez disso colocou os braços em volta do pescoço dele e enterrou o rosto contra seu peito nu, como se soubesse o quanto ele precisava disso.

Esse pensamento o deixou estático. De onde diabo veio isso? Não precisa dela. Não precisava de ninguém. Não tinha relacionamentos, não podia lidar com compromissos. Estava ali apenas pelo sexo. Todas as vezes.

Sim, claro - falou uma pequena voz irônica em sua cabeça - Desta vez é diferente, meu chapa.

Disse mentalmente para a voz se calar. Não tinha tempo para se envolver. Só teve tempo de levá-la para a cama. Que era o que ele sabia fazer melhor.

A pequena voz irritante tornou-se um pouco mais barulhenta. *Sim, e é por isso que você a arrastou até aqui, quando Eric serviria perfeitamente. Por causa do trabalho*.

Porque ele sabia quão perto da verdade a voz estava, e porque não gostava nem um pouco disso, ele fez a única coisa que poderia pensar para afastar isso de sua cabeça. Levantou-se e empurrou seu pênis na vagina dela, ainda contraída de seu orgasmo recente. Ela jogou a cabeça para trás, seu cabelo pingando água na pia, gotas minúsculas salpicando em sua pele nua. Deus, ele amava sua pele. Era tão suave, tão calorosamente bronzeada, sedosa e suave. Não queria nada mais do que ficar sobre Mérida, sua pele cobrindo a dela, sentir suas curvas pressionadas contra ele, acariciando-a devagar, lentamente, com ternura.

Foda. Por que sua mente ficou presa nesta coisa de ternura.

—Deus, Royce - Mérida gemeu. Ele olhou-a, mas não conseguia manter contato com seus olhos. Em vez disso, se concentrou em

olhar seus lábios completa e naturalmente cor de rosa escuro. Tão sexy. Tão malditamente sexy. Ele queria senti-los, quentes e úmidos, enrolados ao redor de seu pênis. Ah, sim. Ele gostava deste pensamento, muito melhor. Agora ele tinha sua mente de volta onde ele queria, no ato propriamente e não nas emoções, que era melhor deixar de lado.

Empurrou mais duro, a sensação de suas unhas cavando em seus ombros ofuscando sua visão. Ele inclinou-se e tomou um dos mamilos entre os dentes, rolando a carne ereta suavemente, se amamentando como um bebê faminto. Quando ele a teve ofegando, seguiu para o outro mamilo, chupando-o longamente.

Quando se afastou, cometeu o erro de olhar em seus olhos. As emoções que viu lá refletiam tudo o que ele sentia dentro de si, áspero, cru e profundo. Seu olhar interrogativo encontrou o seu, tocando seu coração. Ela não era tão fria como queria que todos pensassem. Nem de perto. A descoberta quase o quebrou.

—Mérida, eu...

Ela o silenciou com um dedo em seus lábios.

—Não pense agora, certo?

Ele só pôde concordar. Pensar nesta situação em particular, tornou-se muito perigoso para sua saúde mental. Tentou empurrar sua concentração para o puramente físico. Agarrou os seus quadris e enfiou mais duro nela, levando-a para outro clímax. Ele a seguiu logo depois, mordendo seu ombro, gozando forte.

Ela cravou os calcanhares no traseiro dele e o segurou lá, ordenhando seu pênis completamente. Olhou para ela, o mesmo interrogativo e confuso olhar em seus olhos. Não sabendo mais o que fazer, se inclinou e beijou-a.

A incerteza comia seus sentidos, cada célula de seu corpo

gritando que ela era dele. Mas não podia ser. Encontrara a mulher certa para ele e a perdeu há 400 anos. Não estava disposto a arriscar seu coração novamente. Quebrou o beijo e, com um profundo suspiro, pegou Mérida e a levou para sua cama. Planejava mantê-la lá o resto da noite, se não mais.

Capítulo Sete

Royce rolou na cama grande, com a sensação de um corpo quente ao lado dele enchendo seu subconsciente. Suspirou e passou os braços em volta da mulher ao seu lado. Mérida. A única mulher que ele não tinha sido capaz de afastar de sua mente durante o último ano.

Todas as outras mulheres e não havia tantas como ela parecia pensar, não tinham sido capazes de fazê-lo esquecer seu gosto. Ele se preocupava com sua reação ao que eles tinham feito. Será que iria embora como tinha feito antes? Esperava que não. Não queria ser responsável por ela ir embora quando Wil precisava tanto de sua ajuda.

A língua dela percorreu o comprimento de seu braço e ele emaranhou os dedos em sua pele quente e peluda... peluda?

Pulou da cama, os pés batendo no chão de madeira fria quando o olhar dele bateu na gata gigante deitada em sua cama.

Ele se apoiou na parede e piscou para o animal.

—Que porra você acha que está fazendo, Mérida?

Ela pulou da cama, com a graça felina, caminhou em direção a ele com enormes patas pretas. Parou à sua frente e esfregou sua cabeça contra a perna dele, envolvendo a cauda em torno de sua panturrilha nua. Ele estava na frente dela, nu, e não gostou do modo que seus brilhantes olhos verdes estavam focados em certas partes

de seu corpo.

—Pare com isso. Isso é suficiente.

Ele podia jurar que viu seu sorriso. Sua forma de gata mudou e se transformou, tornando-se a humana que ele gostava muito mais. Sua respiração desacelerou quando Mérida ficou em pé, arrastando as palmas para cima de seu corpo.

—Qual é o problema, garanhão? Não consegue lidar com uma gatinha no início da manhã?

Já era de manhã? Merda. Como ele conseguiu dormir durante uma noite inteira? Uma rápida olhada no relógio confirmou o que ela disse. Eram pouco depois das seis. Afastou-se dela e pegou algumas roupas.

—Se vista, gatinha. Nós temos algumas coisas a discutir antes de eu ir para a cama.

—Como pode estar cansado? Você dormiu a noite toda.

—Sim, e você quase me matou ontem à noite. Não sou exatamente novo. Preciso de algum tempo para me recuperar.

E de algum tempo para superar o choque de ir para a cama com uma mulher e acordar com uma gata. Ele soltou um suspiro. As coisas não pareciam tão perfeitas à luz do dia, como foram na noite anterior.

*****

—Você sabia o que eu era quando dormiu comigo, seu idiota. Se você não consegue lidar com isso, fique fora da minha cama. — Ela deve ter percebido que algo assim aconteceria. Sim, deliberadamente o provocou, acordando-o em forma de gata, mas tinha que saber. Ela tinha visto algo em seus olhos à noite anterior, que a levara a

acreditar... algo que não prometia nada. Ela conhecia Royce bem o suficiente para entender a sua aversão ao compromisso.

Ela pegou o lençol da cama e envolveu-o em torno de seu corpo.

—O que você estava pensando, afinal? Por que você me tocou na noite passada?

—Nossa, eu não sei. Talvez que devíamos aproveitar a química que existe entre a gente?

Ela bufou.

—Porra, se você não tivesse me tocado...

—Oh, você não vai começar com isso agora – ele a cortou - Você não vai colocar a culpar disso em mim. Eu não fui o único que...

Ela o viu lutar por uma resposta até que ele finalmente cedeu e balançou a cabeça.

—Ok, tudo bem. Talvez desta vez a culpa tenha sido minha. Mas não ouvi você tentar me parar. Nem uma única vez. Você queria que isso acontecesse, tanto quanto eu. Você me disse para te foder!

Com o rosto ardendo ela teve que virar-se para impedi-lo de ver como a afetava. O zumbir de seu sangue, o aumento de seu batimento cardíaco, a umidade entre suas pernas quando ele chegava perto, o corpo dela reagia sempre daquela maneira.

—Tudo bem. Certo. Praticamente implorei para você me foder. Queria você. Naquela hora. Mas agora que posso pensar claramente, percebi que foi um erro. Mais uma vez. Não quero nada com você.

—Mentira.

Mentira? Sim. Era. Ela golpeou uma mão na testa.

—Sinto muito. Nós dois estávamos estressados. Você ofereceu conforto. Eu peguei.

—Conforto? Mulher, você está louca? Não havia nada

remotamente confortável sobre o que aconteceu. Foi sexo em seu estado mais básico e elementar. E foi incrível. Melhor que a última vez. Melhor que qualquer coisa.

Ele se aproximou e passou o dedo no centro da garganta dela para o oco de sua clavícula, batendo suavemente.

—Você tem algum problema com sexo sujo, gatinha?

Sua voz rouca segurava uma promessa que trouxe à sua mente o rasgar de roupas, corpos quentes e suados, sexo ilícito descontrolado, ela se esquivou e andou por toda a sala. Apenas o seu cheiro era suficiente para molhar sua calcinha, se ela tivesse usando alguma.

E a maneira como ele a chamava de gatinha, deveria tê-la chateado. Deveria fazê-la querer rasgar sua cabeça. Mas não era o que acontecia. Isso a fazia querer arrancar a roupa dele outra vez.

—Você tem um problema com sexo sujo?— Ele perguntou de novo, vindo por trás dela. Sua respiração fez cócegas em seu ombro enquanto falava. —Responda à minha pergunta.

—Não, não tenho problema com sexo sujo. — Ela virou para ele, as mãos nos quadris. —Tenho problema com vampiros. Não os aguento. *Panthicenos* e vampiros não se dão bem. É um fato da vida.

Ele se encostou à parede, os braços cruzados sobre o peito, um sorriso de auto satisfação estampado no seu rosto cinzelado.

—Pareceu-me que nos dávamos bem até poucos minutos atrás.

Pelo amor de Deus! Ela grunhiu de frustração. O que fez na vida para merecer esse tipo de tortura?

—Se nos damos tão bem, sanguessuga, por que é que eu quero acabar com você agora?

Ele se inclinou e mordiscou sua orelha.

—Soa como um plano para mim.

Ok. É isso ai.

—Isso não está nos levando a lugar algum. Tenho que encontrar Wil.

Quase sorriu para a irritação ciumenta que brilhou em seus olhos quando ela mencionou o nome de Wil.

—Por que você precisa encontrá-lo?

—Ele disse que ia tentar conseguir as informações que preciso. Lembra? Vou me vestir e descer para esperar. Acho que estará aqui em breve, se ele já não estiver.

Ela abriu a porta e pulou para trás de surpresa quando viu Wil ali de pé, a mão pronta para bater. Ela segurou firme o lençol quando o olhar dele moveu para baixo de seu corpo.

—Com licença? – ela bufou.

Ele encolheu os ombros com uma indiferença que a aborreceu.

—Desculpe. Você coloca tudo isso na minha cara, é claro que eu vou olhar. Sou homem – sorriu zombeteiro, mas mudou de assunto ao ver o olhar ciumento que Royce lhe lançava - Enfim, liguei para um amigo na biblioteca e consegui desenterrar algumas informações para você. Queria te dizer antes de ir à cidade para uma reunião... Mas... uh... Ouvi gritos. Queria ter a certeza que vocês dois não estavam se matando.

—Bem, acho que você chegou na hora certa, porque estava prestes a estrangular o seu amigo. Ele vai ter de lhe agradecer por ter salvado sua vida.

Ela empurrou Wil ao passar pela porta, e correu pelo corredor até seu quarto. Uma vez em segurança atrás da porta fechada, encostou-se a ela e deslizou para o chão. Onde tinha se metido?

Capítulo Oito

Michelle confrontou Wil sobre sua xícara de café, seus olhos se estreitando. Ela bateu as unhas contra a xícara, o barulho irritando os nervos dele, já desgastados.

—Algo muito estranho está acontecendo aqui.

—Estou inclinado a concordar com você. — *E você nem sabe da missa a metade* – pensou.

—Então, você vai me dizer o que é?

Ele levantou uma sobrancelha com a pergunta que esperava desde que chegou dez minutos mais cedo.

—O que faz você pensar que tenho alguma ideia do que está falando?

Ela soltou um suspiro quando o seu olhar caiu para a mesa. Uma garçonete estava na mesa anotando o pedido de Michelle para o café da manhã. Seu olhar incerto brilhou para Wil.

— Tem certeza que não posso conseguir alguma coisa para você, Wil? – a pergunta não era definitivamente sobre comida.

—Não, obrigado. Só água tá bom.

Ela encolheu os ombros quando se virou para ir embora.

—Você que sabe.

Michelle limpou a garganta.

—Você está agindo um pouco estranho, esta manhã, William. — O alcançou através da mesa e passou os dedos contra a palma da mão de Wil. Ele se afastou.

—Estou? — tomou um gole de água, girando o canudo ao redor do copo e agitando os cubos de gelo. — Não tinha notado. — Abafou um bocejo, querendo apenas estar de volta em casa, na cama. Esperou que ela chegasse ao ponto depressa para poder sair. Não queria ficar perto dela, mas não quis perder nenhuma informação que pudesse ajudar Mérida.

—Sim. Você acha que é normal usar óculos escuros em um restaurante? Nem é claro aqui.

—É claro o suficiente. — Ele empurrou os óculos de sol em cima do nariz e inclinou-se de volta contra o banco desgastado coberto de vinil. —Trabalhei na noite passada. Estou cansado e meus olhos são sensíveis.

Ela balançou a cabeça, sua expressão dizendo-lhe claramente que não acreditava nele, mas deixou passar.

—Algo sobre esses assassinatos tem preocupado você. Gostaria de saber o que é.

Soltou um suspiro, passando as mãos pelo rosto. Droga. Ele teria sorte se não caísse no sono ao volante no caminho de casa.

—Nada de especial. A situação é preocupante. Qualquer assassinato, especialmente aqui, tende a causar um pouco de preocupação.

—Mas isso é diferente. — Ela o alfinetou com um olhar acusador. —Não é?

—Bem, não é todo dia que pessoas são mutiladas em Caswell. Você me trouxe aqui para me entrevistar? Porque preciso dizer-lhe,

depois de uma longa noite de trabalho, não estou realmente de bom humor.

—Não. Não sabia. — Ela umedeceu os lábios com a língua e a fome ondulou no intestino dele. —Estou preocupada. As coisas estão um pouco… estranhas ultimamente.

Ele se endireitou, seu interesse agora despertado pelo sentido da frase e seu tom de voz ansioso.

—O que você quer dizer?

—Você vai pensar que isso soa excêntrico, mas tenho tido esses sonhos estranhos. — Ela colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha e tentou sorrir. Sua tentativa caiu por terra, seu rosto empalidecendo. —Tenho sonhando com meu pai. Alguma vez te contei sobre ele?

Wil balançou a cabeça. Ele tinha a sensação de que não gostaria do que estava acontecendo.

—Acho que não.

—Ele não queria filhos. Pelo menos é o que minha mãe vivia me dizendo. Que foi por isso que ele nunca quis me ver. — Deu uma risada trêmula antes de sua expressão, mais uma vez ficar séria. —Ele foi um corretor imobiliário no Texas. Preocupava-se mais com seu trabalho do que em ter uma família, assim, se divorciou de minha mãe quando ela ficou grávida de mim. Ela se mudou para Caswell para viver com sua irmã depois que meu pai a chutou.

Ela parou e suspirou, empurrando a comida intocada no prato com o garfo. Quando olhou para ele novamente, viu claramente a dor em seu olhar, juntamente com uma boa dose de medo. Encostou-se à mesa para ouvir o resto da história. Esta poderia ser a quebra que eles estavam procurando.

—E seu pai ainda está vivo?— perguntou quando ela permaneceu

em silêncio.

Ela balançou a cabeça.

—Foi morto quando eu tinha dez anos. Minha mãe me disse que ele teve um ataque cardíaco, mas quando tinha idade suficiente para ser curiosa sobre sua história, fiz algumas pesquisas e descobri que ele tinha sido assassinado.

Wil se inclinou para frente, atento a cada palavra. Algo que Mérida tinha dito voltou a ele. Que o demônio está anexado à propriedade, ou a uma pessoa. Tinha a verdade sobre os assassinatos bem à sua frente o tempo todo?

—Eles já pegaram o assassino?

—Não. Perguntei sobre isso a minha mãe, mas ela se recusou a falar. — Ela fechou os olhos, à beira das lágrimas. - Ela se matou não muito tempo depois que tentei falar com ela sobre isso, então nunca tive a chance de perguntar novamente.

Ele sabia que a mãe de Michelle tinha cometido suicídio alguns anos atrás, mas não sabia os detalhes.

—Como ela morreu?

Michelle piscou para ele, raiva e confusão em seus olhos.

—Que?

—Como ela morreu? — Repetiu seu coração disparado. —Exatamente como ela tirou sua vida?

—Ela cortou os pulsos. Deus, Wil, você tem que ser tão mórbido?

—Ossos do ofício. — Ninguém jamais o acusou de ter muito tato. —Desculpe se aborreci você.

Seu olhar amoleceu um pouco e ela deu de ombros.

—Tanto faz. Sei que você não se preocupa com qualquer coisa que envolva emoções, mas machucou quando minha mãe se

suicidou. Sei que não tinha sido a melhor filha, mas tentei. Simplesmente não podia ser o que ela esperava que fosse.

—E o que seria isso?

—Bom. Eu não conseguia ficar longe de problemas.

As ideias começaram a clicar em sua cabeça, demasiado rápido para ele se agarrar a alguma coisa específica. Ele não sabia muito sobre demônios e suas capacidades, mas a história de Michelle soou um pouco estranha.

Ele fingiu verificar as horas em seu relógio.

— Desculpe. Tenho que chegar em casa e dormir um pouco. Hoje vai ser outra longa noite e não quero estar cansado.

Ele precisava voltar e discutir as mais recentes reviravoltas com Mérida. Tirou a carteira e entregou a Michelle uma nota de vinte.

—Isso deve dar para pagar sua refeição e a gorjeta. Vou te ligar mais tarde, tudo bem?

Ele já estava fora da porta e na metade da rua onde tinha estacionado seu carro quando percebeu que ela o seguira.

—Aonde você vai? Pedi para me encontrar para que pudéssemos ter uma conversa. Não esperava que fosse correr para fora depois de quinze minutos.

- Estou saindo. Você sabe como é. Trabalhei durante toda a noite. Tenho que dormir um pouco. — Dormi agora era a última coisa em sua mente.

Ela o olhou com uma mistura de irritação e ansiedade que fez com que ele parasse brevemente.

—Pensei que, de todas as pessoas, você estaria disposto a ouvir a minha história.

—Ouvi, não é?

—Apenas parte dela. Não consegui falar sobre meus sonhos.

Ele suspirou, resignado, quando encostou seu quadril em um dos bancos pintados de verdes que ladeavam a calçada.

—Tudo bem. Conte-me sobre eles.

Ela balançou a cabeça, sua respiração ofegante.

—Não importa. Você não se importa.

—Obviamente isso era importante, ou você não teria me pedido para encontrá-la. — Tentou se concentrar em Michelle, mas o sol batendo em sua pele estava matando-o. Sentiu que estava sendo comido vivo. Depois de não ter sono na noite anterior, a sua resistência tinha ficado demasiado baixa para gastar um longo período de tempo fora durante o dia. Ele não queria acabar com cicatrizes permanentes.

—Os sonhos... Não me lembro de muita coisa sobre eles. São uma estranha bagunça, atrapalhados que mal posso recordar quando acordo. Mas eles me fazem lembrar algo que minha mãe sempre me dizia.

—O que era?

—Que meu pai tinha vendido sua alma ao diabo, e era por isso que eu não conseguia me controlar.

Um calafrio atravessou Wil e ele tomou uma respiração afiada. O diabo? Não é possível. Mas um demônio... Precisava discutir isso com Mérida. Talvez Michelle tivesse sido simplesmente uma criança nervosa. Ou talvez ela tivesse problemas mais profundos, muito mais sinistros.

—Sei que ela não quis dizer isso — Michelle disse suavemente. —Não realmente. Mas, bem, não sei o que pensar. Acho que apenas pensei que você deveria saber sobre isso. Não sei como, mas pode ajudar com a sua investigação.

Ele se afastou do banco e caminhou em direção ao seu carro, o barulho dos pássaros cantando combinado com o funcionamento de sua mente dando-lhe uma enxaqueca.

—Obrigado. Tenho certeza que não é nada, mas aprecio o pensamento.

Ela correu atrás dele, agarrando a parte de trás de sua camisa com os dedos.

—Pare de fugir! Estou tentando lhe dizer alguma coisa. Porque você não pode estar presente quando preciso de você?

—Sei que o que aconteceu com seus vizinhos te golpeou, mas não posso discutir nada disso com você. Você sabe disso. Por ser repórter, deveria ter um pouco mais de compreensão.

—Por que deveria dar a você compreensão quando não pode dá-la para mim?— Havia súplica nos olhos dela, que ele não conseguia decifrar e não se importava. Tinha coisas mais importantes para pensar do que uma repórter esfomeada de atenção à procura de uma boa história. E se metade do que ela disse a ele fosse verdade, tinha que voltar para Mérida imediatamente com a informação antes que alguém se machucasse. Se o demônio tinha sido preso ao pai de Michelle, ou sua família, qualquer um ao seu redor poderia estar em perigo.

—Falaremos sobre isso mais tarde. Posso procurá-la em um ou dois dias?

Ela balançou a cabeça, um lampejo de pânico brilhou em seus olhos por um breve momento antes da raiva o substituir.

—Acho que não. Você estava certo em terminar comigo semanas atrás. Uma xícara de café antes de voltar para minha casa e passar algumas horas na minha cama, não constituem exatamente um encontro. Você nem mesmo passa a noite, e você se recusa a me ver

em qualquer momento durante o dia. É mais como se apenas me quisesse por perto quando quer relaxar, mas me ignora completamente quando não está no clima.

Ele deveria ter pensado melhor antes de se envolver com uma humana.

Sempre terminava em apuros.

—Estou feliz de finalmente você ver as coisas à meu modo. Se você quiser conversar, me ligue amanhã, quando tiver se acalmado.

Ela passou por ele até seu carro, que estava estacionado próximo ao de Wil.

—Não sou a única que precisa se acalmar, Wil. Você precisa definir suas prioridades.

—Eu as tenho. A primeira é resolver esses assassinatos. Todo o resto tem que esperar.

—Poderia ajudar você com isso, se deixar de ser tão idiota e parar tempo o suficiente para me ouvir.

Abriu a porta do carro e voltou-se para ela. O que mais poderia fazer por ele do que a informação que já tinha dado se fosse válida.

—O que você acha que pode fazer por mim que não posso fazer eu mesmo?

Ela abriu a boca para falar, mas ele a parou.

—Não, realmente. Pense sobre isso. Diga-me uma coisa que você pode fazer por mim que não sou perfeitamente capaz de fazer. Uma coisa que não envolva sexo.

—É aquela mulher, não é?

—Que mulher?

—A que fica em sua casa. Você está dormindo com ela, não é?

Paciência…

—Não, não estou dormindo com Mérida. Por que de repente você está obcecada com minha vida sexual?

—Porque pensei que eu era sua vida sexual.

Ele soltou uma respiração longa e lenta. Parte dele não queria magoá-la, mas outra parte queria lhe mostrar que tinham terminado. Ele não podia continuar com uma mulher que não confiava e toda a conversa sobre demônios e pactos com o diabo, poderiam ser apenas outra maneira dela se aproximar dele novamente.

—Você realmente achou que essa coisa entre nós era exclusiva?

Ela balançou a cabeça enquanto abria a porta do carro.

—Tudo bem. Se é assim que você quer, não vou insistir. Tenha uma vida agradável, Wil.

Ela entrou no carro, bateu a porta e saiu do meio-fio. Enquanto observava Michele levar o carro para a Rua Principal, fez uma oração silenciosa para que ela não se envolvesse em um acidente. Ele não precisava dela morta. Já tinha o suficiente em sua mente esta manhã.

Por via das dúvidas, ele a seguiu pelas ruas, parando algumas centenas de metros da casa dela. Viu-a sair de seu carro e andar até a porta da frente, seus ombros curvados e seu rosto vermelho, provavelmente de tanto chorar. Ele devia se sentir mal pela maneira como a tratou, mas não conseguia se preocupar com ela.

Ela tinha arruinado tudo com seu comportamento imprevisível e a forma como o tinha usado em benefício próprio. Não se importava em ser usado, mas apenas em seus próprios termos e não para obter informações.

Capítulo nove

Mérida sentou no chão do quarto com as pernas dobradas embaixo dela. Respirou fundo, bloqueando o mundo ao seu redor, sua mente focada em uma coisa. As cordas psíquicas. Ela se sentia mais perto neste momento do que antes. Sabia profundamente dentro de si que seria hoje. Hoje seria o dia que finalmente apreenderia direito. Depois de tudo isso...

—O que está acontecendo?

Ela abriu os olhos para encontrar Royce de pé na porta, protegendo seus olhos do sol que entrava pelas janelas abertas. Ela estreitou os olhos para ele.

—Que diabos você está fazendo fora da cama? São apenas sete e meia.

—Não consegui dormir. — Ele deu-lhe um meio sorriso que ela teria achado sexy, se não estivesse tão irritada. —Fiquei pensando sobre a noite passada, sobre você e eu.

Quem ela estava enganando? Também não pensara em outra coisa. Caiu para trás no chão e fechou os olhos.

—Idiota.

—O que eu fiz?— Abriu um olho tempo suficiente para ver que ele tinha entrado no quarto e começado a puxar as cortinas, fechado-as. Homens. Vampiros.

—Estou meio ocupada aqui. Você pode deixar as cortinas como

estavam e sair, vampiro?

Ele deu de ombros, e Mérida quis arrancar o olhar irônico de seu rosto a unha. Ele não era nada engraçado às vezes.

O colchão de molas gemeu quando Royce se sentou.

—O que você acha de toda essa confusão?

Não era geralmente a mulher que analisava as coisas até a morte no dia seguinte?

—O que aconteceu, aconteceu. Nós não podemos voltar atrás, não podemos alterá-lo, mas...

Sua explosão de risos interrompeu sua linha de pensamentos. Ela abriu os olhos e olhou para ele.

—O que é tão engraçado?

—Estou falando sobre os assassinatos.

—Oh.

—Sim. Oh. Então me diga gatinha, qual é sua reação instintiva para esta situação? — Ela suspirou e levantou os dedos no ar, deixando uma faísca azul voar em direção ao teto.

—Não posso fazer nada sobre isso até mais tarde, então estou tentando não pensar nisso.

—Qual é a sua impressão geral? Não estou tentando pressionar você à ação quando não é o momento para isso. Só quero ouvir sua opinião sobre a situação. Acha que está relacionado com a propriedade?

Ela balançou a cabeça e sentou.

—Olhei a papelada que Wil me trouxe. Nada. Nenhum passado sombrio. As árvores foram desmatadas há cinquenta anos, o duplex foi construído há trinta anos, nada de estranho, pelo menos nada gravado, já aconteceu lá. Então acho que nós teremos que ir com a

segunda opção.

—O demônio está conectado a uma pessoa.

—Sim. — Ela se levantou e caminhou até as janelas, abrindo as cortinas para deixar entrar a brisa quente de Primavera. —O que você sabe de Wil?

—O conheci a maior parte da minha vida.

Não se atreveu a olhar para ele quando fez sua próxima pergunta.

—Ele é capaz de violência?

Royce hesitou por um tempo longo demais antes de responder, e quando ele falou, seu tom parecia tenso.

—Por que você pergunta?

—Porque acho que ele está de alguma forma, relacionado com toda esta confusão.

—Besteira. Você não acha que ele teria notado?— Veio por trás dela e colocou as mãos sobre seus ombros, girando-a bruscamente. —Como é que você sai dizendo coisas assim sobre um homem que tem sido nada, além de agradável com você?

—É apenas uma sensação que tenho, está bem? — Ela se afastou do olhar duro dele e caminhou pela sala. —Acho que às vezes podemos ser cegos para a verdade, ignorando aquilo que não queremos que esteja lá, quando isso nos perturba.

—Você está tentando dizer que acha que estou cego para o que realmente está acontecendo?

—Não tenho certeza. — Parou na frente dele e cruzou os braços sobre o peito, recusando-se a ser intimidada por um sugador de sangue enorme e temperamental. —Talvez ele nem saiba. Não sei o que te dizer. Você me trouxe aqui para ajudar, é pegar ou largar.

Royce balançou a cabeça.

—Ainda não vejo porque você acha que Wil está ligado a tudo isso.

—Não sei. Ele não está em contato com o demônio, teria visto quando o conheci. Mas ele sabe alguma coisa, mesmo que se recuse a vê-lo.

—Você vai dizer a ele tudo o que me disse até agora? Inclusive suas desconfianças?

Uma pergunta delicada, que não tinha passado muito tempo pensando. Se ela falasse com ele sobre isso, talvez pudesse lhe dar uma pista decente. Então, novamente, talvez isso fosse levá-lo a fazer algo estúpido em sua busca pelo assassino. Não podia arriscar.

—Não quero que ele saiba. Ainda não. Nós temos maior possibilidade de descobrir quem é a pessoa, se ele não ficar bisbilhotando. Além disso, não acho que ele acreditaria em mim, de qualquer forma.

Royce inclinou a cabeça para o lado, quando olhou para ela.

—Por que não?

—Ele é exatamente como você. O típico macho teimoso. Sempre querendo resolver de seu modo.

—Isso é um pouco duro, você não acha? Você não conhece o sujeito. O que é que você tem contra os homens?

—Nada. — Só mil anos digna de ser mimada, de ser tratada como uma cidadã de segunda categoria, porque aconteceu de ela ter nascido do sexo feminino. Sempre lhe dizendo o que fazer, porque pensavam que era o melhor para ela. Não podia lhe contar nada disso, ele nunca iria entender. Frustrada, deixou um fio de eletricidade deslizar de seus dedos e observou subir em espiral no ar antes de desaparecer com um *poof*.

Os olhos de Royce se arregalaram.

—O que você está fazendo?

Ela bufou.

—Liberando um pouco de energia. — Ela deixou outro fio, e depois outro, antes de resolveu brincar com algo mais forte. O olhar preocupado no seu rosto juntamente com o modo como ele recuou, alguns passos a fez sorrir. Gostava de ver um homem grande e forte querer correr e se esconder quando ela deixava a magia fluir.

Mexeu os dedos no ar, até que suas pontas fossem fogo. Ela os levantou em direção a Royce, as chamas lambendo no ar com intensidade ardente. Quando ele não mostrou nenhum sinal de querer recuar ainda mais, ela fechou as mãos e as chamas desapareceram com um estalo.

—Venho tentando algo novo, mas não está funcionando.

— Há algo que eu posso ajudar?

Sua pergunta a surpreendeu. Ela sorriu, se entretendo com o pensamento fugaz de Royce preso à cama com as cordas, impotente para o explorar com as mãos. E a língua. Ela gostou da ideia. Muito. Em teoria. As cordas não durariam o tempo suficiente para esse tipo de atividade, mas ela sempre podia sonhar.

—Talvez.

Ele apoiou as mãos para trás no peitoril da janela. O movimento fez o peito e os músculos do braço inchar de uma maneira que achou fascinante. Ela poderia usar um pouco de distração no momento, e um sujeito de boa aparência como Royce podia fornecer muito disso.

Por horas a fio, como foi comprovado na noite anterior. Ela sorriu e lambeu os lábios quando os olhos dela pousaram na protuberância na frente de sua calça jeans e a ereção que inchava contra elas.

—Impressionante vampiro.

Ele riu um pouco nervoso.

—O que posso dizer? Tenho estado assim desde que você me deixou.

—Estou fazendo você ficar nervoso?

—Claro que não. — Ele tentou parecer casual, mas ela viu a verdade em seus olhos. Que ela o assustava. Ele não gostava disso, e provavelmente não gostava da química entre eles. Seu sorriso alargou e as palmas das mãos começaram a formigar.

Ela ergueu as mãos para o rosto dele e viu o que estava esperando um ano para ver. Finas, cordas de pálido azul saindo de seus dedos, estendendo-se para o ar à sua frente. Elas desapareceram quando ela mexeu os dedos, mas ela sabia agora que poderia chamá-las sempre que quisesse. Ela riu quando a alegria a encheu.

—Eu fiz isso!

Uma ideia perversa formou em sua cabeça e ela sorriu para ele.

—Assista isto, vampiro.

Com um toque de seu dedo no ar, ela fingiu esticar uma corda em seu pescoço. E então ela estava lá, seu colar de corda psíquico, completamente atada. Ela deu um puxão e ele tropeçou para frente.

—Cara, eu sou boa.

Royce olhou para ela quando seus dedos tentaram arrancar a corda do pescoço.

—Que diabos você está fazendo?

Ela deu outro puxão na corda, trazendo-o para mais perto dela. Ele tentou cavar os saltos do sapato, mas não conseguiu.

Ela imaginou a sensação de asfixia que começou quando ele tentou se segurar, algo a ver com sórdido olhar em seus olhos.

Mérida amou cada segundo disto.

—Qual o problema, cara durão? Com medo de ser amarrado?

Mais um puxão e ele ficou na frente dela. Ela correu uma mão em seu peito, sua unha arrastando sobre seu mamilo. E, então, a pior coisa que poderia acontecer eventualmente aconteceu.

As cordas piscaram e se dissolveram no ar.

O sorriso de Royce era nada menos que predatório e um calafrio correu através dela.

—Não tenho medo. Você tem?

Oh, oh. O aquecido e dominante olhar de Royce a fez quer virar e correr para fora do quarto. Isto também molhou sua calcinha e fez suas pernas bambas. Abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu.

Ele se inclinou e correu a língua para baixo ao lado de seu pescoço, deixando uma trilha ardente em sua pele trêmula. Ela franziu o cenho. Desde quando ela temia?

—Confia em mim, gatinha?— Perguntou seu hálito quente e úmido contra sua orelha.

Ela tremeu quando ele raspou suas presas sobre o lóbulo de sua orelha.

—Hum, penso que sim.

—Você começou este jogo com seu pequeno truque de corda. Tenha isso em mente. — Ele a empurrou até suas pernas baterem na cama. —Acredito que é a minha vez de jogar agora.

Seu estômago sacudiu com sua súbita mudança de atitude. Nunca o tinha visto assim antes. Não deveria gostar, mas ela fez.

—E o que você tem em mente?

Ele não disse nada, mas realmente não precisava. Se ela olhasse em seu rosto, veria que estava agora em algum problema muito

profundo. Tragou duro contra a luxúria que queimava dentro dela. Precisava dizer alguma coisa, fazer algo para colocá-lo em seu lugar.

Abriu a boca, mas quando ele alcançou sua mala e puxou para fora um par de meias-calças, fechou a boca novamente.

—Por que você não vestiu estas para mim?— Ele perguntou seu olhar aquecido direto nela.

Sua voz soou áspera, rouca quando ela respondeu.

—Trouxe-as para usar com meu vestido, no caso de precisar usar algo mais extravagante que jeans e camiseta. Gosto de estar preparada para qualquer coisa. Nunca sei o que o trabalho vai trazer.

Ele soltou um suspiro e balançou a cabeça, sua voz mais calma, comandando ao mesmo tempo.

—Pensei que tivesse trazido para mim.

—Que uso você teria para elas? — Assim que as palavras deixaram sua boca, queria mordê-las novamente. Sabia exatamente o uso que ele tinha para elas, e se recusou a dar-lhe esse tipo de controle. Nenhum homem merecia tanta confiança.

Seu sorriso exibia as presas que fez seu estômago vibrar e molhou sua calcinha. Se cedesse a ele, estaria perdida.

Ele gostaria desta forma, com ela em sua clemência total, a ideia a fez vacilar. Fizeram outras coisas também, coisas que se recusou a reconhecer. Não o deixaria pensar que era fraca. Se seu corpo traidor ouvisse a razão, poderia ser capaz de mandá-lo parar.

—Quanto você me quer?— Ele perguntou.

Ela fechou os olhos, não tinha certeza de como responder a sua pergunta. Se dissesse a verdade, ele saberia que poderia tê-la onde quisesse. Se mentisse e lhe dissesse que não estava interessada, ele provavelmente iria embora, deixando-a tão excitada que sequer poderia pensar direito.

—É só diversão. — Ele ergueu seu queixo com o dedo e olhou para ela.

A sinceridade que viu em seus olhos quase a desfez.

—Nada muito difícil. Prometo. Pode ser muito prazeroso, se você confiar em mim.

Derreteu-se na forma como ele falou. Seu coração acelerou no peito, seu sangue rugiu em suas orelhas. A expressão em seu rosto lhe enviou ao longo da borda, fora do terreno conhecido e em um novo território, onde ela tinha de entregar o controle para Royce, para receber o prazer que seu olhar exigente prometia.

—Tudo bem. Pode fazer o que quiser – cedeu finalmente.

—Qualquer coisa?

Encolheu os ombros, parecendo nervosa como o inferno e fora de seu elemento.

—Tenho certeza. Por que não?

Deu um sorriso conhecedor e ela soube que não comprou um segundo de sua bravata. Ele se afastou da cama, os braços cruzados sobre o peito, a meia-calça pendurada em sua mão.

—Tira.

Ela tentou não se derreter em uma poça no chão.

—Desculpe-me? — Sua voz vacilou, bem como suas pernas e cambaleou para o lado. Por que ela nunca soube o quanto de tara isso poderia ser?

Ele levantou uma sobrancelha com impaciência.

—Você me ouviu. Tire sua roupa e fique na cama.

Não sabendo o que fazer, ficou ali, suas pernas contra a cama e suas mãos nos quadris.

Ele deu um passo mais perto, dominando-a com seu tamanho e

sua presença.

—Assustada, gatinha?

—Claro que não. — Com medo? Não exatamente. Estava tão excitada, que mal conseguia ficar de pé. Mas se ele achava que ia tornar isto fácil para ele, seria melhor pensar novamente. —Por que não tira você primeiro?

Ele soltou um suspiro áspero, seu sorriso predatório se transformando em uma careta.

—Bem, se você não quer jogar pelas regras, não temos que jogar mesmo.

Ele girou sobre os calcanhares e começou a caminhar em direção à porta.

O que? Não. Ele não podia fazer isso com ela. Precisava dele. Desesperadamente. Recusou-se a deixá-lo ir embora.

—Espere um pouco. Certo. Vou tirar.

Ele virou lentamente, olhando-a com um olhar curioso. Um canto de sua boca levantou em um meio sorriso quando ela tirou a blusa e desabotoou a calça jeans. Despiu o jeans, juntamente com sua calcinha e meias, tirou seu sutiã. Todo o processo não poderia ter demorado mais do que alguns segundos, mas com o olhar de Royce colado ao seu corpo, examinando cada movimento, pareceu durar uma eternidade.

—Feliz agora?— Perguntou, quando estava diante dele, nua e tremendo com o calor de seus olhos.

Ele sorriu, mas agitou a cabeça.

—Ainda não. Vá para a cama.

Ela sentou sobre o colchão firme, o material acolchoado roçando contra sua vagina molhada de modo muito desejável. Não sabendo o que fazer com seus braços, deixou-os cair a seu lado dela.

—E agora?

—Deite-se de costas. — Ele passou a língua sobre os dentes e ela engoliu em seco.

Foi para trás no colchão, as pernas não mais fortes do que gelatina e deitou-se. Ele se aproximou do lado da cama e ficou olhando para ela, sua intensidade deixando seus nervos no limite e despertando-a de forma inacreditável. Seu corpo inteiro tremeu com antecipação e uma boa quantidade de medo.

—Vá para cima e agarre a cabeceira — disse a ela. Soltou um suspiro quando fez o que lhe pediu, segurando a madeira da cabeceira em suas mãos. Ela olhou para cima quando ele enrolou a meia-calça na cabeceira da cama e amarrou uma ponta em cada um de seus pulsos, prendendo-a a cama. Ela podia mover os braços, mas não muito. Não iria a lugar nenhum tão cedo. Ele arrastou suas mãos grandes e quentes sobre os braços dela, ao lado de seus seios, para sua cintura. Seus dedos cavados em sua cintura e a olhou, parecendo procurar algo em seu rosto.

—Você sabe há quanto tempo tenho esperado para colocar você nesta posição?

Sem confiar em sua voz, ela balançou a cabeça.

Ele moveu uma mão para sua barriga, abrindo os dedos. Eles se estiraram ao redor de seu quadril.

—Muito tempo. Um maldito longo tempo, — ele murmurou, seu olhar agora fixo em seu estômago.

—Você vai se despir?

Não olhou para ela quando respondeu.

—Ainda não. — Ao invés disso, fez algo que a deixou com a respiração ofegante. Ele virou-a sobre seu estômago.

A ansiedade cresceu nela, nítida e forte.

—O que você está fazendo?

Teve sua resposta quando sentiu algo macio roçando em suas pernas. Ela se encolheu.

—O que é isso?

Ele segurou a outra meia no ar, agitando-a como uma bandeira da vitória.

—Você prefere que eu use algo com um pouco mais de substância?

—Não, — quase gritou. Ele provavelmente quis dizer algo de couro. Como isso poderia transformá-la? Tanta coisa havia feito para ser uma mulher moderna, no controle de seu corpo e suas escolhas. E em poucos minutos, Royce tinha despedaçado tudo o que pensou que sabia sobre si mesma e a torceu de dentro para fora.

Ele deve ter sentido seu desconforto, porque cutucou suas pernas e correu as pontas dos dedos sobre sua vagina.

—Tão molhada. Preciso te provar.

Ela sentiu sua respiração quente contra sua pele sensível, pouco antes de sua língua correr ao longo de sua fenda, do ânus ao clitóris. Já além de excitada, gritou quando sua língua girou sobre seu clitóris. Ela arqueou as costas, empurrando sua vagina para mais perto de sua boca, ele deu uma forte chupada em seu clitóris, mas depois a empurrou de volta para o colchão e tirou sua boca.

—Relaxe. Não quero que goze muito depressa.

Ela choramingou.

—Por que não?

—Você está fazendo muitas perguntas. Chega. Mantenha sua boca fechada e desfrute.

Ele abriu ainda mais suas pernas, empurrando os dedos entre

suas coxas. Mergulhou um dedo em sua vagina, acariciando dentro e fora algumas vezes antes de retirar. E então ela sentiu a bofetada suave de sua mão contra seu traseiro. Ela se enrijeceu.

—Que diabos você pensa que está fazendo?

—Sem falar, lembra?

—Mas...

Ela fechou a boca quando sua mão desceu sobre seu traseiro novamente, três vezes, cada palmada um pouco mais forte que a anterior. Sentia sua vagina mais molhada a cada segundo.

—Royce. — Mentalmente se repreendeu quando seu nome saiu como nada mais que um gemido. Não deveria ficar ligada com as palmadas. Mulheres fortes não deixavam os homens assumirem o controle, não os deixam fazer as coisas deste jeito.

No entanto, ela não conseguia se lembrar de alguma vez estar tão molhada. Sentiu-se como se pudesse gozar apenas com a picada leve de sua palma contra sua pele.

—Não gosto de sexo bruto.

Ele riu, mergulhando os dedos em sua vagina e seu polegar circulando o clitóris.

—Seu corpo diz o contrário. — Intensa pressão cresceu dentro dela, mas assim que ela sentiu os primeiros sinais do orgasmo, ele se afastou novamente.

Ele bateu em seu traseiro mais três vezes, deixando sua pele formigando quando levantou a mão. Ela gemia e se contorcia na cama, desejando ter as mãos livres para poder se tocar e gozar logo. Ele não parecia estar com pressa, e Mérida poderia explodir se esperasse mais tempo.

Todas aquelas vezes em que ela se perguntou o que as mulheres viam nesse tipo de sexo... Agora sabia a verdade. Pensar em ser

amarrada e surrada, e realmente estar na situação era duas coisas muito diferentes. Amou cada segundo.

Desta vez, enquanto a estapeava, ele enfiou os dedos dentro dela, ao mesmo tempo. Duro. Seu polegar circundou o clitóris novamente e ela mordeu o lábio para conter um grito.

Sentia-se tão inacreditável. Não conseguiria segurar por muito mais tempo, mas ele disse que não queria que gozasse. Quando apertou o dedo sobre seu clitóris, ele sussurrou:

—Goza para mim, gatinha.

Seu orgasmo levou-a com tal força que prendeu a respiração em seus pulmões. Lutou para respirar, esforçando-se para permanecer consciente quando os espasmos tomaram seu corpo.

Quando Royce finalmente se afastou, ela sentiu como se estivesse flutuando sobre uma nuvem, um lugar onde nada importava, além de como se sentia e o que ele poderia fazer-lhe.

Sua mão massageando seu traseiro a trouxe de volta à realidade e estremeceu com o toque. Olhou por cima do ombro e o encontrou olhando-a com algo que se parecia muito com ternura. Seu coração bateu quando ele sorriu.

—Você é tão bonita, — ele murmurou, enquanto retirava seu jeans. Não usava nada por baixo.

Suas palavras a sacudiram mais do que elas tinham o direito. Por que ele seria tão agradável com ela? Isto era somente sexo, certo? Em algum lugar ao longo do caminho, a linha entre sexo e algo mais tinham desaparecido.

Ele ficou sobre ela, olhando nervoso e inseguro e muito, muito excitado. A vontade de puxá-lo para perto, frente a frente, a oprimiu.

—Solte-me.

Ele começou a agitar a cabeça, mas ela o interrompeu.

—Por favor, Royce. Solte-me. Quero te segurar quando você estiver dentro de mim.

Quando ele não fez nenhum movimento para libertá-la, ela estendeu as mãos e colocou seus dedos ao redor da meia-calça, derretendo as cintas de nylon com um clarão de fogo.

Ele deu um riso tenso.

—Você poderia ter se soltado o tempo todo?

Ela assentiu com a cabeça.

—Então por que não fez?

—Não posso explicar isso. — Virou-se e estendeu os braços para ele. —Não quis.

Juntou-se a ela na cama, encaixando-se entre suas coxas abertas. Seu pênis deslizou ao longo de sua vagina e ela se arqueou contra ele. Colocou os braços em volta do seu pescoço e puxou-o para beijá-lo, a onda de emoções que sentia a assustou.

Quando começou a se preocupar tanto com ele? Era impossível para ela pensar que ele podia significar algo além de uma aventura rápida ou um parceiro de negócios.

Tentou dizer a si mesma que não podia deixar isso acontecer, mas teve o pressentimento de que era muito tarde. A queda já havia começado, e seria apenas uma questão de tempo antes... Ela balançou a cabeça, não estava disposta a ter tais pensamentos. Ainda não. Não tão cedo. Ela quebrou o beijo e arrastou seus lábios por toda sua mandíbula e para baixo ao lado de seu pescoço, se deliciando com o calafrio que o percorreu.

—Existe alguma coisa que segura você?— Ele perguntou sua voz rouca.

Ela hesitou antes de respondeu.

—Bem, existem algemas especiais e correntes que ouvi dizer que

são feitas para aqueles com maior poder…, mas eu acho que isso é realmente caro.

—Valeria à pena.

Ele significava mais para ela do que gostaria de admitir. Por agora, se contentaria em segurá-lo, deixando-o saber através de suas ações que precisava dele.

Deus. Repreendeu-se. Nunca tinha precisado de alguém em sua vida, exceto talvez Eric e Sam. Mas nunca ninguém com esta intensidade. O que iria fazer? Tinha tentado evitar tudo o que poderia complicar seu trabalho, mas não tinha esperado se apaixonar.

Merda. Ela não precisa se apaixonar.

Porque tinha que acontecer com Royce?

—Você está bem?— Ele perguntou suavemente, olhando para ela com preocupação em seus olhos. —Está distante.

—Você não me machucou, se isso é o que quer dizer.

—Bom. Você se divertiu?

—Sim. — A resposta escapou antes que ela pudesse detê-la. Tentou encobri-la. —Mas não fique com ideias. Não pense que isso vai acontecer todas às vezes.

—Todas às vezes? Haverá mais vezes do que esta manhã?— Seus lábios se curvaram em um sorriso lento. —Pensei você não gostasse de mim.

—Não tenho que gostar de você, pessoalmente, para gostar de ter sexo com você. Nós não temos que lidar com...

Ele se inclinou e beijou-a suavemente nos lábios, parando o resto de sua sentença.

—Seria realmente ruim você gostar de mim?

Ela bufou evasivamente.

—Vamos, Mérida. Admita. Você gosta de mim. — Para pontuar o seu pedido, moveu seu pênis embebido em sua vagina saindo e entrando com lentidão enlouquecedora.

Sua respiração ficou ofegante.

—Sim, tudo bem. Talvez goste. Mas só um pouco. Não vá ficar com o ego inflado.

— Nem sonharia com isso. — Ele roçou seu rosto contra sua garganta. Bastou o toque de seus lábios contra sua pele para fazê-la estremecer.

—Nós não temos que colocar limite sobre o que temos. Ambos sabemos que não vamos chegar a cem por cento ao longo do tempo. Também sabemos que estamos bem juntos, e não estou falando apenas de sexo. Por que não vemos apenas aonde isso vai nos levar e não colocar eventuais limitações?

—Tudo bem.

Seus golpes aceleraram, sua respiração cada vez mais difícil.

—Você é tão apertada. Não acho que posso me conter por muito mais tempo.

—Então não se contenha. — Ela envolveu as pernas ao redor de sua cintura e apertou os calcanhares, puxando-o com mais força contra ela.

Quatro punhaladas mais tarde, sentiu seu corpo apertar quando ele gozou com um longo e extenso gemido. Quando ele caiu em cima dela, acariciou suas costas e beijou seu ombro.

Depois de alguns minutos, Royce rolou, aconchegando-a a seu lado e puxou o lençol sobre eles. Seus olhos estavam fechados quando ela ergueu os olhos, um sorriso de satisfação em sua boca.

—Como você está se sentindo?

Suas pálpebras se abriram.

—Ótimo. Cansado, mas ótimo.

Ele parecia prestes a cair no sono, mas ela não queria perder a ligação provisória que tinham formado. Ainda não.

—Ei, eu tenho que te perguntar uma coisa. — Ela mordiscou a barba em seu queixo. —Qual é seu nome verdadeiro?

Ele franziu o cenho.

—O quê? Você sabe o meu nome.

—Não é o nome em sua certidão de nascimento. Obviamente, você não nasceu Royce.

Ele soltou um longo suspiro e balançou a cabeça.

—De onde isto veio?

Ela riu.

—Você nunca ouviu o ditado sobre gatos curiosos?

—E o que acontece com o gato curioso no ditado?

Ela revirou os olhos.

—Ele morre. Mas a satisfação o traz de volta.

—Querida, se você não está satisfeita até agora há algo muito errado com você.

—Acredite em mim. Estou satisfeita. —Beliscou seu lado com as unhas, e ele fez uma careta. —Isso não é o que eu quero dizer e você sabe disso. Quero saber sobre você.

—Ok, ok. Certo. Não é a história mais interessante, porém. Renaldo Alberto Cardoso é o nome que minha mãe me deu quando nasci. Royce... — sua voz sumiu por um tempo e ele desviou o olhar antes de terminar.

—Uma antiga amante que tive na Europa anos atrás me disse que pareço um Royce. O apelido pegou. O usei ao longo dos anos.

Ela se inclinou sobre ele e encostou o queixo no seu tórax, inclinando a cabeça para o lado enquanto estudava o rosto dele.

—Royce, hein? Você realmente não parece um Royce para mim. Parece muito convencido. Vejo você como algo menos pretensioso, como tijolo ou serpente.

Ele deu uma gargalhada e puxou um dos seus cachos.

—Serpente? Vou ter que manter isso em mente na próxima vez, estou precisando de uma mudança de nome. Você tem que admitir, porém, que Royce é muito melhor que Renaldo.

—Você tem um ponto ai. — Ela descansou a cabeça no peito dele, traçando o seu abdômen com a ponta dos dedos.

—Onde você conheceu Wil?

—O conheci na Europa, há mais anos do que posso contar. Nós somos muito parecidos em alguns aspectos.

—Vocês não parecem muito semelhantes para mim.

Ele sorriu e beijou o topo de sua cabeça. A ternura de suas ações a atingiu, e teve que conter a vibração em seu coração.

—Temos nossas diferenças. Ele é muito mais constante do que eu.

—Tenho notado. Tipo, a coisa da casa e o do trabalho deu uma dica.

—Ei! Eu trabalho.

—Sim, em nada.

Ele balançou a cabeça.

—Não gosto de ficar em um mesmo lugar por muito tempo. Acho que Wil está doente por ficar tanto tempo no mesmo lugar. Não poderia lidar com uma pequena vila como esta. Prefiro a cidade. É muito mais fácil se misturar com a multidão.

Misturar? Estaria ele brincando?

—Um cara loiro de um metro e noventa seis, com aproximadamente 140 quilos dificilmente passaria despercebido em qualquer lugar.

Um pensamento incômodo bateu nela e parou de fazer perguntas. Por que estava tão ansiosa para saber mais sobre a sua vida? Sua curiosidade, nesta situação, podia significar problemas. O problema do tipo coração prestes a ser quebrado.

Começou a cochilar em seus braços, meio esperando que não fosse se apaixonar por ele. Isso seria simplesmente louco, e muito possivelmente a coisa mais estúpida que já tinha feito.

Capítulo Dez

Mérida tentou se enrolar nos braços de Royce e dormir, mas só conseguiu rolar e virar. Depois de meia hora frustrante ouvindo o respirar de Royce, enquanto este dormia profundamente, levantou da cama, se vestiu e caminhou para baixo. Ele poderia precisar dormir, mas ela precisava do café da manhã. Precisaria se alimentar bem, se fosse continuar a fazer o que estivera fazendo nas últimas horas.

Quando chegou ao final das escadas, o aroma de café fresco bateu duro. Seu estômago apertou com desejo. Será que sentiu o cheirou de bacon? Cravou os dedos em seu braço, suas unhas fortemente mordendo a pele. Não, não estava sonhando. Então, quem...?

Ela virou a esquina para a cozinha escura. As cortinas tinham sido fechadas sobre as janelas, a única luz vinha do globo em cima da pia. Wil estava junto ao fogão. Ela encostou-se ao batente da porta e se perguntou se todo o sexo com Royce finalmente tinha virado seu cérebro. Será que estava tendo alucinações?

—Bom dia — disse ele antes que ela tivesse uma chance de falar.

—Como você sabia que eu estava na cozinha?

—Sua presença. É forte. — Ele se virou e sorriu para ela, e pela primeira vez o viu como algo diferente de um resmungão.

—Espero que você goste de bacon e ovos.

—Ovos mexidos ou fritos?

—Fritos.

Ela soltou um suspiro profundo.

—Perfeito.

—Sente-se. Este está quase pronto.

Ela se sentou à mesa e Wil colocou uma grande caneca à sua frente.

—Você quer leite ou açúcar?

Tudo bem. Alguém tinha levado o amigo de Royce e deixado este estranho educado no lugar.

—Por que você está sendo tão bom para mim?

Ele deu de ombros enquanto colocava um prato imenso de ovos e bacon na frente dela.

—Você quer torradas?

Isso tinha que ser algum tipo de piada. Ou isso ou ela tropeçou e caiu em outra dimensão.

—Não, obrigada. Isso é suficiente. Preciso perguntar. Você não envenenou isso, não é?

Ele riu quando deslizou na cadeira em frente a ela.

—Por que você pergunta?

—Puxa, gostaria de saber. — Ela apontou para o prato de comida. Cheirava delicioso, mas queria saber o que lhe fez cozinhar para ela, ainda que apreciasse muito o gesto.

Ele como Royce, parecia ser perito em ler sua mente.

—Vai ficar frio se você não comer. Eu imagino, depois de ontem à noite e, em seguida, esta manhã, você tem necessidade de se reabastecer.

Ela tirou os olhos da comida tentadora para os olhos escuros de Wil.

—O que você sabe sobre este manhã?

—Só que vocês dois não sentem necessidade de ficar quietos.

Seu rosto deve ter corado, porque ele riu.

—Não precisa ter vergonha. Sei que o que você e Royce têm é...

Ela ergueu a mão para detê-lo antes que ele fosse longe demais e assumisse coisas que não eram verdadeiras.

Principalmente se não fosse verdade, pelo menos não enquanto ela ainda estava na fase de negação.

—Nós não temos nada. Este alimento cheira muito bem. Obrigada.

Ela pegou o garfo e começou a comer, fazendo o seu melhor para ignorar a presença de Wil. No meio da refeição não pode mais aguentar o silêncio tenso.

—Tudo bem. O que está acontecendo?

—O que quer dizer?

—Enfrente isto. Você é um homem. Você não teria me preparado o café da manhã, especialmente porque não come esse tipo de alimento, se não quisesse alguma coisa.

—Não me importo de cozinhar. Realmente. — Ela se apoiou na mesa, as sobrancelhas levantadas, e olhou para ele até que ele cedeu. —Cozinhei porque quis. E porque tenho algo a discutir com você. Pensei que desceria aqui quando cheguei em casa, mas você e Royce estavam... ocupados e eu tinha que fazer algo para matar o tempo antes de adormecer.

Ela empurrou o prato, tomou um longo gole de seu café e se inclinou de volta na cadeira.

—Qual é o problema?

—Não sei se é um problema, mas um instinto me diz que pode ser.

Ela ouviu enquanto ele explicava a conversa que teve com Michelle mais cedo naquela manhã. Quando que ele terminou, suas suspeitas foram levantadas.

—Você sabia sobre isso mais cedo?

Ele balançou a cabeça.

—Nunca iria me preocupar em verificar.

O que significava que Michelle não tinha sido tão importante para ele, para que soubesse até os pequenos fatos sobre ela. Homens. Ela suspirou. Vampiros. Parecia que eles eram todos iguais.

—Vou te perguntar uma coisa. O pai de Michelle está morto há muitos anos, certo?

—Sim.

—Então se ele se vendeu para um demônio, o contrato teria se dissolvido com sua morte.

—Sim, entendo isso. Mas como você explica o que ela me disse?

—Coincidência. — Ela deu de ombros e tomou outro gole de café, sentindo a cafeína começar a fazer efeito. Mais dez copos como este e ela estaria pronta para o dia. —Isso é tudo o que posso oferecer-lhe agora. A menos que você ache que Michelle é a pessoa que fez o negócio.

Wil levantou e se estirou antes de remover a gravata e desabotoar os primeiros botões de sua camisa azul marinho.

—Duvido. Ela pensou que sua mãe fosse louca por dizer qualquer coisa sobre o diabo.

Ela fechou os olhos e beliscou a ponta do nariz. Não sabia se havia alguma verdade na teoria de Wil sobre Michelle e seu pai, mas tinha como descobrir. Ela só teria que se livrar de um vampiro bem intencionado primeiro.

—Você parece cansado. Talvez você devesse ir para a cama.

—Eu vou. Só queria discutir tudo isso com você primeiro.

—Estou feliz que você tenha feito, mas não acho que há alguma coisa para se preocupar. Boa noite — ela acrescentou quando ele deixou a cozinha.

*****

Mérida ouviu seus passos nas escadas alguns segundos mais tarde. Silenciosamente se aborreceu por ele não se preocupar em lavar a louça. Homens, não importa sua raça, eram todos iguais. Supôs que teria de fazer isso, mas teria de esperar até mais tarde. Ela teve sua primeira sensação decente desde que chegou a Caswell, e não tinha nenhuma intenção de deixá-la escapar.

Quando ouviu porta do quarto de Wil se fechar, subiu as escadas e espiou em seu quarto. Royce estava deitado de costas, seus olhos fechados e seus lábios ligeiramente separados.

Seus dedos coçavam para traçar a linha de sua mandíbula, sua boca doía para beijar seus lábios quentes, seu tórax largo, seu abdômen, seu...

—Pare com isso!— ela sussurrou para si mesma. Se ela fosse mais para baixo com seus beijos imaginários, nunca iria fazer seu trabalho.

Certa de que ele dormia tranquilamente, entrou no quarto e caminhou até sua mochila preta para pegar as chaves de seu carro. Royce pensou que poderia escondê-las dela. Ela teria rido em voz alta com a ideia se não tivesse medo de acordar seu vampiro dorminhoco.

Pegou um casaco azul marinho de moletom fora da bolsa e o

colocou, esperando que isso fosse ajudar a afastar um pouco do frio que sabia que iria sentir na presença do mal onde ocorreram os assassinatos.

Cinco minutos mais tarde, tirou o carro de Royce da calçada e seguiu em direção à cidade.

Ligou o rádio e abriu as janelas, permitindo que a brisa morna chicoteasse através de seu cabelo. Ela nunca iria descobrir como os dois poderiam dormir durante o dia e perder tudo isso. Nunca poderia lidar com o fato de dormir de dia. Ela amava o sol, o ar fresco. Isso enfraqueceu seu bom humor. Mais uma coisa que ela e Royce não tinham em comum.

Queria seguir o seu conselho, aceitar tudo o que aconteceu entre eles e não se preocupar com rótulos, mas tudo a lembrava de suas diferenças. O que eles realmente tinham em comum? Além da química incrível no quarto, nada. Pelo menos ela não achou. Não sabia muito sobre ele. O que sabia, gostava e foi por isso que tinha parado de fazer perguntas. Não podia gostar dele. Não queria se importar com ele.

Mas ela se importava.

Por isso, ela não tinha nenhuma pista. Geralmente não gravitava em torno de homens das cavernas chauvinistas, que só pensavam em si mesmos e gostavam apenas de mulheres fracas com nenhuma mente própria. Então, por que Royce? Porque agora, quando estava apenas começando a ter uma vida própria? Só podia encontrar uma resposta. Insanidade temporária.

Ou talvez a TPM. As mulheres não fugiam de qualquer coisa com isto? Isso explicaria por que ela não conseguia manter suas mãos longe dele, mesmo sabendo que tipo de homem era.

Ela não o conhecia. Não realmente. Só conhecia o que via, o que Royce deixava o mundo ver. Tinha o pressentimento, porém, de que ele mantinha seu eu verdadeiro escondido bem no fundo e não admitia muitas pessoas. Ellie não podia dizer suficientes coisas boas sobre ele.

Mas Ellie não tinha uma palavra ruim para dizer sobre ninguém. Passou a mão pelo cabelo e tentou colocá-lo de volta atrás das orelhas. Quando o vento o soprou de volta em seu rosto dentro de segundos, grunhiu de frustração. Por que passou tanto tempo pensando em uma aventura sem saída, quando tinha um trabalho a fazer?

Parou o carro na rua da frente ao dúplex para o caso de Michelle estar em casa. A última coisa que precisava agora era um monte de perguntas irritantes. Não suportava jornalistas. Fechou a porta do carro suavemente e caminhou para a porta da frente. A abriu sem nenhum esforço e entrou.

—Olá?— Ela chamou, não esperando uma resposta.

Quase saiu de sua pele quando teve uma.

—Estive esperando por você.

Ela estremeceu com o som áspero da voz que ecoou pela sala, parecido com unhas arranhado um quadro-negro.

—Quem está aí? — Olhando em volta do apartamento escuro, não viu nada mais sinistro do que as sombras nos cantos. Fora dessas sombras rastejava uma figura redonda pequena envolta em preto.

—Sei quem você é. — Levantou a cabeça lentamente e encontrou o seu olhar com ardentes olhos laranja. Sua face enrugada e acinzentada e a boca afundada, enviaram um calafrio por sua espinha. Ela já tinha visto um monte de coisas, mas nada como isto.

Demônios geralmente caíram em duas categorias, o tipo de filmes de terror de fim de noite, que assustavam as pessoas comuns, e o tipo como ela, que poderia assumir uma forma humana e decepcionar os fãs de horror em todos os lugares. Essa coisa... Isso não parecia um monstro. Parecia com a morte, desolação, abandono. Um completo vazio sem qualquer coisa feliz e amorosa. Seu pior pesadelo. Ela respirou fundo, antes de enfrentá-lo.

— Ótimo. Então você está em vantagem, porque não tenho ideia do que você é. Parece-me que, em uma luta justa, eu deveria pelo menos ter uma ideia de que tipo de ser é você.

—*Aparasei*.

A palavra não era mais que um sussurro áspero em seus lábios, mas isso a gelou até os ossos.

—*Aparasei*. — Já tinha ouvido esse nome algumas vezes em sua vida, sempre em um sussurro silencioso.

Aparasei eram seres que até os mais fortes dos demônios temiam. Ela sempre tinha sido avisada para ficar longe deles, o que normalmente acabou sendo um ponto discutível, uma vez que muito raramente saiam de seu plano demoníaco para invadir o mundo dos humanos.

—O que você está fazendo aqui?— Ela perguntou, não tendo certeza se ela realmente queria ouvir a resposta.

—Vim para recolher o que é meu.

Seu estômago afundou com sua confissão. Ela teve que lutar para manter a voz, mesmo enquanto falava.

—E o que seria isso?

—Todas as coisas no seu tempo. Porque você está aqui, pequena gata? —Ele deu um passo em direção a ela, sua andar irregular,

curvado sobre um antigo bastão marrom retorcido. A base do bastão batia contra o chão com cada passo que o *Aparasei* dava.

O instinto a alertou e ela recuou alguns passos. Deixar a coisa tocar ela poderia causar sua própria morte.

—Para ajudar um amigo.

—A intenção é nobre. No entanto, esse é o seu único motivo?

—O que você está falando?

—Você não tinha vontade de ajudar um homem que você não teria considerado um amigo, — disse a ela, seu assombrado olhar bloqueado com o dela. —Você quis fugir de um destino que tem sido seu desde o nascimento, Merida.

A conversa tinha sido oficialmente mudada para além de assustador.

—Como você sabe meu nome?

—Sei muitas coisas sobre você. O *Aparasei* tem um interesse especial na vida dos Guardiões de Equilíbrio.

— Não sou uma Guardiã de Equilíbrio.

Ele levantou a cabeça para o lado e deu um sorriso medonho cheio de dentes alaranjados quebrados.

—Ah, não? Discordo.

Ela balançou a cabeça.

—Não quero isso. Se você está planejando tentar se livrar de mim por causa de algum destino ridículo, você está desperdiçando seu tempo. Eu recusei.

Seu riso fez seu estômago se apertar.

—Você não pode simplesmente dizer não. Seu destino não funciona dessa maneira. Posso ajudá-la, entretanto, se você quiser.

Ela cruzou os braços sobre o peito e ergueu as sobrancelhas.

—Como?

—Nós podemos negociar, um favor por outro favor.

Um favor. Ela piscou, lembrando o que Wil tinha dito. Michelle poderia ter feito algum tipo de barganha com o *Aparasei*?

—Não, obrigado. Estou decidida. E vou descobrir isso por minha conta.

Ele riu baixinho, seus olhos ardendo ainda mais brilhantes.

—Tenho visto você por toda sua vida, pequena. Sei que você é forte. Mas isso não importa agora. Não se pode lutar contra o destino.

Ela já tinha ouvido isso antes. De Sam. O que não daria para ter Sam consigo agora, para traduzir o que este maluco estava dizendo.

—Deixe-me ver se entendi direito. Você está aqui para levar algum objeto desconhecido que afirma que é seu. Estou aqui para ajudar um amigo que você parece pensar que não considero um amigo. Não quero meu destino, mas a única maneira de sair dele é fazer um acordo com você. Por favor, me diga que não sou a única que pensa que isto é uma loucura.

Ele piscou seus grandes olhos e sorriu novamente.

—Não é confuso, pequena gata, o ponto é *onde estamos*.

—O que é onde? Estou tendo um pequeno problema para entender essa conversa.

—Estamos aqui por razões diferentes, mas ainda a mesma.

Ela resistiu ao impulso de revirar os olhos. O medo que sentia pela primeira vez tinha diminuído um pouco, deixado de lado por seu aborrecimento na tendência da coisa falar por enigmas.

—Você está falando sobre os assassinatos? Você matou essas pessoas?

Ele balançou a cabeça lentamente.

—Por quê? Eles roubaram o objeto que você acha que é seu?

Seus ombros largos erguidos em um encolher de ombros.

—Eles me viram. Era muito cedo, não tinha sido capaz de obter de volta o que pertence a mim. Não podia deixá-los arruinar as minhas chances. Vou cumprir o meu próprio destino antes do nascer da próxima lua. Então sairei desta terrível pequena cidade. Desde que possamos chegar a um acordo sobre um compromisso justo.

—O quê? — Ao invés de falar mais claramente, ele só tinha piorado.

—Temos algo que ambos necessitamos. Preciso do que me pertencia por muitos anos, e você precisa de uma mudança de destino para alterar o curso de sua vida. Se você me prometer deixar recuperar meus pertences, sem interrupção, vou ajudá-la a mudar seu destino.

—Nem em um milhão de anos, amigo. Tenho um trabalho a fazer. Vou encontrar uma forma de mudar minha própria sorte, obrigada. —Ela deu um passo em direção a ele, não tendo certeza do que precisava fazer, mas sabia que algo tinha que ser feito. —Não posso simplesmente deixar você ir embora. Você matou duas pessoas. Você é um perigo para o mundo dos humanos.

—Você não entende, — disse a ela, um sorriso ameaçador em seu rosto. —Seu destino mudou no instante que entrou nesta casa hoje. Esperava não ferir você, mas você não me deu nenhuma escolha.

Ele tirou uma mão para fora, pegando o lado de seu braço. Ela sentiu uma terrível sensação de ardor que queimou e dominou tudo, então ela só viu escuridão.

* * * * *

Royce acordou um pouco após o pôr do sol, piscando os olhos para se ajustar ao ambiente desconhecido. Algo macio tinha enrolado em seu pulso. Sentou-se e olhou o que era. A meia-calça de Mérida, ou pelo menos o que sobrou dela depois que ela fritou isto em suas mãos. Seu pênis semiereto apertou em resposta. Naquela manhã, tinha sido melhor do que ele jamais teria esperado, um ponto decisivo na relação que nenhum deles afirmava desejar.

Onde ela estava?

Realmente não esperou que ela tivesse desperdiçado o dia enquanto ele dormia, mas estava esperando que voltasse para a cama assim que o sol se pusesse. Algo parecia errado, porém. A casa parecia muito quieta.

Retirou-se da cama e colocou a calça jeans, antes de descer as escadas até a sala. Seu coração disparou e seus nervos se arrepiaram. Onde estava Mérida? Alguma coisa tinha acontecido com ela. Ele não tinha certeza de como sabia, mas sabia.

Estava indo em direção à saída quando estacou. Mérida estava sentada no sofá, os joelhos encolhidos, próximos ao peito, os braços em volta de suas pernas. Parecia pálida e cansada, mas parecia viva.

—Oi, — ele disse suavemente, enquanto olhava para ela.

—Oi. — Sua voz parecia pequena e fraca e chegou muito perto de rasgar seu coração. Ela lhe deu um pequeno sorriso que não fez nada para aliviar seus medos.

—O que aconteceu?— perguntou, tentando engolir o caroço fixo em sua garganta.

—Fui ver a casa.

Raiva jorrou nele e apertou os punhos. Por que ela não ouviu quando ele e Wil lhe disseram que não era seguro?

—Você esta querendo ser morta? Você me disse que não era seguro. Você disse que havia um demônio envolvido.

Ela balançou a cabeça.

—Não é um demônio. É um *Aparasei.*

Royce fechou a boca, todos os pensamentos que havia planejado dizer o deixaram. Ele sabia que ela era dura, mas parecia tão frágil, tão pequena. Era quase um metro menor que ele, não poderia imagina-la sendo forte o suficiente para assumir qualquer coisa tão poderosa quanto um *Aparasei*.

—Não se preocupe. Estou bem, — ela disse quando se levantou do sofá e deu alguns passos para ele, o surpreendendo ao envolver os braços ao redor do seu pescoço.

Sua mão foi automaticamente para suas costas e a puxou para mais perto.

—O que está errado? — Ele esfregou a mão por seu braço e se afastou quando ela vacilou. —O que aconteceu com você?

Ela moveu a manga da camiseta revelando uma lesão vermelha longa e fina. Com a visão disto, ele queria sair e encontrar o *Aparasei* que a feriu e arrancar fora a cabeça da coisa.

—Não é grande coisa — disse a ele, sua voz um pouco mais forte. —Sinto-me muito melhor agora que tive a chance de descansar. Pelo menos não bati minha cabeça em qualquer coisa quando caí. — Sua risada soou estrangulada.

—O que quer dizer, quando você caiu? Ele empurrou você?

Ela balançou a cabeça, seu sorriso não atingindo os olhos.

—Não. Quando ele me tocou, apaguei. Quando acordei tinha isso no meu braço.

—Dói?

—Somente quando alguém toca. Está começando a sumir. Estava muito pior quando acordei.

Royce a puxou novamente de volta contra si e beijou o topo de sua cabeça. Se ele a perdesse…

—Quando é que você chegou?

—Cerca de cinco horas atrás.

—E você ficou sentada aqui o tempo todo?

Ela se esquivou para fora do círculo de seus braços e caminhou para a janela, dando-lhe as costas.

—Dormi a maior parte do tempo. Só acordei há pouco.

—Então por que você não voltou para a cama?

Ela virou-se lentamente e caminhou em direção a ele, parando a poucos metros de distância. Com as mãos em seus quadris e as sobrancelhas levantadas, ela parecia voltar a ser a Mérida que ele conhecia e gostava.

—Não acho que seria correto perturbar seu sono. Após o sexo que tivemos, pensei que você poderia precisar dele.

—Tudo bem. Certo. Você pode pelo menos me explicar por que você decidiu ir contra a promessa que fez para mim e para Wil e voltou para aquela casa? Onde você foi atacada por algo pior que um demônio?

Ela franziu o cenho, seus olhos inflamados novamente do jeito que ele gostava. A tensão que sentiu quando acordou finalmente se dissolveu.

—Senti que devia certo? Você não é meu patrão. — Ela tentou empurrá-lo passando por ele, mas a agarrou pela cintura e puxou suas costas, beijando-a duro antes de ela ter uma chance para

protestar. Ele estava ofegante e segurou seus braços quando quebrou o beijo.

—Você quer que eu faça algo para você comer?

Ela olhou para ele, com os olhos vidrados, por alguns segundos antes do olhar cheio de luxúria virar para um brilho indignado.

—Você está louco? Você realmente acha que vou comer uma refeição feita por um homem que não cozinhou qualquer coisa em algumas centenas de anos?

Sim. Ela estava de volta ao seu antigo modo. Ele sorriu.

—Só comi o que Wil cozinhou para mim esta manhã porque eu estava com fome.

Seu sorriso enfraqueceu.

—Wil cozinhou para você?

—Bem, sim. Assumi que você soubesse. — Ela deu de ombros e passou por ele. Ele a seguiu para a cozinha, onde pegou um pacote de barras de granola fatiada e abriu o pacote com a unha. —Algum problema?

—Por que você deixaria Wil cozinhar para você?

—Não era como se eu tivesse uma escolha. — Ela revirou os olhos e mordeu outro pedaço da barra de granola. —Acordei. Ele já tinha cozinhado. O que eu deveria fazer?

Royce estava prestes a responder quando alguém bateu na porta da frente.

—Mantenha esse pensamento. Nós definitivamente não acabamos aqui.

Não querendo que Wil acordasse antes deles terminarem a conversa, ele andou até a porta da frente e a abriu. Uma mulher alta, de cabelos escuros estava lá. Ela sorriu quando o viu, seus olhos

azuis piscando com interesse.

—Oh. Olá.

Não teve que pedir para saber quem ela era.

—Posso ajudá-la?

—Sou Michelle. Estou procurando por Wil. — Seu sorriso alargou, exibindo uma fileira de dentes brancos reluzente. Ele teve o pensamento que não podiam ser reais, nada era tão perfeito. —Talvez ele tenha falado de mim?

—Ele está dormindo.

Royce virou para ver Mérida em pé a poucos passos atrás dele, seu rosto inexpressivo.

A expressão de Michelle mudou de interessado para irritado. E talvez um pouco ciumento.

—Ele me pediu para encontrá-lo aqui esta noite. Poderia chamá-lo para mim?

Ela passou por Royce e entrou na casa, parando na frente de Mérida.

—Quem são vocês?

Mérida encolheu os ombros.

—Amigos de Wil.

—Amigos? Vocês têm nomes?

Royce entrou entre elas antes de Michelle se machucar.

Se ela continuasse insistindo com Mérida, iria acabar com alguns arranhões.

—Sou Royce e ela é Mérida.

Michelle sorriu para ele.

—Ouvi sobre você. Poucas vezes, na verdade. Wil não pode dizer coisas boas o bastante sobre você.

Ela voltou seu olhar para Mérida e franziu o cenho.

—Mas Wil não mencionou seu nome.

Um canto da boca de Mérida se levantou em um meio sorriso e seus olhos assumiram uma expressão perigosa.

—Dê-nos um tempo. Acabamos de nos conhecer.

Michelle piscou, mas não disse nada.

Mérida alargou o sorriso.

—Vou acordar Wil. Fique aqui. — Virou-se e saiu da cozinha.

Michelle sacudiu a cabeça.

—Ela é um pouco estranha, não é?

—Não. — O que diabos ela pensa que estava fazendo, indo até o quarto de Wil sozinha? Se ela não estivesse de volta em cinco minutos, ele teria que chutar alguns traseiros.

* * * * *

—O que você estava pensando, vindo aqui quando sabia que eu estava na cama?— Wil olhou para Michelle, pronto para colocar seu punho através de uma parede. Ele havia sido acordado de um sono muito necessário para encontrar ela em sua casa, sem aviso, tentando causar problemas. —Já é ruim o suficiente você me usar para obter informações. Será que você realmente tem que vir aqui e perseguir meus amigos?

Pela primeira vez, ela teve a decência de parecer ferida.

—Não vim aqui para incomodar ninguém. Só queria te ver.

Sim. Perfeito. Algumas semanas atrás, ele poderia ter acreditado. Mas isso foi antes de chegar a conhecê-la realmente. Ela poderia ter enganado o resto do mundo, mas não se importava com

nada, fora suas próprias aspirações. Provou-lhe que faria qualquer coisa para conseguir informações sobre ele, incluindo alimentando sua curiosidade com a história sobre o assassinato de seu pai.

Examinou isto antes de ir para a cama naquela manhã. Não tinha sido um assassinato. Na verdade, não havia dúvida de que seu pai estava morto. Pelo que Wil tinha lido, aparecia que Dale Silverman havia esvaziado as contas bancárias da empresa e desapareceu, deixando seu parceiro de negócios com nada. Então, por que Michelle tinha mentido?

Porque ela era exatamente como seu pai. Implacável, indiferente, só olhando para si mesma. Ele observou seu cabelo e roupas perfeitas, sua maquiagem impecável, sua atitude. Michele enganava todo mundo com suas histórias, e Wil lamentava ter caído em algumas delas.

—Vá para casa, Michelle. Te ligo mais tarde.

—Não, você não vai. Precisamos ter uma conversa. Agora.

Ele a encarou, com os braços cruzados sobre o peito.

—O que você quer agora?

—O que está acontecendo conosco? Sinto que não estamos mais próximos. Poderíamos ter tudo, se você tivesse me deixado entrar. Mas há algo errado com você. Você mal se socializa, fica aqui dentro a maior parte do tempo, e trabalha demais. Você não come quando saímos. Você nunca bebe nada além de água. —Ela fez uma careta. —Você sabe o quê? Você mal se qualifica como humano.

Ele prendeu a respiração e deixou-a em um suspiro.

—Isso é a coisa mais ridícula que já ouvi. Nem todo mundo tem que cumprir os seus padrões de normalidade.

—Normal? Wil, seu comportamento é estranho para qualquer padrão.

—Se você veio para censurar-me por minha vida, vá para casa. Não preciso me ajustar com a sua opinião distorcida do convencional.

Ela colocou a mão no braço dele, franzindo o cenho quando Wil a afastou bruscamente.

—Sinto muito. Tenho passando por muito estresse. Acredito que você também. Por que não fazemos algo sobre isso? Vamos tirar umas férias.

—Você está doida?

Sua voz assumiu um tom alto quase desesperado.

—Wil, por favor. Ouça-me. Devemos fugir juntos, só nós dois. Ir para uma ilha tropical e sentar ao sol o dia todo. Poderíamos viver lá. Não teríamos que voltar.

Sim, isso lhe faria muito bem. Ela provavelmente iria matá-lo em uma semana.

—E como você sugere que nos sustente?

—Você tem o bastante — Ela fechou a boca, mas não precisou dizer mais nada para saber o que ela tinha feito.

—Você bisbilhotou minhas finanças.

Ela olhou ao redor da sala, cada segundo mais nervosa.

—Sinto muito.

—Como você conseguiu isso? — Ele agarrou seus braços quando ela tentou apressar-se para fora do quarto, virando-a para ele.

—Diga-me, Michelle.

Ela olhou para ele, seus olhos se encheram de medo.

—Jake Brighton no banco. Costumava sair com ele, há muito tempo.

—Jake Brighton. — Ele tinha um pressentimento que não era a tanto tempo assim, como ela dizia. —Acho que você precisa sair.

—Isso mesmo! Nós dois precisamos ir embora. Vamos partir juntos.

—Não. Não penso assim. Você precisa sair desta casa antes de eu fazer alguma coisa que vou me arrepender.

—Você me ama — disse ela com força, como se dizendo isso tornasse o fato realidade.

Ele balançou a cabeça.

—Não, eu não. Fui muito claro sobre isso desde o início.

Uma expressão apavorada surgiu em seu rosto.

—Você pode me ajudar, Wil. Preciso de você. Preciso de sua ajuda.

—Acho que não.

—Você vai se arrepender. Posso garantir-lhe isso. — Seu pé ficou preso em uma perna da cadeira quando ela se virou para sair, derrubando-a no chão. Ela levantou-se antes que ele pudesse ajudá-la, esfregando seu cotovelo. —Olha o que você me fez fazer.

Ela puxou a mão longe de seu cotovelo e o ergueu a centímetros de seu rosto, as pontas de seus dedos sangrando.

O intestino de Wil se apertou com a visão do sangue. Algo que geralmente mantinha sob controle estalou dentro dele. Como se ele quisesse saboreá-lo, senti-lo correndo sobre sua língua… Ele balançou a cabeça e se afastou antes que ela pudesse ver que seus dentes tinham começado a se alongar.

—Será melhor você partir, Michelle. Agora.

—Você não pode se livrar de mim tão facilmente.

Ele virou-se para ela, a raiva e a fome dominando todo o resto.

—Certo. Não faça. Mas eu não posso prometer que não vou machucá-la.

Seus olhos se arregalaram e ela tropeçou novamente ao dar alguns passos para trás.

—Seus dentes… eles estão… o que inferno está acontecendo com você?

—Você não ouviu falar de vampiros?— Ele avançou sobre ela, fazendo-a se apoiar na parede próxima à porta.

Ela balançou a cabeça furiosamente, seu rosto pálido.

—Não. Não é possível. Não há nenhuma coisa como vampiros.

Ele levantou seu pulso frouxo em suas mãos e trouxe-o a polegadas da sua boca.

—Possa provar o contrário.

Ela puxou sua mão para longe e colocou as palmas das mãos contra o peito dele, empurrando duro. Ele não se moveu muito, mas o suficiente para ela deslizar por ele e sair correndo da cozinha.

O tórax levantado, seu estômago apertado com fome, ele a perseguiu até a porta. Michele foi mais rápida, porém, não a pegou quando ela correu para baixo, descendo as escadas cobertas de chuva e entrou em seu carro.

Quando escutou o barulho do carro se afastado, se afundou contra a moldura da porta, amaldiçoando-se por sua falta de controle. Ela iria dizer a todos o que tinha acontecido. Mesmo se ninguém acreditasse na história de vampiro, poderia ainda apresentar acusações de agressão. Em um momento, ele arruinou sua vida inteira.

Capítulo onze

Não muito tempo depois que Mérida e Royce tinham deixado a casa para dar a Wil alguma privacidade, começou a chover. O calor no ar combinado com as gordas gotas de chuva pareceu refrescante após a terrível manhã que ela teve. Levantou o rosto para o céu, os olhos fechados, deixando a água fresca cair sobre ela.

—Talvez nós devêssemos ir para dentro, — Royce disse. —Você não está em sua melhor forma e não quero que fique doente.

Ela empurrou suas mãos quando ele tentou levá-la de volta para a casa.

—Não seja bobo. Amo a chuva.

—Pensei que gatos não gostassem de água.

—Gatinhos, talvez. Eu amo isto. — Ela se virou para ele inclinou-se para cima e o beijou. —Você está com medo de ficar molhado? Com medo de derreter?

—Sei que não vou. Mas me preocupo com você.

—Bem, não faça. Preciso disso. Preciso esquecer o que aconteceu mais cedo. — O *Aparasei* e seu toque continuaram na parte traseira de sua mente. Ela não podia afastar isso, não importa o quanto tentasse, mas não queria pensar sobre isso agora. —Quer me ajudar a esquecer?

—Não quero te machucar.

—Então não faça — disse-lhe antes de puxá-lo para outro beijo.

Após alguns segundos, Royce se puxou para trás. Ele olhou para ela, a preocupação em seus olhos.

—Tem certeza sobre isso? Seu braço.

—Meu braço está bom. — Ela levantou a manga de sua camisa e mostrou. A lesão vermelha tinha desvanecido a uma pequena cicatriz rosa, brilhante. —Não sei se isso vai sair, mas a dor se foi.

Royce correu seu dedo delicadamente sobre a cicatriz.

—Sinto muito.

—Você não fez isso.

—Trouxe você aqui. — Ele suspirou e virou se afastado, andando alguns passos em torno do quintal. —Você poderia ter sido morta.

Ele achava que ela era alguma imbecil indefesa?

—Escute Super Homem. Estou bem. Obviamente não teria entrado na situação se pensasse que arriscaria a minha vida. — Mentirosa. —Não corro riscos assim.

Ele virou lentamente, suas mãos empurradas nos bolsos de seus jeans desbotados.

—Devia estar protegendo você. Isso nunca deveria ter acontecido.

—Basta. — Ela assistiu de perto uma miríade de emoções passando por seus olhos pesar, raiva, tristeza, qualquer coisa, exceto a luxúria e o desejo que ela queria, necessitava ver.

Ele balançou a cabeça e se virou novamente, enfrentando a floresta na extremidade do estaleiro, seus ombros tremendo de emoção. Ele não pegou isso? Ela não queria este tipo de emoção. Não dele.

E, em seguida, o conhecimento bateu nela. Tudo deslizou em seu lugar e percebeu por que ele estava agindo desta forma. Caminhou até ele e o esmurrou no braço.

—Que inferno está errado com você?

Surpreendido, Royce a encarou.

—Sobre o que você está falando?

—Não sou sua esposa.

Ele abriu a boca, mas a fechou novamente antes de falar. Correu a grande mão por seu cabelo, afastando as mechas molhadas de seu rosto, sua expressão escurecida. Quando finalmente respondeu, seu tom zangado fez seu estômago apertar.

—Estou bem ciente disso. Ninguém no seu perfeito juízo iria comparar você a Sarah. — Ele balançou a cabeça e começou a caminhar em direção a casa.

—Aonde você vai?— ela gritou. —Você sempre vai embora quando as coisas ficam muito pessoais.

Virou-se e caminhou em direção a ela, suas mãos apertadas em punhos e seus olhos azuis tão escuros que pareciam quase pretos.

—Como é que você fala comigo assim? Disse-te antes e vou dizer novamente, você não me conhece. Você não quer me conhecer, gatinha, então eu sugiro que você se afaste.

—Não.

Seus olhos se arregalaram e suas narinas chamejaram. Ele soltou um suspiro duro.

—Que diabos você está tentando fazer?

—Estou tentando fazer você encarar suas emoções, pela primeira vez em sua vida. Você foi desligado do resto do mundo por tanto tempo que nem sabe como se abrir novamente. Estou tentando ser

sua amiga. Toda vez que acho que você está começando a me deixar entrar, você puxa essa merda e me afasta novamente.

—Não afastei. Não comecei isso. Você fez, até pensando que eu cometeria o erro de te comparar com minha esposa.

Ela abriu a boca, mas ele ergueu a mão para impedi-la de falar. Ele continuou seu discurso, aproximando-se até que ela começou a caminhar pelo quintal.

—Não há nada semelhante entre você e Sarah. Nada. Sarah era suave e doce. Na maioria das vezes, você é uma cadela sórdida. Sarah nunca falou assim comigo. Você parece viver fazendo isso.

Ele deu outra respiração profunda e deixou-a sair em um suspiro trêmulo, apoiando-a contra o galpão de metal no canto do pequeno quintal. Ele parou a apenas alguns centímetros dela, não a tocando, mas ainda dominando-a com seu corpo grande, sua presença intensa. Ela engoliu em seco. Talvez provocá-lo não tinha sido uma boa ideia.

—Ok, você mostrou seu ponto. Sarah era maravilhosa. Eu não sou. Fim da discussão. —Ela tentou se esquivar, mas ele agarrou seus pulsos e prendeu-os no metal frio, ao lado de sua cabeça.

—Não estamos nem perto de terminar isso. — Ele se inclinou seu hálito quente aquecendo sua bochecha. Ela estremeceu de frio, com temor do que ele poderia fazer com ela, e da excitação que ele provocou nela, apenas por estar tão perto. —Você realmente deveria pensar antes de abrir a boca. Sua impulsividade vai levá-la a machucar alguém um dia, gatinha.

Ela assentiu com a cabeça, se contorcendo sob a intensidade de seu olhar.

—Sinto muito, eu...

—Desculpas? Você acha que sou idiota? Você nunca está arrependida. —Ele deu um riso amargo. —E sabe o quê mais? Isso é

o que você e Sarah têm em comum.

—O quê?— Ela perguntou a voz trêmula. Ela nunca tinha visto ele assim, e não sabia se gostava disto. Sua vagina umedecida pelo vigor dele, da mesma forma que tinha ficado quando ele a amarrou e estapeou. Chocou-a pensar que algo assim poderia excitá-la.

—Ela me ferrou. Deixou-me por meu irmão. Fez com que eu não quisesse sentir isso novamente. Nunca mais. — A respiração de Royce cresceu irregular e suas mãos tremiam enquanto ele segurava seus pulsos ao lado do galpão. Ele se aproximou ainda mais, seu corpo a menos de uma polegada do dela. —Você... Você é pior. Você levou embora o entorpecimento. Você me fez sentir novamente. E agora você continua a esfregar sal nas feridas que você reabriu. Você vai me enlouquece, Mérida.

—Sarah e eu não somos parecidas, — disse a ele. —Ainda estou aqui. Não vou deixá-lo por outra pessoa. —Queria engolir as palavras de volta tão logo elas deixaram sua boca. Não queria prometer coisas que não estava pronta para cumprir.

—Não é o mesmo. — Ele balançou a cabeça, pulverizando água fria em seu rosto. —Não estou apaixonado por você.

Ela respirou fundo com sua declaração muito vigorosa.

—Quem você está tentando convencer?

—Ninguém — ele rosnou, pela expressão em seus olhos, ela sabia que ele mentia. Desesperado para mudar o rumo da sua concentração, ela empurrou contra suas mãos com os pulsos.

—Tudo bem. Ninguém nunca disse que era sobre amor. Estamos usando um ao outro, certo? Um pouco de satisfação mútua. Então, como seria? Por que você não me solta e nós podemos satisfazer um ao outro.

—Soa como um bom plano para mim. Estou com vontade de ser

usado. —Soltou as mãos dela para os lados e, sem lhe dar tempo para reagir, puxou-a contra ele, esmagando seus lábios contra os dela. Seu beijo era exigente, dominador, devastador para seus sentidos. Seu aroma limpo e masculino enchia seus pulmões, o seu gosto quente na boca.

Ele apertou-a contra o galpão, levantando suas pernas ao redor de seus quadris e esfregou seu pênis rígido contra ela. Ela gritou quando ele mordeu seu lábio, suas presas perfurando sua carne. Seu corpo ficou desossado e ela cravou as unhas em seus ombros para não deslizar para o chão.

Ele quebrou o beijo e a soltou. Os pés de ela tocaram o chão e os joelhos quase cederam. Ela tentou agarrar Royce para apoio, mas ele recuou um passo.

—Tire suas calças e a calcinha.

—Como é que é?

—Tire-os fora antes que eu os arranque. Não acho que você quer andar de volta para casa e desfilar nua na frente de Wil e sua namorada. Tire as calças, Mérida. Agora.

Oh! Deus. Sua vagina estremeceu com seu tom áspero, cru.

Suas pernas mal conseguiam segurá-la, ela abriu o zíper do jeans e arrastou o tecido pesado, molhado por suas pernas. Sua calcinha a seguiu e ela soltou a roupa encharcada em uma pilha no gramado. Ela começou a levantar a camisa sobre a cabeça, mas Royce não deixou.

—Não se preocupe, — disse a ela quando ele a empurrou de volta contra o galpão.

Ele desabotoou seu próprio jeans e libertou seu pênis, esfregando a cabeça em sua vagina dolorida.

—Não provoque — ela gemeu.

Ele riu.

—Provocação não é o que tenho em mente agora. — Ele agarrou seu traseiro com as palmas das mãos quentes, úmidas e a puxou mais para cima, empurrando o pênis em sua vagina, por todo o caminho até o fim. Ele estava enorme e tão duro que ela não pode suportar. Gritou e envolveu seus braços em volta do seu pescoço para se firmar quando ele bombeou para dentro dela.

Seus golpes eram ferozes, primitivos, alimentando sua luxúria em um nível que ela não tinha experimentado em muito tempo para se lembrar. Se perdeu nele, no jeito que se movia contra ela. Nunca tinha sido assim, e sabia que jamais seria novamente. Nunca iria encontrar um homem para satisfazê-la do modo que Royce fazia.

Apavorava-lhe pensar que ele a satisfazia tanto em nível emocional, bem como físico. Ela tentou empurrar o pensamento para fora de sua cabeça, mas ele não se moveu. Se não controlasse suas emoções, iria cair de amor por ele. Que desastre seria.

Ele moeu sua pélvis contra ela de uma forma que a fez esquecer por que seria uma má ideia. Mal conseguia sequer lembrar seu nome. O orgasmo a tomou de surpresa, chegando com a força de um furacão e causando da mesma maneira muito dano. Sua mente girava seus músculos apertados e afrouxados, os ouvidos zumbiam. Seu coração inchou e doeu, sabendo que precisava dele, mas ela nunca o teria plenamente.

Ele dedicou sua vida a uma mulher que havia se afastado dele e destruído sua alma. Ele manteve seu coração tão guardado, que agora ela nunca seria capaz de chegar perto. Doeu, mas ela se recuperaria. Tinha que fazê-lo.

Ela desabou contra Royce, com a cabeça caindo sobre seu ombro quando ele endureceu e gozou dentro dela. Muito cedo a colocou

sobre seus pés. Ele se abaixou e pegou suas roupas, entregando-as para ela, com muito remorso em seus olhos.

—Aqui.

—Obrigada. - Ela virou e se vestiu, esperando que ele não tivesse visto as lágrimas que enchiam seus olhos.

* * * * *

—Você está perdendo o controle, amigo — Wil disse a Royce quando ele entrou na sala de estar uma hora mais tarde.

—Sim. Merda. — Após um chuveiro quente, longo e boa parte do tempo andando no chão do banheiro, ele chegara a uma conclusão. Tinha sido um imbecil completo com Mérida. Ela não merecia nada do que ele tinha dito. Ela tinha errado em tentar pressioná-lo para falar sobre seus sentimentos, mas não tinha sido necessário ir para cima dela como fez.

—Não sei o que há de errado comigo. Estou deixando meu controle escorregar um pouco demais ultimamente.

—Você acha? — Wil balançou a cabeça enquanto mudava os canais de TV. —Você poderia tê-la machucado lá fora.

—Não, eu nunca teria, espera um segundo. Você viu?

—Sim. Depois que Michelle, hum, partiu, fui à sua procura. Quase te disse para cortar o papo furado e parar de assustá-la, mas percebi que você teria tentado jogar a merda em cima de mim.

Ele agitou a cabeça em concordância.

—Não a assustei.

—Sim, você fez. — Wil desligou a TV e olhou para Royce. —Vi nos olhos dela. Ela parecia pronta a desmaiar a qualquer minuto.

Royce estreitou os olhos em Wil.

—Quanto você viu?

—Assisti você fazer seu ato de homem das cavernas, prendendo-a no galpão como algum tipo de presa. Saí depois disso.

Royce soltou um suspiro de alívio. Mérida o mataria se achasse que Wil estava assistindo.

—Ela merece algo melhor do que você - Wil disse a ele, sua expressão escurecida.

—Sim, como se eu não soubesse. — Royce encostou-se contra as almofadas do sofá e fechou os olhos, dando uma respiração profunda, instável. Seu corpo ainda tinha que se recuperar da maneira que Mérida o quebrava sempre que se tocavam.

Ela merecia o melhor, mas ele não podia ficar longe. Estava se enganando se realmente pensava que tê-la debaixo dele novamente o faria esquecer-se. Sua vontade de fazer tudo o que ele pediu, pelo menos, sexualmente, o surpreendeu, mas também marcou sua mente com sua presença. Não haveria nenhum esquecimento. Pelo menos não nesta vida.

—Mas você não vai deixá-la ir, não é?— Wil perguntou.

—O inferno se eu sei. — Royce sentou e abriu os olhos, os músculos em seus ombros tensos com o pensamento de deixá-la ir embora novamente, mas não tinha escolha. Ela faria isso, e ele deixaria. Era assim que devia ser. —Ela não me quer. Nós iremos cansar um do outro, em breve, e depois iremos por caminhos separados. Estamos apenas nos divertindo.

—Ceder a um pouco a química, hein?— Wil perguntou com uma sobrancelha levantada.

—Isso resume tudo.

—Isso é mentira, e ambos sabemos disso.

Royce olhou para Wil, sua mandíbula apertada.

—Seja como for, não daria certo — ele resmungou.

Royce afundou-se em silêncio, enquanto refletia sobre as palavras de Wil. Não podia aceitá-las como verdade. Ainda não.

Não quando ele não sabia o que ela esperava da química entre eles. Provavelmente nada. Precisava de algo para se concentrar para além das questões que apertavam seu coração.

—Mérida teve um encontro interessante.

Ele detalhou os acontecimentos no duplex como Mérida tinha descrito a ele. Wil se sentou em um silêncio antinatural todo o tempo. Quando ele terminou de falar, Wil balançou a cabeça.

—Isso não parece promissor.

—Acho que a afetou mais do que ela vai admitir. Ela estava uma bagunça quando a encontrei no sofá.

—Ela pode lidar com isso? — Wil perguntou, sua expressão nublada com dúvida.

Royce deu de ombros.

—Provavelmente. Tenho fé nela. Se ela não puder entender isso, conhece algumas pessoas que podem. Ela é determinada, mas não é estúpida.

Wil balançou a cabeça e fechou os olhos. Quando ele os abriu mais uma vez, Royce viu o mesmo remorso que sentia nos olhos de Wil.

Royce franziu o cenho.

—O que aconteceu com Michele?

Wil soltou uma respiração dura.

—Ela queria que eu fosse embora com ela. Estava planejando deixar Caswell e ir para alguma ilha nos trópicos.

Royce bufou no pensamento de um vampiro no paraíso tropical.

—Isso teria sido divertido.

—Exatamente meus pensamentos. Disse a ela que estava acabado. Mais uma vez. Mas ela não ouviu. — Ele ficou em silêncio, seu olhar à deriva para o outro lado da sala, sua expressão plana. —Ela caiu. Cortou o braço. Ela derramou seu sangue e perdi o controle.

Um frio percorreu Royce quando ele pensava sobre às vezes no passado que Will tinha perdido o controle. Não tinha havido muitas, mas o resultado final nunca tinha sido bonito.

—O que você fez?

—Nada. Nada. Ela correu antes de eu poder machucá-la, mas a assustei. Muito.

—Parece que estamos ambos no mesmo barco.

—Não, nem de perto. — Wil soltou uma risada tensa. —Michelle é humana. Não entende. Ela também é uma repórter. Isso vai ficar ruim. Muito ruim.

—Quer que eu vá falar com ela?

Wil balançou a cabeça.

—Isso só iria piorar. Lidarei com isso, certo? Preciso ficar pronto para o trabalho. Tenho que estar lá em uma hora.

—Você realmente acha que é aconselhável ir hoje à noite depois do que aconteceu?

—Não tenho muita escolha. — Wil encolheu os ombros em um gesto casual, mas a expressão escura em seus olhos deixou Royce preocupado. Wil tinha mais do que alguns esqueletos em seu armário, e Royce pensou que ele tinha enterrado há muito tempo. Agora, não tinha tanta certeza. E não gostou da ideia de deixar Wil ir para o trabalho neste estado.

—Só não faça nada que eu não faria — Royce disse a ele, meio brincando. Ele conhecia o temperamento de Wil, por mais que tentasse esconder isso, e sabia do que era capaz, quando ficava irritado. Era definitivamente algo que Michelle não queria experimentar em primeira mão.

*****

Depois que Wil partiu, Royce subiu e colocou a cabeça no quarto de Mérida. Como ela conseguia dormir depois do que eles tinham feito, do que ele fez com ela, não tinha nenhuma ideia. Mas o sono a fez, sadia e pacífica. Ela parecia um anjo, banhada pela luz suave do luar, os cachos ruivos espalhados sobre o travesseiro branco em uma cascata flamejante.

Seus dedos coçaram para penetrar na confusão flamejante, puxá-la para perto e beijá-la insensatamente, mas se segurou. Ela precisava de seu descanso, e ele precisava trabalhar algumas coisas em sua cabeça. Tudo tinha mudado. Não sabia quando tinha acontecido, só que havia.

Nada mais seria o mesmo novamente. Ele entendeu o que disse a ela mais cedo. Quando ela o deixasse, o mataria. Seria demais para suportar.

Ele voltou para as escadas e saiu pela porta da frente, sentando na varanda, na chuva. Tinha começado a esfriar, deixando o ar úmido e frio. Mas mal percebia o frio. Sua mente não deixava de pensar em Mérida, e como incrivelmente apertado se sentia ao estar ao redor dela. Ela estava dentro de sua pele, dentro de sua alma, se ainda tinha uma, e ele queria mais.

Queria ter a chance de levar o que tinha para algo duradouro?

Ele não sabia. Quando Sarah o tinha deixado, ela tinha rasgado o seu coração. Ela tinha sido sua vida, sua razão de viver. Mas tinha se apaixonado por seu irmão, um homem que Royce tinha pensado estar morto.

Marco, sua própria carne e sangue, tinha transformado Sarah em algo que ele pensara ser inconcebível, um vampiro. Ela tinha sido a causa da morte de Royce, quando ele virou vampiro para reconquistá-la. Tinha sido tarde demais. Sarah tinha se matado e o deixado sozinho em agonia.

Mas ele se recuperou. Enterrou isto profundamente, eventualmente esquecendo a dor. Tinha sido vampiro por 400 anos, vivendo a vida em seus termos, não deixando outra mulher perto o suficiente para machucá-lo. Uma tinha sido o suficiente.

Até Mérida.

Ele chutou as pernas para cima e cruzou os tornozelos no corrimão da varanda, deixando a chuva bater em seus pés descalços. Estava envolvido profundamente com ela e não via qualquer possibilidade de sair fora.

Uma pequena voz em sua cabeça, que ele optou por ignorar, lhe perguntou por que ele sequer se preocupava em lutar com isso.

Capítulo Doze

Calusius estava no canto do quarto onde dormia a mulher demônio, alegremente inconsciente em seu estado de sonho, da presença de um *Aparasei*. Ele sorriu enquanto olhava para ela, de modo justo para um de sua espécie. Bonita.

Enganosamente pacífica, dada a sua atitude quando acordada. Mas também estava muito cheia de si mesma. Ela pensava que podia derrotá-lo? Ela não saberia nem por onde começar. Não tinha nenhum conhecimento de sua espécie e como se relacionava com a dela. Ele, por outro lado, sabia exatamente o que ele era para ela.

Seu pior pesadelo.

Poderia matá-la com facilidade, mas onde estaria a diversão nisto? Queria uma batalha. Queria excitação. Ele chegou a Caswell para a mulher prometida a ele há 26 anos atrás, mas agora ele se perguntou se não gostaria de levar algo mais de volta para sua dimensão.

Uma gata pequena se encaixaria em sua coleção, especialmente uma que não tinha medo de mostrar suas garras.

Caminhou até a cama dela, o olhar nunca deixando seu rosto quando ele tomou sua decisão. Não iria deixar passar essa oportunidade. Quando deixasse Caswell, que seria muito em breve, ele levaria duas de volta com ele. A pequena gata não seria deixada para trás.

Ele esticou seu braço e roçou a ponta de seus dedos na bochecha dela. Ela estremeceu no sono, mas não acordou.

—Durma bem, pequena gata — disse a ela. —Enquanto você

ainda pode.

* * * * *

Mérida atravessou a sala vazia, o cheiro de sangue forte no ar, úmido ao redor dela. O brilho vermelho tomava conta das paredes e dos móveis envoltos em lençóis.

Uma voz estridente a cumprimentou quando ela se aproximou de uma porta escura do outro lado do quarto.

—Venha até aqui, pequena.

Como se em transe, ela entrou no quarto e encontrou-se cara a cara com a figura sombreada. O *Aparasei*.

—Qual é seu nome?

—Calusius.

—Você matou duas pessoas.

Ele assentiu.

—E vou matar mais, aquelas que estão próximas de você, se você ficar no meu caminho.

—Lhe disse antes. Não posso deixá-lo fugir com o que você fez.

Seus olhos brilhavam quando ele sorriu para ela.

—Ah, a bondade inerente da Guardiã do Equilíbrio.

—Não sou uma Guardiã do Equilíbrio.

—Você está correta. Seu destino mudou. — Seu sorriso alargou e Mérida sentiu-se nauseada. —Marquei você. Isso por si só mudou seu destino.

—Como isso é possível?

—Você logo descobrirá. — Ele andou em torno dela lentamente, seu olhar a queimando, fazendo sua pele arrepiar.

—Quando eu partir, você virá comigo.

—Bobagem. — Ela se virou para ele, as mãos nos quadris. —Quando eu terminar com você, não restará o suficiente para preencher uma urna.

—Você não pode me parar. Você morrerá tentando. — Ele levantou a mão para sua bochecha e a acariciou com seus dedos. Ela sentiu a queimadura gelada onde seus dedos ossudos tocavam sua carne. Ela tentou gritar, mas nenhum som saiu.

Mérida acordou com um sobressalto, seu corpo tremia. Ficou em pé na cama, sua respiração ofegante e esfregando suas mãos para cima e para baixo nos braços para aquecer seu corpo gelado. O quarto estava vazio, mas ela não o sentia assim.

A presença do *Aparesei*, Calusius enchia o quarto.

Ele agitou-a, e ela não queria ficar sozinha.

—Royce? — ela chamou sua voz soando fina e alta. —Royce, onde está você?

Alguns segundos depois, ele invadiu o quarto.

—O que há de errado?

—Tive um sonho ruim. — Ela piscou quando ouviu o que disse. Um sonho ruim? Ela se sentiu como se tivesse cinco anos de idade. Balançou a cabeça, precisando ser adulta sobre isso. —Você tem um minuto? Talvez eu possa te contar, e você pode me dizer o que acha.

Ele fechou a porta e subiu na cama, deitando a seu lado sobre o colchão e a puxando para seus braços. Beijou o topo da cabeça dela e afastou seu cabelo do rosto.

—Certo. Diga-me o que aconteceu.

Ser mimada como um bebê a fazia sentir-se tola. Ela era quase seiscentos anos mais velha que ele. Por que gostava tanto quando ele a tratava desta forma? Ela tentou se afastar, mas ele a segurou mais

firmemente.

—Fale comigo, Mérida. Prometo que vou tentar ajudar.

—Que horas são?

—Três horas. Ainda está no meio da noite. Estou bem acordado. Conte-me sobre seu sonho.

Ele a apertou no círculo de seus braços, não de uma forma sexual, mas que a fazia se sentir segura, quente e protegida. A ansiedade do sonho começava a diminuir.

—Não foi tão ruim, realmente. Não foi assustador, apenas perturbador.

—Como assim? — Royce perguntou suavemente, parecendo que realmente queria ouvir o que ela tinha a dizer. Exatamente o contrario de horas antes, quando ele a acusou de tentar quebrá-lo emocionalmente.

—Sonhei com o *Aparasei* novamente. Calusius. Nesta mesma casa.

—Calusius? Como você sabe que é o seu nome?

—Porque ele me disse.

—Era apenas um sonho, amor. — Ele deu outro beijo em cima da sua cabeça e ela se acomodou inteiramente em seu calor.

—Não senti que era um sonho. Parecia real. — Ela suspirou, percebendo o quão ridículo ela devia soar para Royce. —Ele me disse que ia levar a mulher prometida a ele, e que ia me levar de volta com ele, também.

—Muito estresse,— Royce lhe disse, puxando-a mais firmemente contra ele. —Volte a dormir. Ouvi dizer que nunca se sonha a mesma coisa duas vezes.

—Não a menos que seja uma profecia — ela murmurou.

Ele colocou a mão sobre sua bochecha e ela se encolheu.

—O que há de errado com seu rosto? Está quente. Você está doente? — Ele virou sua cabeça e olhou para ela a luz do luar. Seus olhos se arregalaram. —Você tem uma marca em seu rosto. Machuquei-te antes?

—Que tipo de marca? — Um arrepio correu por baixo de sua espinha e ela tentou pensar que não era nada, mesmo sabendo lá no fundo que estava errada.

—Se eu não soubesse melhor, diria que se parece com dedos. — Royce passou seus dedos sobre sua bochecha. Ela estremeceu com a sensação de ardência causada pelo seu toque. —Bem aqui. Há duas marcas distintas, vermelho brilhante, como se alguém tivesse queimado você com os dedos.

Aparasei. Tinha ouvido falar que seu toque queimava a carne, mas tinha pensado que era lenda. Agora ela conhecia a verdade. Saiu dos braços de Royce e pulou fora da cama. Pegou sua mala do chão e jogou sobre a cama, procurando algo para vestir. Pegou uma calça cáqui e uma regata branca, colocando as roupas em cima de suas roupas íntimas antes de procurar seus sapatos.

—O que você acha que está fazendo?— Royce perguntou quando ele saiu de sua cama.

—Tenho que ir àquela casa. Não posso sentar e esperar ele vir para mim novamente. — Ela deslizou em seus sapatos, agarrou seu moletom cinza com capuz e o puxou sobre sua cabeça. —Tenho de detê-lo antes que ele machuque alguém.

—O que te faz pensar que ele vai ferir alguém?

—O sonho. Além disso, senti muita raiva nele quando o conheci. Dominando todas as outras emoções. Ele me disse que queria o que pertencia a ele. Achei que estava falando sobre algum objeto, mas

estava errada. Ele quis dizer uma pessoa, Royce. Uma pessoa inocente. Preciso detê-lo antes que faça alguma coisa. — Ela abriu a porta e saiu no corredor. —Seria melhor você chamar Wil.

—Você acha que o *Aparasei* quer ferir Wil? — Ele soou incrédulo.

Ela bufou.

—Eu disse uma pessoa inocente, Royce. Tenho um sentimento engraçado que Wil é ainda menos inocente que você, se isso é possível. Estou falando das pessoas por aqui que não fizeram nada, que só se importam com seu próprio negócio. Tenho que parar o *Aparase*i antes de outra pessoa ser morta.

—Você não pode ir sozinha.

Ela parou e virou para ele, as mãos nos quadris.

—Por que não?

—Porque não é seguro. Olhe o que aconteceu da última vez que você foi sozinha.

—Acho que posso me cuidar.

—Não me importo. Você não vai sozinha. —Passou por ela no quarto.

Ela lhe lançou um olhar sórdido quando o viu puxar sua camisa de moletom e deslizar em suas botas.

—Quem você pensa que é? O que faz você pensar que pode me dizer o que fazer? Como pode pensar que tem o direito de me dizer como agir e para onde ir?

Ele ficou sobre ela e agarrou seus ombros, sacudindo-a levemente.

—Porque eu te amo, é por isso. — Sem lhe dar uma chance de responder, ele a beijou duro na boca, antes de passar por ela para fora do quarto. —Vá usar o banheiro ou o que vocês mulheres fazem

quando acordam. Vou chamar Wil e a encontro lá em baixo em cinco minutos.

—Royce.

—Lá em baixo. Cinco minutos. —Ele começou a descer as escadas antes que ela pudesse pensar em uma boa resposta.

Ela ficou ali, os dedos nos lábios, pensando no que ele tinha dito. Ele a amava? Como isso poderia ser possível? Ele não poderia amá-la. Não podia ficar com ela. Esse pensamento a abalou mais do que tinha direito. Ele era um vampiro, caramba, ele não merecia um segundo pensamento. Eles tinham um caso! Nada mais.

Mas ela viu a verdade em seus olhos quando ele fez sua confissão. Poderia não ter significado nada, mas ele quis mostrar o sentimento por trás das palavras. Ele a amava. Ela tentou afastar a sensação vertiginosa, sabendo que apenas levaria a mágoa. Então a amava. E dai? Quem realmente se importava?

Ela.

Porque o amava também.

Isso era muito ruim. Terrível. Como ela deixou isso acontecer? Balançou a cabeça. Claro, teria que pôr fim a esta loucura, logo que eles cuidassem do *Aparasei*.

Eles não eram amáveis um com o outro. Eles não conseguiam ter uma conversa civilizada, sem pular na garganta um do outro. Um deles acabaria morto dentro de um ano.

Então, ela ia fazer a única coisa que poderia fazer quando isso terminasse e fosse hora de voltar para casa.

Ela iria, e não iria olhar para trás. Ele nunca teria que saber quanto iria quebrar seu coração fazê-lo, mas ambos seriam mais felizes no final.

Empurrando os pensamentos piegas para fora de sua mente, ela

usou o banheiro, escovou os dentes e foi para baixo, para atender Royce.

—Estou pronta, — ela lhe disse quando entrou na cozinha.

Ele nem sequer encontrou seus olhos.

—Ótimo. Vamos lá

—Liguei para Wil — ele disse uma vez que estava em seu carro, seu olhar ainda evitando o dela. —Ele vai nos encontrar por lá.

—Obrigada. — Ela respirou fundo para se acalmar antes de continuar. —Sobre o que você disse anteriormente…

—Nós não vamos falar sobre isso agora. — Ele virou a esquina para a Rua Magnólia e parou o carro em frente da casa. —Falaremos sobre isso mais tarde, quando tudo acabar e estivermos de volta em casa. Então nós vamos sentar e ter uma conversa muito longa e significativa.

Ela franziu o cenho para ele.

—Não acho que você goste de conversas longas e significativas.

—Não, não gosto. Mas estou considerando mudar minha mente. Ou isso, ou a estou perdendo. Provavelmente é isso. Finalmente enlouqueci. — Ele saiu do carro e bateu a porta quando Wil parou atrás deles. Ela o seguiu para fora do carro.

Wil caminhou até eles.

—Deixe-me ver seu rosto. — Ela empurrou o cabelo para longe de sua bochecha e ele prendeu a respiração.

—Isso não é uma coisa boa.

—Parecia pior antes — Royce disse a ele, olhando pela primeira vez a face de Mérida desde que saíram da casa.

—Você pensa que há alguma verdade em seu sonho?

—Provavelmente, a julgar pela queimadura no rosto. — A

expressão de Wil escureceu quando ele olhou para o rosto de Mérida.

—Há algo que você não está me dizendo?— Ela perguntou, desconfiada do seu comportamento. Ele balançou a cabeça.

—Nada de importante. Vamos para dentro.

*****

A escuridão desprezível, o cheiro a oprimindo, quando eles entraram pela porta. Ela soltou uma respiração instável, imagens de seu sonho voltaram para ela, e era tudo que podia fazer para não correr de volta para a porta. Não tinha percebido o quanto o *Aparasei* a assustava até que se confrontou com seu cheiro novamente.

—É frio aqui — ela disse baixinho, fechando os olhos contra a onda de medo e perturbadoras emoções, nenhuma delas boa. Quando conseguiu algum controle sobre si, notou outro cheiro no ar.

Ela balançou a cabeça, pensando que sua imaginação deve ter chutado na ultrapassagem do stress.

—Não é de sangue este cheiro, é?

—Sim — sussurrou Royce. —E é fresco.

—Merda — Wil disse.

Ela podia sentir os dois tensos atrás dela. Alcançou o interruptor da parede e acendeu as luzes.

Ali, na parede branca da cozinha ao lado deles, uma mensagem tinha sido escrita com sangue.

Deixe o destino seguir seu curso, ou todos os três vão morrer. Ela leu em voz baixa.

—Três? — Wil perguntou. —O que diabos isso quer dizer?

—É sobre nós — ela sussurrou seu corpo gelado até o osso. Um

suor frio surgiu em sua testa. —Sei o que ele está dizendo. Se vocês não deixarem ele me levar de volta ao plano demoníaco com ele, vai matar vocês dois.

—Isso não vai acontecer — disse Royce, olhando ao redor da sala. —Não vou deixá-lo machucar você.

—Não sei se você tem alguma escolha. — correu a mão pelo emaranhado de cachos, perdendo a batalha contra seus nervos. Ela nunca lidou com um caso deste antes. —Tenho que descobrir uma maneira de derrotá-lo antes que ele mate alguém.

—Você não vai ser capaz de fazer alguma coisa sobre isso — disse Wil, agitando a cabeça.

Ela enrolou as mãos em punhos na cintura e olhou para ele.

—Lhe disse antes que eu posso cuidar de mim mesma.

—Eu sei. Mas está faltando um fato muito grande aqui. — Ele tocou suavemente seu rosto. —Ele marcou você. Não sabe o que isso significa?

Ela pestanejou.

—Não. Deveria?

—Isso significa que você não pode fazer nada para derrotá-lo agora. Ele vinculou você a ele.

—O que? — Ela e Royce perguntaram ao mesmo tempo.

—É a verdade. Uma vez que você tenha sido marcado por um *Aparasei,* você não é capaz de destruir um.

Mérida estreitou os olhos para ele.

—Como você sabe disso?

Wil deu de ombros.

—Aprendi algumas coisas no meu tempo. — Ele virou as costas antes que ela pudesse fazer mais perguntas, focando seu olhar para a

parede suja de sangue.

—O que vou fazer sobre isso? Não posso mostrar isso para o meu chefe. Você consegue imaginar sua reação por alguém vandalizar a cena do crime com sangue?

—Vou cuidar disso — ela disse a ele.

—O que você pretende fazer? Procurar nos armários um frasco de líquido de limpeza?

—Não seja ridículo. Tenho uma maneira muito melhor do que o trabalho manual. — Ela levantou a mão no ar e fez um movimento de traços.

O sangue derreteu fora da parede e dissolveu no ar, sem deixar vestígios.

Wil pestanejou.

—Que inferno foi isso?

—Isso não é nada. Realmente. Nem gastei muita energia.

Wil voltou-se para ela, sorrindo em aberta admiração.

—Incrível — ele disse baixinho. —O que mais você pode fazer?

Royce pigarreou e chegou mais perto de Mérida, em um claro gesto de proteção e possessividade.

—Devemos sair daqui antes que alguém perceba. Tenho certeza que você não quer responder a qualquer pergunta agora.

—Para falar a verdade não.

—Que tal o *Aparasei*? - Mérida perguntou. —Preciso lidar com o problema antes de...

—Já lhe disse. Você não pode. - Wil disse. —Nós vamos descobrir alguma coisa. — Ela tinha a sensação de que não seria capaz de descobrir qualquer coisa breve o suficiente para deter os planos de Calusius.

Capítulo Treze

Wil deslizou para trás do volante de seu carro e viu Royce e Mérida irem embora. Tinha levado seu veículo pessoal, quando deixou o trabalho para encontrá-los aqui, porque não tinha intenção de voltar a trabalhar. Nunca. As coisas tinham ficado muito complicadas, especialmente com o conhecimento de Michelle que estava pairando sobre sua cabeça.

Iria para casa mais tarde e colocaria tudo que tinha em ordem, não era muito, assim ele estaria pronto. Tão logo eles encontrassem uma maneira de matar o *Aparasei*, ele partiria.

Nunca esteve em um lugar por muito tempo, de qualquer maneira, foi empurrando até o limite em Caswell. Tinha sido por um bom tempo. Que melhor momento para sair do que agora?

Observou casa de Michelle, procurando sinais de vida. Era cedo demais, realmente, para ela estar acordada e se preparando para o trabalho, mas não podia ajudar a sua curiosidade. Precisava falar com ela e fazer algum controle de danos antes que ela apresentasse acusações contra ele ou até mesmo escrevesse um artigo sobre o que acreditava que ele fosse.

Suspeitas falavam mais alto em cidades pequenas, especialmente uma tão ardilosa quanto Caswell. Alguém estava destinado a acreditar nela, e então sua vida iria se transformar em uma caça às bruxas. Ele teria que matar ou ser morto, e nenhuma das opções se adequava a seu atual estado de espírito.

Agitou a cabeça e bateu as mãos no volante. Alguma coisa tinha que ser feita sobre Michelle. Quando ele deixava uma cidade para

sempre, nunca deixava quaisquer pontas soltas para trás. No que diz respeito às pontas soltas, Michelle poderia ser um grande problema.

*****

—O que é que Wil não está me dizendo? — Mérida perguntou quando eles andaram até a porta da frente da casa de Wil.

Royce deu de ombros. Havia provavelmente muitas coisas que Wil escondeu dela e tudo por uma boa razão. Ele não tinha dúvida de que elas estavam relacionadas com o caso.

—Não tenho ideia do que você está falando

—Como ele sabe tanto sobre *Aparasei*? Nem eu sei muito e me livrar destas bestas é como ganho a vida. — Ela bateu à porta e chutou seus sapatos, deixando-os no vestíbulo. Entrou na sala e começou a fechar as cortinas de todas as janelas.

Royce a seguiu, suas mãos nos bolsos de suas calças jeans para não a estrangular.

—Cuidado, Mérida. Você está mostrando seu transtorno obsessivo compulsivo.

Ela parou de puxar as longas cortinas e atirou-lhe um olhar mordaz.

—Não sou obsessiva compulsiva. Só não gosto de pensar que, uma vez que as luzes estão acesas, alguém pode ver o lado de dentro.

—Não há ninguém ao redor. Wil não tem nenhum vizinho aqui.

Ela lançou as mãos no ar e soltou um suspiro.

—Sabe de uma coisa? Não importa. Não sou uma grande fã da escuridão.

Quando ela terminou de fechar todas as cortinas do lugar, sentou no sofá e soltou uma respiração estremecida.

—Preciso saber o que Wil está escondendo de mim. Se ele de alguma forma está envolvido nesta confusão...

—Wil não está envolvido – Royce cortou-a.

Ela levantou as sobrancelhas.

—Tem certeza?

—Positivo. Não teria me pedido para ajudar, se ele tivesse causado o problema em primeiro lugar.

Ela se debruçou e enterrou o rosto nas mãos.

—Sim, acho que você está certo — disse com a voz abafada.

Olhou para ele, a incerteza em seus olhos.

—Então acho que ele pode estar em perigo. Talvez deva parar de trabalhar e partir, deixando-me lidar com as coisas aqui.

Ah, sim. Isso seria ir muito além.

—Wil pode cuidar de si mesmo. Ele não precisa de uma mulher...

—Pare ai mesmo. — Ela pulou do sofá e caminhou até ele, suas mãos sobre os quadris. —Se você continuar com essa frase, serei obrigada a matá-lo.

Ele olhou para ela, mantendo sua expressão neutra. Estavam todos sob estresse, especialmente após o que encontraram hoje à noite, não estava com humor para ser educado.

—Vá em frente com isso. Qualquer coisa seria melhor do que lidar com você da maneira que está agora.

Ela estreitou os olhos e esmurrou seu braço.

—Pare com isso. Estou falando sério. Vou te machucar.

—Novamente, vá em frente e tente.

Ela o decepcionou quando caminhou de voltar para o sofá e

empoleirou em seu braço, abraçando um joelho em seu peito enquanto a outra perna oscilava, seus dedos mal tocando o carpete bege. Seu olhar caiu no chão e ela soltou uma respiração, soprando sua franja para o ar.

Algo apertou dentro dele enquanto observava ela lutar com tudo que aconteceu. Sua vida estava em perigo e ela não parecia estar preocupada.

Royce a conhecia melhor. Ele sabia que muito de sua atitude resultava do medo. Mérida nunca iria admitir seu medo, especialmente a ele, mas sentiu isso nela. Ele sentia isso também, mas não por sua própria vida.

Pela dela.

Ela era corajosa, atraente e sensual, tudo isso formava um pacote irresistível, que ele não queria deixar fora de sua vista. Dizer que tinha sentimentos por ela, apesar de suas melhores intenções, seria um eufemismo bruto.

Ele a amava. Quis dizer isso quando acidentalmente tinha dito as palavras. Mas isso não significava que tinha planos para dizê-lo novamente em breve. Admitir seus sentimentos lhe daria poder sobre ele, poder que não poderia deixá-la ter.

Tinha cometido um erro em admitir Mérida quando tinha evitado tantos outros? Sua mente queria dizer sim, mas seu coração, apenas descongelando do profundo congelamento que ele o tinha mantido em excessivos anos, sabia que seria uma mentira.

—Uh. Você parece sério.

—Estou preocupado com você. — As palavras saíram em uma reação automática, uma que ela não gostou, se ele poderia julgar pela carranca que se espalhou em seu rosto.

—Você não precisa. Disse-lhe isso muitas vezes antes.

—Nem sempre faço as coisas porque preciso. — Ele se moveu para o sofá e sentou próximo a ela.

Ela saiu do braço do sofá e caminhou por toda a sala.

—Às vezes, acredite ou não, faço as coisas porque quero. Importo-me...

—Não, você não faz. — Ela pronunciou as palavras suavemente, mas com uma força que o fez piscar. Mérida não queria que ele se importasse com ela?

—Sim, eu faço. Importo-me com você.

—Bem, pare. Você é incapaz de ser atencioso. — Ela embaralhou seu pé no chão.

—Talvez você devesse parar de negar tudo o que sente.

—Talvez você devesse parar de inventar coisas que não existem. — Ela caminhou para o sofá e parou perto dele, seus braços cruzaram sobre seu peito e um sorriso astuto no rosto. —Você quer falar? Certo. Vamos falar. Há algo que estava querendo lhe perguntar durante um tempo, Sr. Proezas Sexuais. Com quantas mulheres você esteve em uma só vez? — Mérida perguntou, suas unhas traçando pequenos desenhos no estômago dele.

—O que? — Isso era uma mudança. Ele queria falar sobre sentimentos, e ela queria falar sobre sexo? —Você não quer saber.

Ela revirou os olhos.

—Não teria perguntado se não quisesse saber. Sem essa. Diga-me. Ou você está com medo de dizer?

Ele riu. Apesar da gravidade da situação, ela tinha conseguido iluminar seu humor.

—Receio que poderia arruinar minha reputação.

—Querido, você não pode fazer mais danos à sua reputação. Ela

já está maculada além do reparo. Fale.

Em pé sobre ele, seu interrogatório e seus lábios ligeiramente entreabertos, seu pênis apertou. Não seria preciso nenhum esforço para puxá-la em seu colo. Fechou os olhos para repelir o ataque repentino de luxúria. Agora não era o momento de pensar em sexo, não quando ela tinha o *Aparasei* tentando levá-la embora. Ele precisava direcionar a conversa para a situação e não para a mulher perto demais para sua concentração.

—Algumas, certo? Feliz agora?

Ela chutou seu pé e limpou a garganta.

—Não. Não estou. Aprecio um pouco de honestidade. Tenho certeza que você fez a sua parte de coisas agitadas.

Ela não tinha ideia. Ninguém jamais o descreveria como um anjo. Assim que ele percebeu sua aparente imortalidade como um vampiro, pôs isto em teste em todos os sentidos possíveis.

—Seis.

Ela não disse nada por tanto tempo, que ele abriu os olhos para se certificar de que ainda estava perto dele. Ela olhou para ele, seus olhos piscando rapidamente.

—Ouvi corretamente? Seis? Ao mesmo tempo? Na mesma cama?

—Sim. — Ele esperou que ela fizesse algo, lhe batesse, o chamasse de porco, fosse para fora do quarto, mas ela só ficou na frente dele, balançando a cabeça e murmurando baixinho. Quando ela finalmente falou, suas palavras o chocaram.

—Como foi isso?

—O inferno, é difícil o bastante agradar uma de vocês. Seis era... Acho que não acordei por uma semana depois disto. —Ele sorriu para ela, avaliando sua reação. Ela sorriu de volta.

—Você está falando sério? — Ele assentiu, ela riu. —Pensei que

vocês, homens sonhavam com esse tipo de coisa o tempo todo.

—Sim. Nós fazemos. É um grande sonho. A realidade, nessa situação, deixa algo a desejar. —Ele pegou sua mão e a puxou para mais perto. Ela cambaleou para frente, mas ficou de pé. —E você, Mérida? Você já fez sexo em grupo?

Quando ele disse as palavras, um fogo acendeu em seu intestino. Ele soltou uma respiração quando seu pênis empurrou contra o zíper de sua calça jeans.

—Desculpe desapontá-lo, Grande Sujeito, mas sou uma mulher de um só homem. E antes que você pergunte somente homens. Nenhuma mulher.

Ele a puxou mais um passo.

—Por que não?

Ela encolheu os ombros.

—Nunca me interessei.

—Será que você nunca mudaria de ideia?

—Realmente não sei. — Ela se aproximou mais, desta vez por vontade própria apertando seus dedos. —Por quê? Você está se oferecendo?

Ele quase engasgou. Ou sua imaginação conjurou algo que ele queria ver nos olhos dela, ou a conversa a ligou.

—Só estou perguntando. Isso é tudo. Se a oportunidade surgisse, você aceitaria?

—Isso vai depender dos homens, e sobre a situação. Será que você conseguiria ser um dos homens?

Seu pênis pulsava em suas palavras. Ela tinha de perceber o quão duro o tinha feito ficar. Se ela não parasse, iria encontrar-se em grandes apuros. Ele não era um homem típico quando se tratava de

sexo. Ele tinha descoberto em seus anos na terra que havia algumas coisas incomuns que ele gostava. Será que ela concordaria com todas elas? Deu-lhe um puxão e a derrubou em seu colo.

—Sim, seria. Se você quiser que eu seja.

Os braços dela vieram ao redor de seu pescoço e ela se inclinou, enquanto sussurrava:

—Isso seria fantástico. Tenho de escolher o outro cara?

Foda.

Ele prendeu a respiração e estremeceu. Ela estava falando sério?

—Claro. Por que não?— ele respondeu, sua resposta saiu estrangulada quando todo o sangue em seu corpo correu de seu cérebro para seu pênis. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia de onde estava se metendo. Em cerca de dois segundos, se ela não parasse de falar assim, iria rasgar sua roupa e colocá-la sobre a mesa de café.

Ela passou a língua ao longo de sua mandíbula.

—O seu amigo Wil é bem atraente. Acha que ele aceitaria?

Espere um segundo. Wil? Ciúme bateu nele, um calafrio correndo sobre seu corpo. Ele não sabia se queria compartilhar a mulher que amava. Se ela queria trazer alguém, ele estaria disposto a fazer qualquer coisa para agradá-la. Desde que ela não decidisse que queria Wil.

—Qual é o problema?— Ela perguntou sua voz um ronronar baixo. Ela largou sua mão e pegou seu pênis, dando-lhe um aperto suave. —Posso sentir que você está ligado. Desconfortável?

Que homem não estaria quando sua mulher confessou querer seu amigo?

—Um pouco.

—Pobre bebê. — Seus dedos acariciaram seu pênis através do tecido grosso da calça jeans.

—Sobre Wil...— ele começou, mas ela cortou suas palavras com um beijo rápido, quente que não durou tempo suficiente.

—Você está duro como uma rocha. Quer que eu faça alguma coisa sobre isso? —Apenas o tom profundo de sua voz era o suficiente para fazer ele se sentir pronto a perder o controle.

Merda.

—Sim — ele disse rouco, quase incapaz de formar as palavras.

Ela sorriu sensualmente quando ele ouviu o barulho de seu zíper. Quando ela libertou seu pênis da calça jeans demasiado apertada, seus olhos se arregalaram.

—Meu. Acho que você realmente gostou desta conversa.

Ela não tinha ideia. Absolutamente nenhuma. Estava prestes a responder quando ela ficou de joelhos e ele perdeu toda a capacidade de pensar.

Ela envolveu seus lábios, incrivelmente quentes ao redor da cabeça de seu pênis e chupou-o profundamente em sua boca. Ele gemeu em agonia quando ela se afastou e deslizou de volta no chão.

—Você realmente precisa se mover para isto, Royce. Teria muito mais liberdade para me mover se te tenho deitado sobre suas costas.

Nesse momento, ele daria a ela o que quisesse, contanto que não parasse. Não por um longo, longo tempo. Ele começou a deitar no sofá, mas ela balançou a cabeça.

—Não. No tapete.

Ele se mudou para o chão, o corpo todo tremendo, e deitou de costas sobre o tapete macio. Mérida o montou, de costas para ele, seu traseiro redondo a poucos centímetros de seu rosto. Ela tomou seu pênis na boca novamente, levou-o profundamente. Ele sentiu-se

bater contra sua garganta e gemeu.

Nesse ritmo, ela o mataria em segundos. Enquanto a cabeça dela subia e descia sobre seu pênis, seu traseiro sacudia em seu rosto. Ele não poderia ter mais um segundo sem a tocar. Ele agarrou seus quadris e puxou-a em direção a ele, trazendo seu montículo coberto de tecidos em seu rosto.

Ele apertou o nariz nela e respirou fundo, inalando seu cheiro almiscarado. Puxou os bolsos traseiros de suas calças.

—Tire isto fora.

Ela o libertou tempo suficiente para dizer uma só palavra.

—Paciência.

—Não sou muito bom com paciência. — Ele beliscou seu traseiro através de sua calça enquanto seus dedos pressionavam contra seu montículo. Sua respiração presa. —Quero que seja bom para você também, querida. Basta tirar as calças e prometo que vou fazer você gritar. Faça isso logo - murmurou, aproximando-se mais.

Ela deslizou seu pênis para fora da boca e levantou-se diante dele, tirando as calças e a calcinha muito lentamente. Virou e se inclinou para colocá-los no chão, dando-lhe um vislumbre de sua vagina rosa brilhante. Ele lambeu os lábios. Não podia esperar para afundar seus dentes em toda aquela pele macia.

—Volte aqui, Mérida. Agora.

Ela subiu novamente em cima dele, inclinando-se e soprando um seu hálito quente em seu pênis.

—Feliz agora?

—Vou ser quando você enrolar os seus lindos lábios em volta do meu pênis novamente. — Ela sorriu para ele por cima do ombro.

—Com prazer. — Quando o levou de volta para o quente e molhado recesso de sua boca, a puxou para ele e passou a língua ao

longo de sua fenda. Ela estremeceu visivelmente e aumentou seu ritmo em seu pênis. Ele circulou o clitóris com a língua, espantado com quão molhada ela ficou. Cada golpe de sua língua arrancou outro gemido abafado de seus lábios.

Será que a nova posição a transformou, ou foi à conversa? Se pensar sobre dois homens ao mesmo tempo fez isso para ela, eles poderiam ter que rever esse tema mais tarde, quando toda a bagunça com o *Aparasei* tivesse se esclarecido.

Ele sentiu seu corpo se curvar em um orgasmo segundos antes dela estremecer sobre ele. Empurrou a língua dentro dela quando sua vagina jorrou seus sucos. Ele os lambeu sofregamente, enquanto seu próprio clímax caia sobre ele. Sua cabeça caiu de volta quando gozou, gritando seu nome na sala silenciosa. Ela foi absolutamente incrível, e ele seria amaldiçoado se a deixasse ir.

Ela rolou e tentou se afastar dele, mas não iria deixá-la. Puxou-a contra si e a abraçou, deslizando sua mão sob o seu peito nu. Ela lutou contra a proximidade a princípio, mas logo se aconchegou contra ele, sua mão acariciando seu tórax.

—Isso foi incrível, — disse-lhe com sinceridade, tentando manter suas emoções fora de sua voz. O pensamento de nada mais do que o sexo com ele pareciam fazê-la reservada. Teria que mover-se lentamente para o território mais permanente ou corria o risco de assustá-la.

—Sim — ela concordou suavemente, sem fôlego. Gostava dela sem fôlego. Mérida estava no lugar onde pertencia, ao lado dele na cama, nua e ofegante.

Riu baixinho com o pensamento de tentar explicar isso a ela. Ela o olhou, seus olhos reduzidos.

—O que é tão engraçado?

—Isso. Nós. Quem teria pensado que nós iríamos acabar assim?

—Assim como? Por favor. Poderia ter-lhe dito que isso iria acontecer no primeiro dia que nos conhecemos.

—Não estou falando sobre o sexo. — Embora definitivamente tivesse seus benefícios. —Quero dizer tudo.

Ela se acalmou, sua respiração entrecortada.

—Não há nada mais.

Ele soltou um suspiro profundo, lembrando-se mais uma vez de não empurrá-la. Precisava de tempo. Só esperava que tivesse tempo suficiente para convencê-la antes de ela fugir novamente. Com um aceno de cabeça, ele mudou de assunto.

—Posso fazer uma pergunta?

—Você pode perguntar. Não posso garantir que vou responder.

Ele sorriu. Típico.

—Isso é bom. Demônios não casam certo?

—Nós temos companheiros, mas não casamos. Casamento é muito religioso.

Isso foi muito próximo do que ele tinha imaginado após conversar com Ellie sobre seu relacionamento com Eric.

—Então por que é que você não se acasalou ainda?

—Como você sabe que não o fiz?

Porque ele perguntou a seu irmão na última vez em que tinham se falado. Não que ele seria estúpido de admitir isso a Mérida, especialmente com seu pênis pendurado fora de suas calças. Não apreciava a ideia de perder uma parte tão importante do seu corpo.

—Um bom palpite?

—Não encontrei o homem certo. — Ela pausou e respirou profundamente. —Para ser honesta com você, não tenho realmente

procurado. Costumava, quando era mais jovem, mas procurar o *Panthicenos* que me pertence ficou rapidamente aborrecido.

—Quem disse que o seu companheiro tem que ser *Panthicenos*?

Ela encolheu os ombros.

—É do jeito que as coisas são.

—Que tal Eric? Ele e Ellie estão acasalados e ela era humana quando eles se encontraram.

—Mas ela não é agora. Ela é *Panthicenos,* como Eric.

Interessante.

—E se você pudesse ter alguém que seria verdadeiramente seu igual? Alguém que trataria você como a mulher independente que você é, e não como uma menina que não pode cuidar de si mesma? Alguém que iria te amar com todo o seu coração e alma, mas não tentaria sufocá-la?

Ela bufou.

—Se essa pessoa existisse, seria toda dele em um segundo.

Ela era.

Ele soltou uma risada doída. Podia ser superprotetor às vezes, mas nunca iria tentar mudá-la. Não em um milhão de anos. Sua vida tinha ficado muito mais interessante com ela assim mesmo.

—Posso te fazer uma pergunta agora?— ela perguntou.

—Sim. Pergunte o que quiser.

Ela levantou a cabeça de seu peito e rolou para seu lado, sustentando-se em seu cotovelo.

—Você disse que sua esposa se suicidou, certo?

Ele assentiu.

—Foi por isso que se tornou um vampiro?

Ele considerou mentir apenas para salvar-se do dreno emocional

que a história iria causar, mas Mérida merecia mais do que isso. Ele precisava dizer-lhe tudo, assim não haveria nenhum segredo entre eles.

—Não. Sarah fugiu com o meu irmão, Marco. Todos nós pensamos que ele havia morrido, mas não tinha. Ele tinha sido transformado. Queria Sarah, e tinha feito tudo o que podia para tê-la. Ela pediu-lhe para transformá-la, e ele o fez.

Royce respirou fundo e forçou-se a continuar. Nunca tinha partilhado a história completa com outro ser, nem mesmo Wil. Estremeceu enquanto falava.

—Ela não pôde lidar com isso. Algumas pessoas simplesmente não podem. O corpo dela não conseguiu aceitar a mudança. Ele foi morrendo. Lentamente. Ouvi dizer que é um processo doloroso, os órgãos lentamente falhando, os músculos se torcendo. Deve ter sido horrível para ela.

—Encontrei um vampiro e implorei para me transformar, para que pudesse tentar reconquistar Sarah. Porém quando a encontrei, era tarde. Ela tinha tirado sua própria vida.

Mérida segurou sua mandíbula na palma da mão, com os olhos cheios de tristeza.

—Sinto tanto. Wil transformou você, não foi? — Perguntou, o surpreendo.

—Sim. Como você soube disso?

Ela encolheu os ombros.

—Não sei. Só tive um pressentimento.

—Sim, ele me transformou. As coisas eram muito diferentes para os vampiros, então. Não havia tantas leis, nem a polícia moderna. Wil alimentou minha raiva e eu deixei. Fiquei um pouco maluco depois que Sarah morreu. Odiava ela, odiava Marco. Odiava o mundo. Mas

acima de tudo, me odiava. Não devo ter sido o melhor marido se ela sentiu necessidade de partir. Gostaria de lembrar mais sobre esse momento de minha vida, mas quanto mais o tempo passa as memórias se apagam. —Ele riu com amargura. —O tempo depois que ela morreu, entretanto, não quero lembrar.

O tempo não tinha sido dos melhores, e ele fez algumas coisas que o envergonhavam. Se colocasse tudo para fora, contasse-lhe sua história e ainda assim ela o aceitasse, saberia que a possibilidade de um futuro entre eles ainda existia.

Ela virou para ele e descansou o queixo em seu tórax, os braços ao seu redor.

—Qualquer coisa que você tem a dizer, diga. Vou entender.

—Coloquei minha raiva sobre tudo e qualquer coisa que chegasse às minhas mãos. — Ele beijou o topo de sua cabeça, em seguida, ergueu seu queixo com o dedo e beijou seus lábios. —Fiz um monte de coisas da quais não me orgulho. As coisas mudaram um pouco quando fui trabalhar para Sam, mas depois a velha vida me sugou direto para trás, por dentro estava uma bagunça e Sam não quis que eu rondasse naquela condição.

—Pensei que você o deixou por conta própria, porque não podia lidar com o aspecto mortal do trabalho.

Ele bufou.

—Sim, certo. Foi isso que ele disse a você? —Ele suavizou seu tom, não querendo magoá-la. Ela era forte, mas todos tinham os seus limites. —Confie em mim, Mérida. Não tive nenhum problema com o aspecto mortal. O que tive, foi problemas em decidir quem eram meus verdadeiros amigos. Wil tinha estado lá por mim no começo, mesmo não sendo a melhor influência para mim no momento, e eu tinha muita lealdade para com ele.

Sentiu-a endurecer-se contra ele.

—Você escolheu Wil sobre Sam. Sobre o resto de nós.

—Não foi assim. Sam queria que eu partisse. Ele queria me afastar de você, Mérida.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

—Pensei que você havia dito que nem sequer se lembrava de mim quando nos encontramos novamente.

—Foi o que eu disse. Não penso muito naqueles dias. A minha mente havia se desligado. Tive que me afastar de tudo durante um tempo, colocar minha cabeça no lugar. Demorou algum tempo, mas finalmente consegui. Retornei curado. Enfim, acabei por fazer um curso de medicina. Acho que só demorei um pouco mais do que a maioria em ter meus pés no chão.

—Você não parece assim agora. Não consigo ver você sendo desagradável.

—Como eu disse, era outra vida atravessada. Tenho certeza que você entende.

—Melhor que a maioria.

Ele se mexeu debaixo dela com desconforto. Quando ela o olhou, sentiu como se pudesse ver dentro de sua alma.

—Nunca disse a ninguém nada disso.

—Por que você escolheu me dizer?

—Porque soube que você, de todas as pessoas, não me julgaria por isso. É disso que gosto em você. Você é tão carinhosa e compreensiva. Muito maternal. — Sentiu a necessidade de aliviar o clima antes das coisas ficarem muito pesadas.

Ela beliscou sua cintura.

—Sim, esta sou eu. Sou uma mamãe galinha.

Ela ficaria surpresa, mas às vezes isso era exatamente como ele a via. Ela se importava mais do que admitiria a alguém. E talvez ela nem percebesse por si mesma.

—Sinto muito — disse a ela baixinho.

Ela franziu o cenho para ele, as sobrancelhas erguidas.

—Por quê?

—Por ter sido uma dor real no traseiro desde que nos reunimos novamente.

—Faça-me um favor. Não pare.

Isso foi uma surpresa.

—Por quê?

—Tipo eu gosto de você do jeito que você é. Gosto de um desafio. Acredite em mim, querida, que não sou nenhum desafio quando você está em cena. — Ele trouxe sua mão para sua boca e beijou os nós dos dedos.

—Oh, mas você é. Nós discutimos às vezes.

Ele teve que rir dessa.

—Mas entre nós é divertido.

—Nós não costumávamos ser. Você não podia ficar comigo.

—Tem certeza? Disse que mal me lembrava de você.

—Mas me lembro de você. — Ela colocou a cabeça contra o ombro dele, suspeitou que fosse para deliberadamente ocultar seus olhos dele.

—O que é que você não está me dizendo?

—Tinha uma grande paixão por você. Há cerca de 350 anos atrás ou algo assim.

Seu coração engatou na antecipação e sua respiração ficou presa em sua garganta.

—E agora?

—Agora? Ah, é mais do que uma paixão. — Mérida pontuou suas palavras semi-brincalhonas com cutucões das suas unhas em sua cintura.

—Quanto mais?— ele estremeceu quando ela o pegou entre um par de costelas.

—Não há classificações, lembra? Estamos apenas indo com o fluxo.

Ele jogou a cabeça para trás e gemeu. Devia saber que suas palavras iriam voltar para assombrá-lo.

—Sim, me lembro. Mas o que acontece se eu mudar de ideia? O que acontece se quiser classificar isto… como algo mais?

Ela deu de ombros, mas podia sentir a tensão dela

—Seria muito ruim.

Faria qualquer coisa para convencê-la do contrário.

—Mérida?

Não respondeu. Ouviu a respiração dela baixa e profunda, olhou para ela. Estava dormindo. Afastou-se e levantou, pegando sua calça e calcinha, antes de levantá-la do chão e levá-la para seu quarto. Eles ainda precisavam discutir sobre o *Aparasei* e o que fazer sobre isso, mas depois da conversa que tiveram se sentiu um pouco drenado. A luz do sol chegaria antes que soubesse disso. Não poderia prejudicar ter algumas horas extras de sono.

*****

Mérida sentou-se à mesa da cozinha, no início da tarde seguinte, uma caneca de café apertada em suas mãos, ponderando sobre a

conversa que tinha tido com Royce na noite passada. Ou teria sido esta manhã? Com os padrões de sono irregulares por aqui, ela não conseguia guardar nada direito.

Tomou um longo gole da bebida fumegante, sua mente presa em Royce e tudo o que tinha lhe dito. Ele se abriu, foi completamente honesto sobre coisas que ela tinha ficado surpresa ao ouvi-lo dizer. Mas ele estava certo. Ela não iria julgá-lo pelo que tinha feito. Se ele disse que tinha mudado, acreditava nele. Viver por centenas de anos geralmente se revela como viver-se por várias vidas.

Colocou a caneca sobre a mesa e passou a mão pelo cabelo, tentando desembaraçar alguns dos cachos, ainda úmidos de seu banho. Não estava acordada há muito tempo, apenas uma hora ou mais e já queria voltar para a cama. Com Royce. Quando acordou em sua cama esta manhã, com seus braços protetoramente envolvidos em torno dela, seu primeiro instinto foi o de fugir. Mas ela ficou, deixando o medo ir embora, e finalmente se voltou para ele com uma sensação de tranquilidade.

Por causa de sua conversa aberta, se sentia mais à vontade com Royce do que jamais esteve. Agora ele parecia ser uma pessoa real e não apenas mais um homem para mostrar a ela que era mais forte ou melhor.

Ele não fazia isso com ela. Pelo menos não com frequência. Ela adorava isso nele. Precisava…

Maldição. Não precisava do cara.

Mas o queria. Mais do que iria imaginar. E mais do que apenas sexo, embora tivesse um papel muito grande em sua decisão. Ela amava o sexo, mas ajudava muito que amasse o homem, também.

O que tinha dito a ele sobre Wil… esperava que ele soubesse que estava brincando. Tinha visto o ciúme em seus olhos e não queria

ficar entre uma amizade tão duradoura. Só quis provocá-lo. Talvez tivesse ido um pouco longe demais. Riu fracamente e sacudiu a cabeça, levando a caneca aos lábios novamente. Todo o sexo devia estar mexendo com ela, transformando seu cérebro em mingau.

Sexo, amor e o irritantemente perfeito ou perfeitamente irritante vampiro tinham que esperar.

O problema principal aqui era o *Aparasei*, precisava ser tratado primeiro. Logo, antes que alguém se machucasse. Ela deveria ter descoberto algo ontem à noite, mas depois de encontrar a mensagem escrita na parede, não havia tido estado de espírito para isso.

Devia ter insistido com Royce para discutirem maneiras de se livrar do ser do mal, mas ele tinha lhe oferecido uma distração e tinha sido fraca suficiente para se deixar levar.

Não pela primeira vez, questionou a decisão de Sam de deixá-la permanecer no trabalho por tanto tempo quando era tão obviamente incompetente. Levantou-se e colocou a caneca meio cheia na pia, seu apetite para cafeína havia sumido.

Quando se virou, Wil estava na porta da cozinha, sua expressão neutra. Ele piscou para ela e balançou a cabeça.

—É demasiado tarde.

—O que aconteceu?

Ele cambaleou para a cozinha e puxou uma cadeira, deixando-se cair nela. Soltou um suspiro áspero.

—Michelle está morta.

—O quê? — Seu coração parou, seu estômago subiu para sua garganta. —O que aconteceu?

Ele engoliu convulsivamente.

—Um amigo dela encontrou-a no chão de sua sala de estar. Ele foi lá de manhã, quando Michelle não apareceu para trabalhar. Ela

morreu em algum momento da noite passada.

Um calafrio correu através dela. Michelle poderia ter sido morta ali quando eles estavam na porta ao lado.

—Como ela morreu?

—Não sei. A única coisa que ele me disse é que estão olhando para isso como um homicídio. O chefe não quis me dar detalhes.

—Por que não? — O cabelo na parte de trás de seu pescoço se arrepiou ao selvagem olhar em seus olhos.

—Provavelmente porque sou suspeito. — Mérida puxou outra cadeira e sentou, encarando-o sobre a mesa. Ele se recusou a encontrar seus olhos.

—Isso não faz sentido. Você estava no trabalho ontem à noite. Você tem um álibi sólido.

Ele balançou a cabeça, seu intenso olhar segurando o dela.

—Não voltei para o trabalho na noite passada. Depois que Royce e você partiram, não voltei.

Ela engoliu em seco. Isso não soou muito bem.

—O que você fez?

—Não machuquei Michelle, se é isso que você quer dizer. Nunca iria machucá-la. Fiquei no carro, olhando para a casa dela e tentando debater algumas coisas.

—Como o quê? — *Assassinato, talvez*?

—Como sair da cidade. Começar mais uma vez. Tenho estado aqui por muito tempo de qualquer maneira. — Passou a mão pelos cabelos escuros, seus olhos nunca deixando os dela. —Se tivesse visto os problemas com ela mais cedo, poderia ter sido capaz de salvá-la. Ela tinha seus problemas, mas não merecia morrer.

—Não é sua culpa. Você não pode culpar a si mesmo. — Queria repreendê-lo por ser tão estúpido sobre Michelle em primeiro lugar, mas não teve coragem de fazê-lo. Ele devia estar passando pelo inferno, e tão estúpido quanto achava que ele tinha sido para toda a situação, não poderia aumentar sua dor, o lembrando.

—Ela era a pessoa errada para se envolver — ele disse, agitando a cabeça. —Talvez se tivesse dito não a primeira vez que me pediu para sair, ela não estaria morta agora.

Mérida colocou a mão sobre a dele.

—Isso não é verdade. Isso não tem nada a ver com você. O *Aparasei* a matou. É muita coincidência que os outros assassinatos ocorreram na porta ao lado.

Ela franziu a testa. Assumindo que a mulher a quem Calusius se referia em seu sonho fosse Michelle. Mas ele não tinha tomado Michelle. Ao invés disto, matou-a.

Wil saiu do aperto da mão dela e lentamente se levantou da cadeira, seu olhar cansado e triste.

—Tenho que ir até a delegacia de polícia. O chefe tem um par de perguntas para mim.

—Você trabalha para ele. Ele sabe o tipo de homem que você é. Por que sequer suspeitaria que você fosse capaz disso?

Ele deu de ombros.

—As pessoas falam. Não sou exatamente o Senhor Popularidade aqui. Você viu minhas chaves?

—Está no meio da tarde. Você não pode dirigir. Não será capaz de lidar com o sol por muito tempo. Pode sofrer um acidente.

—Royce vai me levar. Já pedi a ele. Está lá em cima se trocando.

Não, se ele quisesse voltar inteiro.

—Besteira. Nem um de vocês vai pôr em perigo suas vidas. Posso lidar bem com o sol. Vou dirigir. Ambos podem sentar atrás e dormir um pouco.

Wil piscou, seu olhar incerto, como se não estivesse acostumado com pessoas sendo gentis com ele.

—Você não precisa fazer isso.

—Na verdade, se você insistir em ir a algum lugar neste momento do dia, penso que preciso.

Royce entrou na sala, e antes que ela pudesse dizer a Wil que parasse de ser um idiota arrogante e aceitasse um pouco de ajuda, ele entregou-lhe as chaves do carro.

—Apreciaria muito se você dirigir. Nos dois apreciaríamos.

Wil jogou as mãos no ar em derrota antes de mexer em uma pilha de correspondência no balcão. Ele finalmente encontrou o chaveiro e enfiou-o no bolso.

—Tudo bem. Certo. Estou pronto para ir. Basta dirigir com cuidado, ok?

Sabendo que ele devia estar chateado com a morte de Michelle, ela decidiu não dar lhe dar a resposta que merecia.

Seguiu Royce e Wil pela porta da frente.

*****

Dez minutos mais tarde, eles pararam na frente do prédio de tijolos pequenos que abrigava a Delegacia de Policia de Caswell.

—Espere aqui, — Wil disse quando saiu do banco de trás e caminhou em direção à porta de vidro. Seus ombros estavam curvados quando abriu a porta e entrou.

Royce sentado no banco de passageiro colocou a mão sobre o joelho de Mérida,

—O que você acha de tudo isso?

Ela suspirou e balançou a cabeça.

—Acho que seu amigo está em sérios apuros.

—Como você sabe?

—Ele e Michelle tinham namorado, então tiveram uma briga onde ele a ameaçou, quem sabe o que ela poderia ter dito sobre isso, e exatamente o que ela disse. Ele não voltou ao trabalho ontem à noite, não fez contato com qualquer pessoa, então não tem nenhum álibi. E você sabe tão bem quanto eu, que numa situação como esta, o marido ou amante está geralmente no topo da lista de suspeitos. Você sabe que eles nunca vão encontrar o verdadeiro assassino para qualquer um dos recentes assassinatos. Wil levaria convenientemente a culpa.

Royce se mexeu no banco do carro.

—Não pensei em tudo isso. Se eles suspeitarem dele, não sei o que ele planeja fazer.

—Confie em mim, ele vai ser um dos suspeitos. Os homens são mais propensos a tendências violentas. Pelo menos, é o que os chamados estudos nos levam a acreditar. — Ela sabia de forma diferente, mas também sabia que havia uma grande diferença entre mulheres humanas e as mulheres de outras raças... Ela encontrou casualmente algumas mulheres que fariam sangue de um macho humano comum coagular.

—Sim, é o que dizem. — Ele inclinou-se ainda mais e fechou os olhos. —Espero que ele tenha um plano para sair daqui rápido, ou então poderá haver algumas complicações sérias.

Mérida assentiu com a cabeça. Ela entendeu completamente. Se

Wil fosse preso, ele não poderia se alimentar. Isso o mataria, ou o deixaria louco.

Wil saiu da estação, poucos minutos depois, uma carranca no rosto. Tirou os óculos do bolso da camisa e os colocou enquanto caminhava até o carro e deslizou para o banco de trás.

—Vamos embora. Preciso sair daqui.

Royce virou para Wil.

—O que aconteceu?

—O que aconteceu? O que você acha que aconteceu?— Ele se recostou no assento e virou para a janela. —Vamos falar sobre isso mais tarde. Agora eu só quero dormir.

*****

Ele fechou os olhos e ficou em silêncio durante a viagem de dez minutos de volta para sua casa, mas Mérida tinha um pressentimento que sono era à última coisa em sua mente. Ele não abriu os olhos até que ela colocou o carro na garagem e desligou a ignição.

Quando eles entraram na casa, Wil dirigiu-se para as escadas sem uma palavra para Mérida ou Royce. Ela agarrou seu braço para impedi-lo de sair da sala.

—Que? - Ele tentou empurrar sua mão. —Agora acabou. Você deve estar feliz.

—Não acabou. Nem mesmo está perto de acabar.

Ele apenas resmungou e passou por ela para a sala. Royce tentou segurá-la, mas ela se esquivou de suas mãos e seguiu Wil.

Royce passou por ela, dando-lhe um olhar de advertência, antes de parar na frente de Wil.

—Você quer falar sobre isso?

—Não há nada para falar. — Ele respirou fundo e expirou lentamente. —Michelle está morta. Neste momento, estou no alto da lista de suspeitos, o que o meu chefe chamou de comportamento suspeito. Pedi minha demissão formalmente hoje, por isso agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra para dar o fora daqui.

Royce balançou a cabeça.

—Você não pode partir ainda. Não agora, não importa o que você pensa.

—É minha parte nisso. — O olhar em seus olhos contava uma história completamente diferente.

Mérida caminhou até Royce, suas mãos sobre seus quadris. Se ele pensou em chamar Royce aqui para obter ajuda e, em seguida, deixá-los sozinhos, tinha que pensar de novo.

—Sim, certo. Não acho que você é do tipo de desistir no meio de uma investigação.

—Você não tem nenhuma ideia de que tipo eu sou. Você não sabe nada sobre mim.

—Sei o suficiente. — Ela tentou soar calma e relaxante, mas mal podia controlar isso pela tensão e raiva. —Olha, sei que você está passando por muita coisa agora, mas você precisa se recuperar. Chamou Royce e a mim para algo, que não foi realizado ainda. Temos de trabalhar juntos para cuidar de Calusius antes que ele destrua a cidade inteira. Ele me disse que quer me levar de volta com ele, e tenho que lhe dizer que não vou desistir sem lutar.

Os ombros de Will caíram e ele se inclinou de voltar contra a parede.

—Honestamente não me importo com o que acontecerá.

—Então faça isso por Michelle. Ela se envolveu com algo que não

podia controlar. Ajude-me a pegar esse cara, e você poderá ter sua vingança pelo que fez com ela. Prometo.

Ele olhou para ela, raiva enchendo sua expressão aquecida.

—Sim. Tudo bem.

Ela sorriu.

—Vou ficar e nós cuidaremos disso, mas depois vou embora.

Ela não podia culpá-lo. Às vezes muitas mudanças acontecem rapidamente, e uma pessoa tinha que mudar.

—O que posso fazer para ajudá-lo com isso?

Wil resmungou algo incompreensível e saiu da sala.

—Vou falar com ele. Você fique aqui. — Royce sacudiu a cabeça e falou antes de seguir Wil —Sei que você está tentando ajudar, mas realmente não está ajudando.

******

Hum. Ela deixou-se cair no sofá e descansou a cabeça nas mãos. Poderia isso ser pior?

Sim. Claro que podia. Por mais que gostasse de pensar que poderia lidar com as coisas por conta própria, sabia melhor do que acreditar nisso. Pegou o celular da bolsa e discou o número de Sam. Ele iria sabe o que fazer. Ele sempre sabia.

Ouviu o telefone tocar seis vezes antes de ouvir a mensagem em seu correio de voz.

Você ligou para Sam Kincaid. Deixe uma mensagem.

—Nada como conseguir ir direto ao ponto, Sam, — ela murmurou, esperando o sinal. —Sam. Preciso que você

me chame assim que você puder. É realmente muito importante. Crucial. Vital. Preciso de sua ajuda.

Apertou o botão encerrando a ligação e bateu o telefone contra sua testa. Espero que ele não tenha saído da cidade em um trabalho. Se assim fosse, não teria notícias dele por vários dias.

Capítulo Quatorze

Mérida estava na janela da cozinha, observando Wil andar no quintal. O sol se pós uma hora atrás e ele estava lá desde então, andando sem rumo, olhando para o espaço. Não tinha ido para a cama desde que recebeu a chamada telefônica sobre Michelle, e isso a preocupava.

Ele voltou para a sala alguns minutos depois que ela tinha ligado para Sam, caiu no sofá e ligou a TV. Passou o dia inteiro olhando fixamente para a tela.

—Ele ainda está lá fora?— Royce perguntou quando se aproximou dela e abriu as cortinas para olhar o quintal.

—Sim. — Deixou a cortina cair e sentou em um dos banquinhos no balcão do bar. —Você acha que ele vai ficar bem?

Royce a alarmou ainda mais encolhendo os ombros.

—Não tenho ideia. Mas se ele não sair dessa em breve, vai fazer muito mal a si mesmo. Não diga nada, mas com todo o stress da última semana, ele não tem se alimentado regularmente. Aliado ao fato de que ele não dormiu o dia todo... Só não quero vê-lo se machucar.

—O que podemos fazer para ajudar?

Uma tosse chamou sua atenção para a porta de trás, onde Wil estava encostado no batente da porta.

—Não há nada que você possa fazer.

Ela balançou a cabeça.

—Precisa fazer alguma coisa. Você precisa de uma refeição decente e um longo descanso, e então você vai estar tão bom quanto novo.

—Sim, certo. — Ele pegou o banquinho ao lado dela e sentou, inclinando os braços sobre o balcão. —É fácil para você dizer, desde que você não está prestes a ser acusada de assassinato.

Royce apoiou o quadril em cima do balcão e cruzou os braços sobre o peito.

—Ninguém está acusando-o de qualquer coisa.

—Não. Ainda não. Mas trabalhei para o departamento de polícia por tempo suficiente para saber como ele funciona. — Wil fechou os olhos por alguns segundos. Quando os abriu, ele nem sequer tentou esconder a dor crua em seu olhar. —Não existem outros suspeitos, e não tenho um álibi.

Não sabendo como responder, Mérida olhou para Royce. Ele apenas balançou a cabeça.

—Quando foi à última vez que você se alimentou?— Ele perguntou a seu amigo.

Wil encolheu os ombros, sem olhar para cima.

—Tem sido há um tempo. Não sei. Não fui acompanhando.

—Você parece uma merda.

Wil soltou uma risada, a este tempo olhando na direção de Royce.

—Você não é exatamente uma rainha da beleza, Cardoso. — Fez uma pausa e respirou fundo, deixando o ar sair lentamente. —Não me alimento há uns dois dias. Nada que não possa lidar.

—Besteira. Você quer que eu vá com você? Podemos encontrar alguns...

Wil se afastou do balcão, empurrando o banco com tanta força que o derrubou, caindo no chão com um estrondo.

—Não precisei de um pai em séculos, e certamente não preciso de um agora. Cuide da sua própria merda.

Mérida olhou para ele. Não parecia bem. Parecia o inferno, ou pior.

—Estou aqui, — ela deixou escapar, ganhando um olhar penetrante de Royce. —Posso ajudar, se você precisar de mim.

Wil voltou-se para olhá-la lentamente, seus olhos escuros a avaliando.

—O que você pode fazer por mim?— Ele perguntou seu tom insinuando suspeita.

—Você pode se alimentar de mim.

Esperança acendeu em seus olhos, mas ele balançou a cabeça.

—Não poderia fazer isso com você.

Homens. Por que eles têm que ser tão teimosos e obstinados?

—Neste momento, não acho que você tem o direito de ser exigente. Você nunca deveria ter deixado de se alimentar por tanto tempo. Você tem que pegar o que pode conseguir antes de estar muito fraco para se alimentar por conta própria.

Ele começou a protestar quando Royce contornou o balcão e pegou o braço de Mérida em suas mãos. Ele trouxe seu pulso para sua boca, a sensação familiar de dor e prazer a percorreu quando suas presas perfuraram sua pele. Ela soltou um pequeno suspiro, o olhar unido com Wil quando Royce delicadamente sugou seu pulso.

Wil lambeu os lábios, os olhos escurecendo e os músculos de sua mandíbula trabalhando. O estômago de Mérida se apertou quando seus olhos caíram para onde a boca de Royce juntou-se a sua pele.

Tentou conter a onda de excitação que crescia dentro dela, mas não era fácil.

Royce levantou os lábios e uma gota de sangue jorrou da ferida. Ela ouviu a respiração ofegante de Wil seguida por um gemido baixo. Sabia por experiência que um vampiro faminto, poderia em um instante ficar fora de controle. O pensamento a assustou e ela despertou, ao mesmo tempo, lançou um olhar rápido na direção do Royce. O que ele tinha planejado?

—Beba, Wil — ele disse suavemente, movendo o pulso dela na direção dele. Wil conteve-se por dois segundos antes de fechar a boca sobre sua carne. Ele chupou forte, uma dor aguda no interior de seu braço, os efeitos de um homem morrendo de fome, de luto.

Ela esperava raiva, talvez ciúme, de Royce, mas se ele sentiu as emoções, elas não apareceram em seus olhos. Ele olhou para ela como se quisesse comê-la viva. Oh, Deus. Sua boca ficou seca e seu pulso acelerou.

—Você está bem com isso?— Perguntou a ela. Ela assentiu com a cabeça, ficando com a sensação de que ele estava falando mais do que a alimentação de Wil.

—Deixe-me saber se você não estiver certo?

—Estou bem. Realmente. — Estava melhor do que bem. Era quase demais para tomar.

E então Royce ficou atrás dela, a mão dele moveu-se para um lado do seu cabelo, os lábios dele na sua pele onde o ombro se juntava ao pescoço. Quando sentiu a mordida de presas nela, quase gozou. Um espasmo atravessou sua vagina e suspirou. Antes de encontrar Royce, ela não tinha pensado que presas e beber sangue fosse algo tão sensual. Mas isso não se comparava a qualquer coisa

em sua experiência, e, até agora, eles somente tinham tocado nela com os seus dentes.

Até agora? O pensamento quase a tirou do transe sensual. Até a onde ela esperava que isso fosse? Será que ela realmente queria que isso fosse mais longe do que apenas uma alimentação em grupo? Será que eles queriam?

Wil passou sua língua ao redor de seu pulso antes de soltá-lo. Seu braço cai ao lado dela, flácido e inútil quanto o resto de seu corpo. Se ela não tivesse se sentado, teria caído no chão em uma grande poça de hormônios.

—Obrigado — ele se inclinou e sussurrou contra seu rosto, seu hálito quente fazendo cócegas em seu ouvido. Ela choramingou pronta para arrastar Royce para cima e rasgar todas as suas roupas.

Wil afastou-se dela devagar, arrastando os lábios em sua bochecha e desencadeando pequenas linhas de fogo. Seu olhar fechado com o dela quando ele segurou seu rosto em sua palma. Seus músculos estavam fracos, derretidos pelo calor em seus olhos. Umidade reuniu-se em sua vagina e ela se moveu no banco de madeira que ficava cada vez mais desconfortável. Esperou que Wil fosse embora, mas deveria ter previsto. Nada neste encontro pareceu ir como pensava que seria.

Ele se inclinou e a beijou. Os lábios de Wil eram firmes e quentes, cheios e sensuais. Ela separou os lábios surpresa e a língua dele serpenteou dentro de sua boca, rodando com a dela.

Ela se preparou para a reação irada de Royce, mas ele só ficou atrás dela, apertando seus ombros. Ele havia parado de se alimentar em algum momento, ela não conseguia se lembrar de exatamente quando, e traçou as linhas de seu pescoço com a boca. Ela voltou e apertou as mãos em seus quadris, puxando-o duramente contra si.

Sua ereção pressionada em suas costas enquanto ela se contorcia contra ele.

Sentiu mãos em seus seios, acariciando seus mamilos por sua camisa. Quase se afastou, até que percebeu que eram as mãos de Royce. Ele estava bem com isso, ou não estava vendo que os lábios de Wil continuaram chupando os dela?

A boca de Wil deixou a dela, sua língua mergulhando na cavidade de sua clavícula. Ela passou as mãos em seu cabelo escuro, a suave textura contra suas palmas. Não sabia como Royce aceitaria isso, ou se ela o deixaria continuar. Tudo o que sabia, tudo que poderia pensar, era que não queria que ele terminasse tão cedo.

—Como você está se sentindo?— Royce perguntou.

—*Hum*, bem. — Para uma mulher que estava perto de perder sua mente em dois segundos.

—Levante-se, — ele disse a ela, se afastando para permitir-lhe o espaço para executar seu pedido. Ela levantou-se, mas teve que se segurar na borda do balcão.

Ela não precisa se preocupar em cair, porém, porque tão logo estava fora o banquinho Will a puxou contra ele, esmagando o seu corpo contra o dele quando retomou o beijo.

Sua mente nada mais era do que uma grande pilha de papa sensual, ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e cedeu. Por alguns segundos. Mas, em seguida, sentiu o tórax de Royce e outras partes mais duras de seu corpo contra suas costas e se afastou de Wil, agitada e ofegante.

—Estou bem com isso, — Royce disse a ela, sua boca contra seu pescoço. —Se você está bem com isso, não me incomoda. Se você quiser nos parar, me diga agora.

Ele estava perguntando o que ela pensava?

—Você quer dizer… todos nós?

—Sim — Royce quase silvou no seu ouvido. —Todos nós.

—Você está doido?— perguntou, mas as palavras não tinham condenação. Na verdade, ela tinha estado tão ligada em sua vida. Que mulher não queria dois caras grandes, magníficos, a bajulando? Mas não queria estragar tudo com Royce ou arruinar sua amizade com Wil.

—Você quer que eu pare?— Wil perguntou, mordiscando beijos para baixo ao lado de seu pescoço. —Posso partir e deixá-los ter algum tempo sozinhos para terminar isso.

—Não ouse. Não, a menos que você queira que eu tire seu coração com um palito de picolé — ela revelou sem pensar.

A risada de Royce vibrou contra sua pele, cercando-a em um casulo de calor masculino.

—Devo acreditar que você está apreciando?— Wil perguntou entre beijos.

—Como se você não soubesse.

Ele sorriu para ela, uma pitada do homem que ela conheceu quando veio pela primeira vez a Caswell mostrando através de sua máscara de desespero.

Um pensamento a golpeou naquele momento. Eles estavam muito confortáveis com esta situação. Eles agiam como se fosse à coisa mais natural do mundo.

—É isso algo que vocês dois fizeram juntos antes?

Ambos os homens congelaram. Ela não podia ver o rosto Royce, mas ele falou.

—Nós já compartilhamos antes. Uma ou duas vezes — disse a ela com uma ponta de zombaria.

—Oh — ela conseguiu dizer antes de Wil a beijar novamente, sua língua deslizando em sua boca quando sua mão deslizou até o interior da sua coxa. Ela gritou de surpresa quando ele segurou com a mão seu montículo coberto pelo jeans.

A coisa toda ainda parecia surreal. Realmente estava acontecendo, ou era o subproduto de uma imaginação superativa? Não. Não era um sonho. Ela tinha sentido a picada de suas presas miticamente para qualquer coisa exceto a realidade. E o que a realidade era.

—Tem certeza que está tudo bem para você?— ela perguntou a Royce quando Wil quebrou o beijo. Ela não precisava que ele a odiasse depois disto, não quando eles vieram neste extremo.

Ele apertou seu pênis rígido contra ela em resposta.

—O que você acha?

Ela tinha um pouco de dificuldade, no departamento de pensamento e quanto mais eles a tocavam, pior ficava.

—Preciso sentar.

Royce riu, e soou cansado.

—Acho que nós devemos deitar você em vez disso.

*****

Não se lembrou de como exatamente isso aconteceu, mas alguém a levou sobre os degraus da escada para o quarto de Royce. E, em seguida, Wil estava sobre ela. Suas mãos trabalhando na bainha de sua camisa tirando-a fora de sua cintura e puxando-a sobre sua cabeça. Seu jeans e calcinhas rapidamente a seguiram, aterrissando em uma pilha no tapete de pelúcia.

Ela sentou-se na borda da cama e Wil ajoelhou-se na frente dela, afastando seus joelhos e colocando seu corpo entre eles. Ela correu as mãos de seu peito até o bolso da frente de suas calças. Ele estava duro, quente e forte. Como Royce. Engoliu em seco. Poderia manipular dois homens de uma só vez? Claro, parecia ótimo na teoria, mas não sabia se seu corpo poderia levá-lo sem desligar.

Wil inclinou-se e capturou um dos mamilos em sua boca, suas presas raspando contra a carne sensível. Ela gemeu, arqueando as costas para trazê-la para mais perto dele. Suas mãos chegaram até suas costas e segurou-a contra ele quando sua língua lavou seu mamilo e seus lábios os arreliaram. Ele largou o mamilo e mudou-se para o outro, seu toque embriagador como tinha sido seu beijo.

- Wil, tome. Quero que chupe os seios dela, bem forte, como ela gosta – Royce levantou um seio de Mérida e o ofereceu a Wil, que não se fez de rogado e passou a chupá-la como um bezerro esfomeado.

Royce veio por trás dela, puxando-a para baixo com ele na cama. Colocou a perna sobre seu quadril e apertou seu pênis contra ela. O sentiu mesmo através das camadas de suas calças. O tecido áspero esfolando seu sexo sensível, escovando seu clitóris de maneira sedutora. Suas mãos voaram para seu traseiro. Ele realmente não tinha ideia de como ela estava perto de rasgar suas roupas.

E as roupas de Wil, também. Ele passou a mão para cima e para baixo de suas costas nuas num toque provocante, apenas aumentando o fogo que queimava dentro dela.

Precisava de mais. Isso não era suficiente. Estava quase pronta para sair fora de sua pele. Abriu a boca, mas tudo o que saiu foi um gemido estrangulado quando Wil a beijou nas costas, e afundou suas presas na pele de seu quadril, logo acima de seu traseiro.

Ela resistia duramente contra Royce, que apaziguou um pouco de sua necessidade com golpes delicados de seus dedos ao longo de sua vagina. Ele deslizou primeiro um e depois dois dedos dentro dela, mergulhou tão fundo quanto poderia ir. Ela gemeu, um longo e baixo som de lamento que se transformou em um rugido de prazer.

Seu primeiro orgasmo a tomou de surpresa, atingindo-a como um relâmpago quando Royce apertou seu dedo sobre seu clitóris. Ela se convulsionou duro, sua visão desaparecendo. Quando começou a descer alguém a virou de costas e empurrou suas pernas afastadas. Um toque macio, úmido e quente de penas sobre sua vagina, uma língua.

Ela firmou seu olhar para cima. A língua de Wil. Oh Deus. Havia algo de ilícito, mas excitante sobre Royce assistir a outro homem dar prazer a ela.

Wil movia sua língua em golpes lentos e circulares sobre sua vagina, nunca tocando onde ela realmente precisava dele. A carne dela ainda tremia do primeiro orgasmo, mas precisava de mais. Muito mais. E em breve. Seu corpo foi ferido, pronto para encaixar. As mãos de Royce cobriram as dela, movendo-as para a cabeça de Wil.

Enroscou os dedos no cabelo de Wil, dando-lhe um pequeno empurrão quando levantou seus quadris, silenciosamente, dizendo-lhe o que ela precisava. Sentiu a cama se mexer quando Royce levantou. Poucos segundos depois, ela ouviu o som de um zíper, parecendo muito alto para seus sentidos sobrecarregados.

A cama afundou, quando ele voltou para ela, deitando seu corpo nu ao lado dela enquanto sua boca cobriu a dela e a beijou profundamente. Ele colocou seu seio na palma da mão e apertou, esfregando seu dedo em seu mamilo. Ela puxou o cabelo de Wil quando sentiu o despertar de outro orgasmo construir em sua

barriga. As mãos de Royce estavam em toda parte, ou pelo menos foi isso que sentiu quando seu corpo explodiu novamente em outro clímax poderoso.

Ela ficou mole sobre o colchão, com os olhos fechados e seus nervos cantarolando em satisfação.

—Mérida — Royce sussurrou em seu ouvido. —Você está bem?— Ela começou a assentir, mas depois sacudiu a cabeça.

—Não posso me mover. Não posso pensar.

Nem mesmo protestou quando ele a virou sob seu estômago e a levantou sobre suas mãos e joelhos. Seus braços ameaçaram não resistir e firmou-se nos cotovelos para não cair.

—Royce, eu não posso. Estou acabada...

—Oh, acho que não. — Ele separou suas dobras e esfregou as pontas de seus dedos ao longo de sua vagina inchada saciada. —Minha. — Ele rosnou empurrando seu pênis dentro dela.

Ela pensou que não aguentaria mais, mas estava errada. Desejo aqueceu seu sangue levando-a a ferver quando Royce bateu nela, suas punhaladas duras e irregulares.

Wil estava ao lado da cama, observando atentamente. Ela percebeu que ele tirou a roupa em algum momento, mas estava demasiada envolvida no prazer para notar quando.

O homem tinha um corpo incrível. Era mais magro que Royce, alguns centímetros menor, com músculos bem definidos. Uma tatuagem detalhada de um dragão enfeitava a pele do seu osso ilíaco direito, e outra, uma cobra enrolada em seu braço. Ele tinha a mão em volta do seu pênis muito impressionante e ela choramingou diante do espetáculo.

—Vem cá, Wil.

—Quero provar — disse quando ele hesitou. Ele gemeu e se

juntou a eles na cama. As mãos de Royce apertaram quase imperceptivelmente sua cintura quando Wil se ajoelhou na frente dela.

Provou a ponta do seu pênis com a língua, lambendo a gota de pré-ejaculação que havia se formado lá, pouco antes dela tomar todo o seu comprimento em sua boca. Os golpes de Royce cresceram mais rápido, mais duros e ela teve dificuldade em manter um ritmo com os movimentos de sua boca e língua. Os dedos de Royce encontraram seu clitóris e beliscou abaixo sobre os nervos sensíveis.

Sentiu ele se apertar atrás dela quando Wil se retirou de sua boca e então ela gozou novamente, tudo deixou de existir, exceto seu corpo em convulsão e o pulso acelerado. Gemidos enchiam o quarto, mas não soube de que bocas eles vieram. Ela não se importava.

Desabou na cama, deitada de bruços. Royce caiu em cima dela, a metade de seu corpo cobrindo o dela, sua respiração tão errática quanto a sua. Wil estava deitado de costas, seus olhos apertados, seu olhar dirigido para o teto. Até que viu seu pênis flácido, ela nem percebeu que ele havia gozado.

Sorriu para si mesma, suas pálpebras fechando em saciada sonolência. De manhã, provavelmente se perguntaria por que ela deixou ir tão longe, mas por enquanto só queria saborear o zumbir em seu sangue.

Royce beijou seu ombro, murmurando algo incoerente, e Wil olhou para ela e sorriu. Lamentar? Não. Ela podia não estar disposta a deixar isso acontecer novamente, mas tinha definitivamente valido a pena.

* * * * *

Wil acordou algumas horas mais tarde. Estava enrolado nos lençóis e uma mulher quente próxima a ele. Deu a ela um último olhar antes de deslizar para fora da cama. Ela os perdoaria pelo que aconteceu há poucas horas?

Esperava que sim. Royce se importava com a mulher, mais do que ele obviamente queria admitir, e Wil odiaria ver algo como essa brincadeira ficar entre eles. Mérida gostava de Royce também, mas Will não sabia quem ele chamaria de mais teimoso. Ele riu baixinho.

Agora, se eles pudessem parar de serem tão teimosos por alguns segundos, eles realmente poderiam ver como eram perfeitos um para o outro.

Se ele não tivesse estragado tudo por ficar na noite passada, quando soube que deveria ter ido embora.

Olhou novamente para a cama. Royce se aconchegou a Mérida, puxando-a em seus braços. Uma pontada de vazio bateu em Wil quando ele se lembrou de tudo o que tinha acontecido. Michelle estava morta.

Ontem à noite, Mérida havia oferecido conforto, e ele avidamente tomou tudo o que podia conseguir. Royce, é claro, não se importou. Eles tinham compartilhado muitas vezes ao longo dos anos, mais de uma vez ou duas como tinha lhe falado. Wil não tinha problemas com isso e Royce nunca teve antes, mas nunca compartilharam uma mulher com a qual eles se importavam.

Hoje à noite eles passaram para um novo território. Esta seria provavelmente a última vez que ele iria partilhar uma mulher com Royce. O homem estava tão perdido que não tinha esperança de encontrar seu caminho de volta. Wil tinha suas regras, se recusava a ficar no caminho de um compromisso duradouro.

Sentiu uma mão em seu ombro antes de ouvir Mérida falar.

—Você está bem?

Sorriu para ela.

—Sim. Bela. Você está?

Assentiu se aproximando dele, o olhar se movendo para o quintal.

—Sobre a noite passada...

Teve que rir da ansiedade em sua voz.

—Escute, se você está desconfortável, me desculpe. Essa não era minha intenção.

—Não estou desconfortável com isso. É apenas algo novo. — Ela suspirou baixinho, fazendo-o sorrir. —Você vai voltar para a cama?

Segurou o queixo dela com a mão e ergueu a cabeça dela para cima.

—A noite passada foi incrível. Mas isso não pode acontecer novamente.

—Por que não?

—Não vou interferir com o que você e Royce têm.

—Nós não temos...

Ele balançou a cabeça para parar seus protestos falsos.

—Sim, vocês têm. Apenas certifique-se de perceber isso antes que seja muito tarde.

—Você está falando de Michelle?

Ele balançou a cabeça. A mulher que veio para os seus pensamentos tinha morrido centenas de anos atrás.

—Estou falando sobre você e Royce. Conheço-o desde sempre, e nunca tinha visto ele assim. Mas ele tem estado tão fechado, por tanto tempo, que para ele se abrir não vai ser fácil.

—Quem disse que quero?

—Você. Com seus olhos e com suas ações.

Quase riu da ideia de dar conselhos de relacionamento a uma mulher que tinha tido relações sexuais há menos de três horas atrás.

—Não quero — ela zombou, seu nariz enrugado. —Eu realmente...

Ele balançou a cabeça.

—Sim, mas não é só você. Ele faz isso também. Nunca o vi agir deste modo com uma mulher antes, então você deve ser muito especial para ele.

Ela bufou.

—Sim. Certo. Sou apenas um corpo quente, comida e sexo. Isso é tudo.

—Você e eu sabemos como isso é mentira.

Ela parecia meditar sobre as palavras dele por um tempo antes de concordar.

—Tudo bem. Suponho que é uma possibilidade.

Ele viu muito mais do que isso no seu relacionamento, mas não estava de humor para argumentar. Se não saísse da casa por um tempo, poderia acabar voltando para a cama com ela. Uma vez, Royce provavelmente perdoaria. Duas vezes… parecia duvidoso.

—Volte para a cama com seu homem. Vou sair para uma corrida antes de o sol surgir.

Ele se inclinou e a beijou suavemente nos lábios antes dela andar de voltar para a cama e se aconchegar contra Royce.

Wil entrou em seu próprio quarto e colocou um moletom e uma camiseta velha, preparando-se para queimar um pouco mais de energia. A noite tinha ajudado, mas levaria muito tempo antes dele

poder relaxar novamente.

Capítulo Quinze

Mérida deitou debaixo das cobertas e descansou a cabeça no peito de Royce. Ele estava quente, sua pele firme, suave, e ela adorava isso. Amava-o. Ficaria feliz, no entanto, se ele não a odiasse por agir como uma… bem, uma puta, por falta de um termo melhor. Tinha sido uma devassa petulante e os dois aceitaram isto, provocando-a e acariciando, dando-lhe o melhor orgasmo de sua vida.

Enrugou seu nariz. Tinha pensado que sabia tudo que havia de saber sobre si mesma, até que Royce aparecesse. Ele tinha mostrado coisas que ela gostava, mas que sempre havia pensado não suportar. Palmadas, submissão e até um interlúdio de noite com seu grande e musculoso amigo… revirou os olhos e começou a se perguntar se estava desenvolvendo problemas psicológicos.

Irritada, ela empurrou Royce no lado. Ele murmurou e piscou seus olhos abrindo.

—O que foi?— perguntou sua voz rouca de sono.

—Nada especial. — *Fez-me apaixonar por você, seu grande idiota. Por me mostrar coisas que você pode fazer comigo, isso arruinou todos os outros homens para mim*.

Ele sorriu lentamente, seus olhos ganhando um pouco de nitidez quando ele levantou a cabeça do travesseiro.

—Onde está Wil?

—Foi dar uma corrida.

A expressão de Royce ficou séria. Rolou para o seu lado, seu olhar intenso preso no dela.

—Você esta zangada comigo sobre a noite passada?

—Não. Foi grande.

—Isso não vai acontecer novamente — ele disse a ela, sua voz quase um rosnado.

Ela pestanejou, chocada com sua veemência.

—Porque não?

—Porque não quero qualquer um de vocês com ideias.

Ele a beijou, duro e rápido, rolando ela de costas no colchão antes que ela pudesse articular um protesto.

—Não vou. Acredite em mim— ela garantiu, tentando conter o riso com sua atitude.

Ele olhou para ela, tentando sorrir.

—Realmente?

—Naturalmente. O que é você, burro ou algo assim? Só quero você. Que é a forma como tem sido sempre. — Ela comprimiu seu quadril quando ele se debruçou e beliscou sua mandíbula. —Ontem à noite me pegou de surpresa. Faça-me um favor. Sem surpresas assim, OK?

—É sua paixão de infância falando?— perguntou sua expressão animada.

—Não. Desculpe. Isso não é uma paixão.

—Maldição. — Ele deslizou as mãos sob seu traseiro nu e a puxou para mais perto. Se empurrando dentro dela, parecia tão certo. Por isso mesmo, ela quase não pode segurar a lágrima que tentou deslizar para baixo em sua bochecha.

Royce parou o que estava fazendo.

—O que está errado? Por que é você esta chorando?

—Você me assusta, me deixa fora de mim.

Ele riu.

—Acredite-me, a sensação é muito, muito recíproca.

Ele acariciou dentro dela, seus golpes se prolongando e diminuindo de velocidade. Pela primeira vez, parecia que eles faziam amor. Não era mais apenas sobre sexo. Agora, nenhum deles podia negar isso. Ela fechou os olhos, agarrou os ombros dele, os dedos cavados em seus músculos firmes. Era tudo demais, muito cedo, e sentiu que poderia estourar de emoção. Arqueou seus quadris, bombeando para encontrá-lo punhalada por punhalada, cavando as unhas em suas costas quando um orgasmo lento, cintilante correu através de seu corpo. Royce gozou logo depois, um gemido baixo escapando de seus lábios quando ele roçou um beijo em sua testa.

Ele desabou em cima dela, enterrando a cabeça contra seu pescoço.

—Wil vai voltar logo.

Ela soltou um suspiro longo e profundo.

—Sim, acho que sim.

—Temos algum trabalho a fazer hoje. Acho que devíamos levantar e nos vestir.

—Você está certo. Dê-me cinco minutos.

—Vou entrar no chuveiro primeiro. — Ela observou Royce pegar um conjunto de roupas limpas e ir para fora do quarto. Ele deu-lhe um sorriso por cima do ombro antes de ficar fora de vista.

Ela não se moveu até que ouviu o barulho do chuveiro iniciar pouco tempo depois. Então ela saiu da cama e arrastou seu corpo cansado para seu quarto para pegar suas próprias roupas. Passou uma mão entre seus cachos embaraçados e balançou a cabeça.

O sol ainda nem tinha surgido e o dia já parecia arruinado. A hora de brincadeiras tinha acabado. Agora o trabalho real começava. Calusius nem sequer saberia o que lhe atingiu.

Seu telefone celular tocou quando ela tirou um par de meias de sua bolsa. Pegou-o de cima da cômoda, onde o deixou mais cedo e respondeu aliviada quando ouviu a voz de Sam do outro lado da linha.

—O que esta acontecendo?— perguntou. —Sua mensagem soava conturbada.

—Há um *Aparasei* aqui.

Sam assobiou longo e baixo.

—Merda. Você esta bem?

Ela respirou fundo, rezando para a sua coragem não sumir.

—Não, acho que não. Não sei o que fazer para me libertar disto.

—Fogo, querida. O fogo os mata.

Ok, ela poderia fazer isso. Nenhum problema. Talvez.

—O fogo com fósforos?

—Não. O tipo psíquico. — Fez uma pausa, seu silêncio falando muito mais do que as palavras teriam. —Existe algum motivo para você não poder criar fogo com a magia?

Aqui vamos nós.

—Bem, não sei exatamente. Ele me marcou. Duas vezes. Mas essa coisa toda de ser marcada e não ser capaz de derrotá-los é apenas uma lenda, certo?

—Receio que não — Sam respondeu com voz calma. —É verdade. Você vai precisar de alguém para ajudá-la com isso.

—Sam? Existe algo que você não está me dizendo?

—Estou saindo em poucos minutos. Não devo demorar mais do

que um par de horas para chegar ai. Dê-me o endereço para pôr no GPS e obter as direções.

—Sam? O que está acontecendo?

Seu suspiro ecoou acima da linha do telefone.

—Ser marcado por um *Aparasei* não é uma coisa boa. Falaremos sobre isso quando eu chegar ai.

Ela lhe deu o endereço de Wil e desligou, afundando no colchão. Que diabos ele quis dizer com tudo isso? Teria que esperar horas para descobrir.

* * * * *

Não se atreveu dizer a Royce sobre sua conversa com Sam. Algumas coisas eram melhores deixadas de surpresa. Depois de seu banho, ele tinha ido para a cama para um cochilo, algo que precisaria, pois teria que enfrentar Sam mais tarde. Depois do que aconteceu esta semana, não imaginou que seria uma situação agradável.

Uma hora tinha se passado desde sua conversa com Sam, e ela estava no limite o tempo todo. Precisava saber o que Sam tinha para falar. E sabia onde poderia obter suas informações.

Wil tinha voltado de sua corrida há pouco tempo e subiu para tomar banho. Ela esperou do lado de fora da porta do banheiro.

—Precisamos conversar — disse a ele quando ele abriu a porta e saiu no corredor.

Ele olhou para ela, nervoso antes de olhar pelo corredor até a porta fechada do quarto de Royce.

—Pensei que já tínhamos conversado.

—Não esse tipo de conversa. Estou falando sobre o *Aparasei*.

Ele suspirou um pouco da tensão saindo de seus ombros.

—Ah, isso. Certo. Venha conversar comigo enquanto me visto.

Ela engoliu em seco. Será que ela realmente queria fazer isso? Isso chatearia Royce? Provavelmente. Seguiu Wil rapidamente para seu quarto.

Quando ele deixou cair à toalha e ela não olhou realmente para seu traseiro enquanto ele vestia seus boxes. O que ela viu foi algo que não percebeu a noite passada, as cicatrizes longas, finas que marcava suas costas.

—Onde você conseguiu essas cicatrizes? Alguém realmente fez um número em você.

Ele se enrijeceu.

—Oh, isso. Tinha esquecido tudo sobre elas.

—Sim, claro que você fez. — Olhou mais de perto as cicatrizes, que se assemelhava a uma em seu braço. —Essas são de um *Aparasei*, não é?

Ele suspirou e vestiu um jeans preto. Assim que fechou o zíper, se sentou na beirada da cama e colocou as meias.

—Tive um encontro com uma há alguns anos atrás. Não é nada.

—O que você quer dizer que não é nada? Ele me tocou uma vez e quase morri. Parece que você tomou, pelo menos, doze golpes com qualquer magia que eles usam. — Ela não conseguia manter a desconfiança fora do seu tom. O que ele estava escondendo dela?

—Quinze — disse em voz baixa, o olhar se movendo para qualquer coisa menos nela. Ele se levantou e puxou uma camiseta vermelha sobre a cabeça, enfiando-a no cós da calça jeans.

Ela estremeceu só de pensar.

—O que aconteceu?— Ela perguntou.

—Minha epifania[3]. — Ele riu amargamente quando ele passou a mão pelo cabelo. —Eu era um... pouco selvagem alguns anos atrás. Compliquei-me com algumas coisas que eram melhor serem deixadas sozinhas, e fui atacado por um *Aparasei*. Provavelmente deveria estar morto, pelo menos desejei isso, por um par de dias, mas sobrevivi. Eles só matam quando querem, mas eles são capazes de infligir uma boa dose de dor.

Ela passou a ponta do dedo para baixo em sua camisa sobre uma das cicatrizes que tinha visto. Começava logo abaixo do ombro direito e se arrastava todo o caminho até seu quadril esquerdo.

—Ai. — Encolheu-se longe do seu toque.

—Wil?

—Sim. — Virou para ela, sua sobrancelha levantada enquanto passava o cinto de couro preto através dos marcadores da calça.

—Você já foi casado?

—Há muito tempo. Em outra vida.

—Isso foi praticamente o que Royce me disse quando perguntei a ele sobre Sarah.

Ele finalmente sorriu.

—Sim, esta vida morde às vezes. Você nunca pode esperar qualquer coisa por tempo suficiente.

—O que aconteceu com sua esposa?

—Elizabeth morreu. Durante o parto. — Ele balançou a cabeça. —Ela não estava preparada para se transformar. Ela me disse para

[3] **Epifania** - é uma súbita sensação de realização ou compreensão da essência de algo. O termo é usado nos sentidos filosófico e literal para indicar que alguém "encontrou finalmente a última peça do quebra-cabeças e agora consegue ver a imagem completa". O termo é aplicado quando um pensamento inspirado e iluminante acontece, que parece ser divino em natureza (este é o uso em língua inglesa, principalmente, como na expressão *I just had an epiphany*, o que indica que ocorreu um pensamento, naquele instante, que foi considerado único e inspirador, de uma natureza quase sobrenatural).

esperar alguns anos, ainda tinha algumas coisas na vida que ela queria fazer. Sei que teria estado mais segura como uma vampira do que como humana.

Mérida pestanejou, quase com medo de fazer a próxima pergunta.

—O que aconteceu com o bebê?

—Nasceu morto. — Wil balançou a cabeça, sua expressão doída. —Deveria ter percebido que isso iria acontecer.

—Espere um segundo. Você quer dizer que ela era humana, e você… você conseguiu engravidá-la?

Ele assentiu.

—Um acidente. Queria esperar até que ela tivesse se transformado em vampiro e poderia ter o bebê com segurança.

—Não pensei que isso fosse possível.

—Acredite em mim, Mérida, é perfeitamente possível. — Ele se sentou mais uma vez no lado da cama, seus olhos sombrios e cansados. —Como disse, porém, foi em outra vida. Tenho feito meu melhor para esquecer isso, certo?

Ela tomou aquilo como uma sugestão para sair do quarto ou mudar o assunto.

—Chamei Sam Kincaid, meu antigo chefe.

—Você fez o que? - Wil pareceu surpreendido. - Pelo que Royce me disse, pensei que vocês dois não se davam bem.

—Nós teremos que nos acertar. Ele está vindo para ajudar. — Ela balançou a cabeça. —Ele confirmou o que você disse sobre ser marcada. Não posso fazer nada para me livrar dele, e Royce não têm a capacidade. Então, acho que é Sam nossa única opção neste momento.

—Você provavelmente está certa. Quando ele estará aqui?

—Em uma hora ou duas.

Wil andou até seu armário e puxou uma mala enorme, azul marinho. Ele a colocou na cama, a abriu, e começou a esvaziar as gavetas da cômoda.

—O que você esta fazendo?— Mérida perguntou quando ele tirou uma pilha de camisetas de uma gaveta e colocou na mala.

—Preparando-me. — Ele parou o que estava fazendo por tempo suficiente para encará-la. —Talvez você devesse embalar suas coisas enquanto espera por seu chefe. Não acho que é uma boa ideia voltar aqui depois de Sam se livrar desta coisa.

—Tudo bem. — Ela começou a caminhar para fora do quarto, mas voltou para ele. —Se você quiser falar, estou disposta a ouvir.

Ele olhou para ela e sorriu antes de retornar a sua tarefa.

—Obrigado.

—Você vai manter contato, certo? Deixe-me saber como você está indo?

Seu olhar preso ao dela e ela viu a sinceridade em seus olhos.

—Naturalmente. Nunca esqueço meus amigos. Não mantenho muito deles, assim me certifico de manter contato com os mais importantes para mim.

Ela deixou o quarto para embalar suas coisas, um verdadeiro sorriso no rosto, pela primeira vez no que pareciam eras.

* * * * *

Quando Sam parou seu carro na garagem de Wil, Mérida soltou um suspiro de alívio. Ela ficou na frente da varanda, seus braços

cruzados para afastar o frio do dia sombrio. Seu alívio durou até o segundo que Sam saiu do carro e bateu a porta, olhando-a com um olhar gelado.

—O que diabos você fez?— perguntou quando ele subiu as escadas da varanda. —Porque não pode ficar longe de problemas? Todo o caminho até aqui, estive doente de preocupação.

—Bobagem. Você nunca se preocupou comigo.

Ele levantou uma sobrancelha, seu olhar furioso.

—Quer apostar? Vivo preocupado com você. Sempre estive. Você é como uma filha para mim. Preocupo-me com você mesmo quando você some por meses, sem se preocupar em me chamar e deixar saber que está tudo bem. Não quero ver qualquer coisa acontecer com você.

Surpreendida pela sua confissão emocionada, ela balançou a cabeça.

—Então por que você me fez trabalhar para você, fazendo esse trabalho perigoso?

—Sei que se não deixasse, você faria isso por conta própria. Pelo menos com você trabalhando para mim, podia manter um olho em você. — balançou a cabeça e riu. —Seu irmão quer que você ligue para ele, para poder verbalmente chutar seu traseiro por chegar perto o suficiente de um *Aparasei* e deixá-lo tocar em você.

Ela franziu o cenho e abraçou seus braços mais apertados em torno de seu corpo.

—Tive uma boa razão.

—Estou certo que você teve. Isso não muda o que aconteceu.

—E o que, exatamente isso é? Você me disse que nós conversaríamos sobre ele quando chegasse aqui. Você está aqui. Comece a falar.

—Lá dentro — ele disse. Ela abriu a porta e Sam a seguiu para dentro da casa.

—Onde esta Cardoso? Dormindo, presumo?

—Ele e Wil estarão aqui embaixo em poucos minutos. — Ela não disse a Sam que tinha pedido uns minutos, sozinha com ele antes de iniciar o trabalho real.

Queria saber que problemas a marca tinha causado, e não queria Royce na sala para ouvir o que Sam tinha a dizer.

—Por que, se você sabia que havia um problema enorme acontecendo aqui, você não ligou para pedir ajuda mais cedo?— Sam perguntou.

—Não sabia que era tão grande. Pensei que Royce e eu poderíamos lidar com isso.

Sam olhou ao redor da sala antes de seu olhar voltar para ela.

—Não acho que seja uma boa ideia você passar tanto tempo com o vampiro.

—Por quê?

—Os vampiros são imprevisíveis. *Panthicenos* não são. Somos, por natureza, cuidadosos e metódicos... Bem, pelo menos a maioria de nós. — Acrescentou ele, dando um olhar significativo para ela. —Os dois juntos não é um bom jogo.

Ela lutou contra o impulso de gritar, e gritar exatamente o que ela queria que ele fizesse com suas opiniões. Em vez disso, mordeu sua resposta mordaz.

—Ponto devidamente anotado. Então, qual vai ser o nosso melhor curso de ação aqui?

Sam não disse nada, mas ela sabia por sua expressão que ele estava curioso com o seu comportamento. Ela usou isso para sua vantagem, quando lhe fez a próxima pergunta.

—O que vai acontecer comigo agora que eu fui marcada?

Sam a surpreendeu e preocupou, puxando-a para um abraço.

—Estive preocupado com você no ano passado — disse ele antes de deixá-la ir.

—O que há de errado comigo? Vou morrer ou algo assim?— Ela perguntou de olhos arregalados.

Sam olhou para ela por um longo tempo antes de finalmente falar.

—Não. Você não vai morrer. Você não será capaz de servir como uma Guardiã de Equilíbrio, tampouco.

Ela sabia que não deveria estar feliz com isso, mas não pôde apagar o sorriso que surgiu em seu rosto.

—Por que não?

—O Conselho Superior, que rege os Guardiões é muito rígido com as antigas tradições. Eles acreditam que ao ser marcado por um ser puramente do mal o sangue fica contaminado, tornando-o mal. Sabemos agora de forma diferente, pelo menos a maioria de nós. Mas o Conselho Superior ainda está preso na idade das trevas. Qualquer ser marcado pelo mal não serve ao Conselho para qualquer finalidade. Mas, tenho certeza que você está perfeitamente bem com esta nova situação.

—Oh, estou arrasada.

Na verdade, ele riu.

—Você sabe que pode voltar a trabalhar para mim a qualquer momento, certo? Meu negócio não é regido pelo Conselho Superior.

—Não, obrigada. Vou levar mais tempo para sentar e apreciar a vida. Gosto da minha liberdade um pouco demais.

Sam assentiu sua expressão amigável mudando para

profissional.

—Acho que você deveria arrumar as malas e ir para casa. Leve Cardoso com você. Vou cuidar disso aqui.

—Não. Não novamente. Você não vai tirar isso de mim. É meu trabalho. Meu. Cheguei aqui primeiro. Não me faça me arrepender por pedir sua ajuda.

—Não me refiro a você, querida, mas você ainda não teve exatamente a melhor história para fazer, ou livrar-se dos demônios.

—Livrei-me de Aiala.

—Depois de especificamente ter solicitado a você para não tentar.

—Para evitar um argumento, estou indo ver o que está mantendo Royce e Wil. Estarei de volta em poucos minutos. — Ela virou e correu fora da sala antes que ela dissesse um monte de coisas que iria se arrepender mais tarde.

Quando ela bateu na porta de Royce, ela se abriu. Entrou no quarto para vê-lo deitado de costas sobre o colchão, roncando suavemente.

—Bela hora para tirar um cochilo...

Ela caminhou para a cama e chutou sua canela. Nenhuma resposta. Ela inclinou-se perto de seu ouvido.

—Ei, Royce?

Ainda nada. Ela soltou uma respiração afiada e afundou seus dentes ao lado de seu pescoço, imaginando que uma pequena mordida seria uma boa maneira de despertar um vampiro.

Má ideia. Antes que ela pudesse se afastar, ele a teve presa no colchão embaixo dele.

—O que inferno foi isso?

Ela deu um suspiro trêmulo.

—Desculpe. Não achei que você reagiria tão fortemente.

—Bem, eu fiz. Agora você tem que lidar com isso. — Ele abaixou a cabeça e beijou-a duro, mas ela o empurrou.

—Agora não, Royce. Nós temos que conversar. — Ele saiu de cima dela com um gemido.

—O que é?

—Sam está aqui. Ele está insistindo em assumir.

A expressão de Royce escureceu os olhos cor de nuvens carregadas.

—O que diabos ele está fazendo aqui?

—Meio que liguei para ele. — Ela pulou fora da cama e caminhou em direção à porta. —Encontre-me no andar de baixo em cinco minutos, OK?

—Pare aí, Mér. Ele apontou um dedo para ela, seus olhos se estreitaram. Você tipo o chamou? Ou você fez, ou não fez.

—Ok, fiz. Mas só pensei que ele iria vir aqui para ajudar. Não achei que ele iria assumir e me enviar para casa.

Royce suspirou e balançou a cabeça.

—Merda. Todas as sugestões, gênio? Você é a única que o trouxe aqui. Gostaria que você tivesse falado isso comigo primeiro.

—Desculpe. Não sabia que isso ia acontecer.

—Como é que não? Você sabe que tipo de homem é Sam.

—Sei que ele ajudou Eric a me criar. Ele é a coisa mais próxima de um pai que tenho.

Royce riu sem graça.

—Então não vou incomodar você, dizendo-lhe o bastardo cruel que o cara realmente é. Acho que você não iria querer saber disso.

Ela bufou.

—Cale a boca. Ele não é tão ruim quanto você parece pensar.

—E ele não é tão bom quanto você parece pensar, também.

Ela daria isso a ele. Tinha visto Sam no trabalho, e sabia que Royce falou a verdade. Ainda assim, não gostou dele insultando alguém de sua família.

—Tudo bem. Nós podemos discordar sobre isso mais tarde. Agora, temos um *Aparasei* para parar, que só pode ser destruído pelo fogo psíquico, aliás, que não posso usar com ele desde que fui marcada. Sam pode fazê-lo, então acho que nós precisamos deixá-lo ficar. Vou ficar também. Quero ver isso até o fim.

—Eu também. — Royce caminhou até ela e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. —Além disso, não vou deixar você até que saiba que você está segura. — O coração de Mérida falhou uma parada em seu peito e ela sentiu uma lágrima em seu olho. Ele planejava deixá-la uma vez que estivesse segura? Gostaria de ter sabido mais cedo.

-Grande cara. - Disse para si mesma. - *Nunca deveria ter me apaixonado por você.*

Limpou a lágrima quando saiu do quarto. Sabia o que esperar dele. Iria sobreviver de alguma forma. Ela sempre fazia.

* * * * *

Sam parou seu carro em frente à casa onde eles esperavam encontrar Calusius e Mérida saiu do banco do passageiro. Vinha lutando arduamente para conter as lágrimas sua conversa com Royce, e até agora tinha disfarçado bem.

Quando Sam tinha lhe perguntado o que estava errado, falou da

promessa que Calusius de levá-la de volta com ele a incomodava. Sam comprou ou, pelo menos pensou que ele fez. Se ele duvidou dela, não disse nada.

Royce parou atrás de Sam, com Wil dirigindo por último. Ele estacionado na rua encontrou o resto deles na frente da casa. Uma névoa cinzenta pairava no ar úmido, clima adequado para o que eles estavam prestes a fazer.

—Espero que você saiba o que está fazendo — ela disse a Sam.

—Claro que faço.

Ela olhou para ele. Ele não parecia nem um pouquinho nervoso. Bem, alguém fora do grupo deles tinha que ser confiante.

Royce veio para perto dela e pegou sua mão, apertando suavemente. As lágrimas que tinha estado segurando começaram a deslizar, então, tentou se afastar. Ela balançou a cabeça quando ele não a deixou ir, mas ele a puxou para um abraço e beijou o topo de sua cabeça.

—Vai ficar tudo bem. Prometo.

Raiva tomou conta dela. Suas lágrimas secaram, afastou-se de Royce.

—Não me diga. Sam sabe o que está fazendo.

—Não foi isso que quis dizer.

—Guarde isso para alguém que dá a mínima, vampiro. — Ela andou em direção à casa, não querendo prolongar por mais tempo o inevitável. Quanto mais cedo eles terminassem isso, mais cedo ela poderia ter Sam a levando para o aeroporto para que pudesse voltar para casa e tomar banhos de sol e esquecer um vampiro irritante que disse que a amava, mas realmente não queria dizer isso.

Sam passou por ela assim que abriu a porta da frente. Royce e Wil a seguiram. Para sua surpresa, Calusius estava no centro da sala, os olhos brilhando, esperando por ela.

—Você está pronta, pequena gata?— Ele riu um som que a fez querer cobrir seus ouvidos.

—Você matou a mulher que morava ao lado? — Mérida perguntou, dando mais um passo para dentro da sala.

—Claro. — Ele fez um gesto amplo com a mão. Fiz o que tinha que fazer. Ela me pertencia. Seu pai me prometeu o seu filho primogênito anos atrás, mesmo que ele tenha planejado não ter filhos. Tinha a certeza que a criança foi concebida. Não respeito alguém que quebra seus negócios.

—Por que você a matou?— Wil perguntou, com as mãos curvadas em punhos ao seu lado.

—Ela se recusou a aceitar seu destino. — Calusius olhou para Mérida. —Você não receberá a oportunidade. Vejo que você trouxe outro gato, minha querida. Como é divertido.

—Cale a boca — disse a ele, seu sangue batendo com raiva. Por que ele tratava tudo isso como uma grande piada? —Você vai morrer hoje.

—Engraçado — Calusius disse suavemente. —Ia dizer o mesmo para você.

Caminhou em direção a ela, sua marcha surpreendentemente rápida, dada a forma redonda, curvada de seu corpo. Quando chegou a poucos metros dela, ele estendeu a mão.

Sam acenou uma mão no ar em sua direção e o mandou em espiral de costas contra a parede.

—A senhora está certa, *Aparasei.*

Sam levantou as mãos no ar à altura dos ombros e fez um movimento extraordinário. Bolas de fogo explodiram de suas mãos, disparando em todas as direções. As chamas bateram nas paredes, nos móveis e cortinas.

Mérida piscou enquanto as chamas lambiam as paredes brancas, chamuscando-as de preto. As cortinas desapareceram e o fogo começou a se espalhar pelo chão na direção deles. Logo as chamas envolveram o outro lado da sala.

Calusius gritou, um som muito agudo que fez doer a cabeça de Mérida. Royce a segurou pelo braço e tentou puxá-la para trás dele, mas ela retirou-se de seu aperto quando Calusius saltou no ar e lançou-se na direção dela.

Sentiu a mão de Royce no braço, ouviu-o chamar o seu nome, mas só conseguia focar em Calusius se movendo em direção a ela, como se estivesse em câmera lenta.

Assim que ele chegou perto o suficiente para tocá-la, Sam estendeu a mão e agarrou-o pelo capuz de seu manto e jogou-o de volta para as chamas.

O fogo o engolfou, derretendo o seu corpo acinzentado, chamuscando suas roupas, virando os olhos ardentes para um cinza opaco pálido. Ele explodiu, as cinzas de seu corpo pulverizando por toda a sala e sobre eles. Royce pigarreou, Wil tossiu, e Sam a segurou pelo braço.

—Precisamos sair daqui antes de as chamas chegarem até nós.

Eles correram para fora da porta e cambalearam para o quintal da frente, ao mesmo tempo em que a casa inteira explodia em chamas. Todos ficaram boquiabertos com a bagunça, ninguém disse qualquer coisa.

Mérida sacudiu a cabeça, ainda em choque com o tão perto ela esteve de vir a ser tornar uma parte da coleção de um ser do mal.

Royce quebrou o silêncio quando virou para Wil.

—Qual é a probabilidade de que ninguém na cidade irá perceber isso?

Wil soltou uma risada.

—Nenhuma.

—Então vamos sair daqui. — Royce virou-se para Mérida. —Você vem comigo?

Ela agitou a cabeça.

—Não, não vou.

*****

Ela entrou no carro de Sam, sem olhar para ele. Sam pegou no volante alguns segundos mais tarde e eles se afastavam da casa, seguidos pelo carro de Wil, pelas estradas de volta para fora da cidade.

—Você está bem?— Sam perguntou uma vez que eles tinham deixado os limites de Caswell.

—Vou sobreviver.

—Não foi isso que perguntei.

Ela encolheu os ombros e recostou-se contra o assento de couro macio.

Devia se sentir feliz, alegre por conseguir sair viva, que todos eles tinham, mas não conseguia reunir a emoção. Sentia-se vazia e plana. Abandonada pelo homem que amava com todo seu coração. O único homem que amou. Levaria um longo tempo antes que se

recuperar disso.

Meia hora no carro silencioso, Wil parou seu carro dentro do estacionamento de uma pequena pousada na estrada. Royce, entre eles, seguido por Sam na retaguarda.

—O que estamos fazendo?— Mérida perguntou. —Eles dormem de dia. Nós não.

—Dê-me alguns minutos. Quero ir lá dentro e ver se consigo uma xícara de café e algo para comer. Você parece precisar.

Sam saiu do carro e seguiu Royce para a casa de campo pequena que servia de escritório do motel.

Mérida soltou seu cinto de segurança e saiu do carro, esticando os braços acima da cabeça. Sorriu levemente quando Wil a abordou.

—Obrigado por tudo. Aprecio isso.

—Obrigado por quê? Arruinei a vida de todo mundo.

Ele balançou a cabeça e puxou-a para um abraço.

—Nem sequer comece. Está terminado. Seja feliz porque você está viva. Onde é que Sam foi?

—Conseguir algo para comer. Acho que isso é um adeus.

Wil franziu o cenho e deixou caiu seus braços ao seu redor.

—Aonde você vai? Você não vai com Royce?

—Não posso. Ele não me quer.

—Isso é tolice e você sabe disso. — Wil colocou as mãos sobre os ombros dela e apertando levemente. —Se você o deixar, vai matá-lo.

—Eu morrerei se ficar, só para o ver ir embora agora que sabe que estou segura.

Ela olhou para o escritório e viu Sam caminhar em direção à porta.

—É melhor voltar para o carro. Sam não gosta de ficar esperando.

—Mérida.

—Já me decidi. Lide com isso.

—Tudo bem. Apenas cuide de si mesma. — Wil se inclinou e a beijou, duro e rápido. —Apenas para registro, Mérida, acho que você está cometendo um grande erro.

Balançou a cabeça quando voltou para o carro para esperar por Sam. Ir embora era a única coisa nesta bagunça toda que ela fez certo.

Capítulo Dezesseis

Ela foi embora. Mais uma vez. E isso tinha condenadamente dilacerado seu coração. Royce poderia ter feito o seu melhor para tentar esquecê-la novamente, como se isso pudesse ter acontecido, se Ellie não o tivesse chamado.

Ela o tinha xingado um montão, o chamando de todo os nomes do manual por não ter ido atrás de Mérida. Parece que, quando se tratava de compromisso, Mérida podia ser até mais teimosa do que ele.

Então arrumou as malas e a perseguiu. Mais uma vez. Esta seria a última vez. Mas tinha um grande trunfo para jogar agora. Sabia o que ela sentia por ele e não tinha nenhum problema em usá-lo para sua vantagem.

*****

Sentou na sala de estar dela no meio do dia, durante todo o tempo esperando ela chegar em casa. O homem que afirmou ser seu empregado tinha sido fácil de se livrar. Um clarão de suas presas e o covarde tinha fugido.

O que funcionou bem para ambos, porque Royce teria que matar o cara se ele não tivesse saído. Ele não gostou da ideia de Mérida ficar sozinha, dia após dia, com o cara. Jovens rapazes como aquele

causavam problemas.

O som da porta da frente, se abrindo e fechando ecoou pela sala, seguidos pelo som de sapatos de salto alto no chão de ladrilhos brilhante. Um segundo depois, Mérida entrava na sala.

—Pensei ter sentido cheiro de vampiro.

Ela parecia melhor do que ele já a tinha visto, e sentiu tudo de novo. Ele era um caso perdido, puro e simples. Se ela não visse as coisas de sua maneira, não sabia o que faria. Não seria bonito, isso podia garantir.

—Bom ver você, também — ele murmurou.

—O que você quer? — Sua voz estava segura demais, sua vivacidade vibrando demais. Ele não comprou o ato nem por um segundo. Mas não tentou impedi-la, tampouco. Ainda não.

—Não posso visitar uma velha amiga?

—Ouvi algo semelhante antes. Não funcionou naquele tempo. — Ela girou e começou a voltar para o outro lado da sala. —Você sabe o caminho da rua.

Ele a deixou caminhar quase todo o caminho até a porta que levava para fora da sala antes de falar.

—Se você me ama, você não vai se afastar de mim novamente.

Ela congelou. Não precisava ver seu rosto para saber o dilema interno acontecendo dentro dela. Se continuasse andando, ela iria perder. Se ficasse, estaria admitindo sua fraqueza. Por um segundo acreditou que ela iria embora, mas girou devagar para ele, uma mão no quadril e a outra apertada em um punho ao seu lado.

—Como você ousa jogar isso na minha cara?

Ele ficou de pé e caminhou para ela, parando a poucos metros de onde ela estava.

—Como você se atreve a fugir de mim novamente, sem nem sequer dar um adeus?

Ela pestanejou, tragando audivelmente na sala grande.

—Fiz o que era o certo para nós dois.

—Besteira.

—Desculpe-me?

—Você me ouviu. - Ele balançou a cabeça e deu uma risada desanimada. —Você sabe como me sinto sobre você. Mas está tão fechada em si mesma que não pode ver que uma coisa boa poderia ter acontecido, se você apenas deixasse isso acontecer.

—Sem cordas. Sem rótulos. Lembra?

Ele lembrava. Agora ele desejava que ela se esquecesse.

—Não quero isso.

—Bem, eu quero.

Ele não pensava assim. Apenas olhou para ela, buscando o seu olhar e uma lágrima escorregou pelo seu rosto.

—Não faça isso, Royce. Por favor. Estou segura agora. Você não tem que me proteger mais.

Protegê-la? O que ela estava falando?

—Não estou te entendendo, querida.

—Você me disse que ficaria comigo até que soubesse que eu estava segura.

Ele fechou os olhos brevemente, lutando contra o impulso igualmente forte de puxá-la em seus braços e colocar algum sentido nela. Respirou fundo e abriu os olhos, sem se mover de onde estava.

—Não achei que você levaria isso tão literalmente. Nunca quis te mandar embora.

—Você não queria?

Ele balançou a cabeça.

—Não. E até onde sei, mulher, você é um canhão à solta. Você é muito impulsiva. Nunca pensa em sua própria segurança. Não tenho certeza que você vai estar verdadeiramente segura.

Ela riu de seu comentário, mas ao mesmo tempo, uma lágrima escorregou pelo seu rosto.

—Sério?

—Sim, e por isso parece que você vai ficar presa a mim por um longo tempo. Talvez para sempre. Até que você aprenda a controlar seus impulsos, vai ter que lidar comigo por perto.

Ela deu um pequeno passo mais perto dele, piscando os olhos.

—Não posso mudar quem sou. Receio dizer que sempre vou ter pouco controle sobre o meu lado impulsivo.

—Para sempre?— ele perguntou, por fim relaxando o suficiente para sorrir.

Ela fungou.

—Temo que sim.

Ele balançou a cabeça.

—Então acho que você vai ter que ficar comigo. Você sabe, só para ter certeza de que estará segura.

Correu até ele e colocou os braços ao redor de seu pescoço. Ele alisou os seus cachos com a palma da mão.

—O que você quer de mim, Mérida? O que você quiser você pode tê-lo. Farei qualquer coisa para você. Você sabe disso, não é? O que você quer?— Repetiu quando ela não respondeu. Ela se retirou de seus braços e olhou para ele com os olhos incertos.

—Mais do que você poderia me dar.

—Diga-me. Você pode se surpreender.

Ela hesitou por apenas um segundo antes de deixar escapar:

—Quero amarrar você, como você fez comigo.

Ele engoliu em seco. Merda. Que brilhante ideia tinha sido lhe oferecer qualquer coisa que ela queria, afinal?

* * * * *

Mérida prendeu um cachecol em torno da cabeceira, mobilizando o braço de Royce acima de sua cabeça. Seu olhar seguia cada movimento quando ela verificou o nó antes de passar para o outro. Quando terminou, foi para fora da cama para admirar seu homem, completamente, maravilhosamente nu, amarrado à sua cabeceira de ferro forjado, como o melhor presente que já tinha recebido. Lambeu os lábios em antecipação.

—Não faça isso — Royce resmungou. Ela viu a excitação intensa em seus olhos, que deixou sua mente á vontade.

Tinha ficado com medo de ele dizer não, e depois que concordou, estava com medo que mudasse de ideia. Agora sabia que ele não iria. Ela sorriu.

—Tire sua roupa e venha aqui, amor— ele pediu. Ela riu de suas demandas.

—Quem é que manda aqui?

—Você. Por agora. — Ele falou as últimas palavras com um tom de advertência distinta em sua voz que enviaram tremores através de sua vagina já encharcada. Royce já começava a planejar sua vingança.

Mal podia esperar.

Mas agora, pretendia desfrutar seus poucos minutos de ser a

única no controle completo. Descobriu que não se importava de dar o controle para ele, pelo menos no sentido sexual, mas gostava da sensação de poder que tinha, por ter um homem grande, duro e amarrado à sua cama, esperando para ser feliz.

Acendeu uma das velas brancas em sua mesa de cabeceira.

Royce riu.

—Pode ir mais rápido, mulher? Estive sem você por muito tempo. Sinto que vou explodir.

Ela tirou os sapatos e os chutou para debaixo da cama.

—A vela não é para iluminar. — Abriu o zíper do vestido de verão e deslizou para fora dele, deixando-o cair no chão. A calcinha e o sutiã os seguiram antes dela levantar uma perna sobre a cama e tirar sua meia. Royce prendeu respiração e ela sorriu para si mesma, quando trocou as pernas, lentamente, puxando para baixo a meia da perna. Quando ambas estavam fora, jogou-as sobre o ombro.

—Vem cá, linda — Royce disse. O sorriso dela aumentou quando subiu na cama e montou sobre seus quadris, esfregando sua vagina encharcada sobre a cabeça de seu pênis duro como rocha antes de se colocar em seu estômago.

Ele gemeu.

—Não me provoque.

—Me lembro de você me provocando não muito tempo atrás. — Levantou a vela do prato e segurou-a acima de seu tórax.

—O que você está fazendo?— Ele perguntou seus olhos escuros com a luxúria.

—Tendo um pouco de diversão. — Ela inclinou a vela, pingando uma linha de cera quente acima de seu tórax.

Ele assobiou, então gemeu.

—Foda.

—Em breve — ela prometeu, virando a vela novamente e pontilhando seu tórax com a cera. Ele arqueou os quadris contra ela, seu pênis deslizando contra seu traseiro. —O que você quer agora, vampiro?

—Monte em mim — ele implorou. —Suba em cima de mim e deixe-me foder você. Agora.

Ela colocou a vela de volta no suporte e inclinou-se, apagando-a com um suspiro exagerado. Ouviu a respiração acelerada de Royce segundos antes de ouvir o cachecol rasgar.

Virou a cabeça em direção a ele a tempo de vê-lo se levantar e a agarrar. Tentou sair de seu colo, mas ele foi muito rápido para ela. Ele rolou e a prendeu embaixo dele no colchão, seu corpo grande entre suas coxas e seu pênis contra sua fenda. Sua vagina gotejante, fluidos escorria por suas coxas. Ela choramingou.

—Chega — Royce disse a ela, sua voz áspera. —Preciso estar dentro de você. Agora.

Ele empurrou o pênis em sua vagina, todo o caminho até o punho em um único golpe.

—Sinto muito, Mérida, mas depois daquela exibição não vou durar muito.

Ela sorriu para ele, quando sentiu o despertar do inicio do orgasmo em sua barriga.

—Tudo bem. Nem eu.

Ele ergueu os quadris para ajustar sua posição, fazendo com que os ossos pélvicos dele pressionassem contra seu montículo. Seu corpo estremeceu em um rápido e intenso orgasmo que a deixou sem fôlego.

As punhaladas de Royce cresceram mais duras, a respiração

irregular, apertando sua cintura. Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e enterrou o rosto no ombro dele, inalando seu cheiro. Por que ela pensou que ir embora seria uma boa ideia? Isso não fazia sentido, agora, deitada em seus braços, segurando-o do modo que desejava fazer desde que se afastou dele há algumas semanas atrás.

Royce estremeceu e endureceu em cima dela, o nome de Mérida escapando de seus lábios em um gemido quando ele gozou. Depois de alguns minutos, ele rolou para o lado, seus dedos circulando seus mamilos.

—Sinto muito. — Ele falou.

—Pelo quê?

—Por tudo. Por ser um burro. Não posso garantir que isso não vai acontecer novamente, mas eu tentarei.

Ela lambeu os lábios e esperou, perguntando se ele estava dizendo o que pensou que ele estava dizendo.

—Você se importaria de explicar um pouco mais?

Ele se inclinou para perto dela e respirou contra o seu pescoço, seu hálito fazendo cócegas na pele.

—Eu, hum... Inferno, nem sei por onde começar. Faz 400 anos desde que tive essa conversa com alguém.

Ela sorriu, mas manteve isso para si mesma. Seria possível ser o que ela havia esperando?

—Às vezes a melhor maneira é apenas dizer isso.

Ele assentiu e apertou seu rosto ainda mais no pescoço dela.

—Tudo bem. Você está certa. Mérida, eu te amo. Quis dizer isso à primeira vez, e quero dizer ainda mais agora.

—O que foi isso?— Ela perguntou. —Não posso te entender com o rosto enfiado no meu ombro.

Ele deu um suspiro e olhou para cima.

—Bruxa.

Ela encolheu os ombros.

—Sou dura quando tenho que ser. Diga isto, senhor, ou você vai ter que encontrar outro lugar para dormir.

—Eu te amo, Mérida. — Desta vez, quando ele disse isso, olhou direto em seus olhos.

—Também te amo, seu grande idiota. — Ela beliscou seu queixo, e riu quando ele fez o mesmo com ela.

—Para sempre?— Ele perguntou.

—Sim, — Inclinou-se e o beijou.

—Oh, tive notícias de Wil — disse a ele quando interrompeu o beijo.

—Sim, eu também. Ele me mandou um cartão postal de Seattle.

—Isso é o que recebi também. — Mérida sorriu.

—Ele ficou com uma mulher-lobo loira, de seios grandes — disse Royce. —Isso não é exatamente difícil de acreditar.

—Ele não mencionou nada sobre loira de seios grandes para mim.

—Não estou surpreso. — Royce se inclinou para um beijo rápido. —Ele sabe como você fica com ciúmes.

—Cai na real. — Ela apertou seu braço. —Então, suponho que ele está feliz agora, hein?

—Para o momento. Não contaria que isso dure por muito tempo. Will não é muito bom com compromissos.

Ela riu quando Royce a puxou para outro beijo.

—Nunca se sabe — ela disse-lhe entre beijos. —Olha o que aconteceu com a gente.

—Sim, incrível o que a intervenção de um *Aparasei* faz.

—Sim. Qualquer coisa que funcione — ela disse antes de rolá-lo sobre suas costas. —Basta de conversa, grande sujeito. Tenho outros planos para você agora.

—Faça todos os planos que você quer. Você vai estar presa comigo para um longo, longo tempo.

Sorriu para ele, a dor irritante dor traseiro nunca quis deixar ir.

Finalmente, depois de todo esse tempo, ela o tinha exatamente onde sempre o quis ter.

Epílogo

Royce inclinou-se contra uma árvore, observando Mérida correr livre na clareira à frente. Quando eles vieram para o pequeno vale e ela tinha visto o leão da montanha, seus olhos tinham brilhado. Ele tinha estado preparado para sair do calor, mas ela queria tanto correr. Não podia lhe dizer não.

O sol não estava tão brilhante, pelo menos não debaixo da cobertura de árvores com seus óculos escuros e boné de beisebol. E observar sua corrida em forma de gato compensava qualquer desconforto causado pela luz do sol.

Não podia acreditar como tinha sido fácil aceitá-la pelo que ela verdadeiramente era, uma vez que tinha provado o quanto o amava. E a facilidade com que ela tinha aberto seu caminho dentro do seu coração. Ele tinha fechado suas emoções por tanto tempo que estava levando algum tempo para se acostumar, mas ela estava conseguindo isso dele. Lentamente, mas fazia pequenos progressos a cada dia.

Dar-lhe-ia qualquer coisa que quisesse desde que conseguisse passar o resto de sua vida com ela.

Já fazia um ano, e apesar da estrada ter sido rochosa, ele não trocaria isso por nada do mundo. Eles lutaram bem, e fizeram-se ainda melhores. Todo o tempo.

Quando seu habitual desejo de viajar bateu depois de ter ficado

com ela na Flórida por muito tempo, eles saíram juntos. Alugaram a casa e passaram seis meses viajando pelo mundo e finalmente voltaram para a Carolina do Norte.

Vieram para relaxar após a rápida viagem ao redor do mundo, mas até agora não tinham conseguido muito descanso.

Mérida começou a correr em direção a ele, sua forma de gato mudando quando se aproximou, ficando na frente dele em toda sua gloriosa nudez.

—Ei, bonitão. Quero ter algum divertimento.

Ele balançou a cabeça.

—Não no meio da floresta, no meio do dia.

—Perigo é o que vai torná-lo divertido. — Ela correu a mão ao longo do cume duro de seu pênis. —Por favor? Vou deixar você me amarrar na cama, quando voltamos para o hotel.

Ele riu. Ela gostava de ser amarrada tanto quanto ele gostava de amarrá-la.

—Você vai me deixar amarrá-la de qualquer maneira e ambos sabemos disto.

Ela suspirou dramaticamente e sacudiu a cabeça.

—Bem, tudo bem. Podemos deixar se você insistir. Mas se você se afastar de em mim agora, nós não poderemos usar os chicotes e correntes quando voltamos para o quarto.

Ele imediatamente se animou seu pênis apertando ainda mais contra o zíper de sua calça.

—Chicotes e correntes? Sério?

—Bem... Realmente não tenho correntes. — Ela sorriu. —Vão servir algemas?

FIM